

# REVISTA DA SEMANA

N.º 38

18-9-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil







# AÇUCAR PEROLA



Produto econômico,  
de grande pureza,  
sêco, dissolvendo-se  
inteiramente, dando  
maior rendimento  
que qualquer outro.



FÁBRICA  
RUA PEDRO ALVES, 319

TEL. 43-4830

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS



# Concerto sob a Acrópolis

Atenas, Julho de 1948 — A rua que liga a velha Atenas à parte moderna, correspondente à Via del'Imperio, em Roma, chama-se "Dionísio, o Aeropagita". O nome não pertence ao período clássico, sendo contemporâneo, como tudo o que existe nesta cidade. Aqui não existem meios termos: ou pedras milenares, ou casas recém-construídas. Porque, durante um longo período, através de muitos séculos, a cidade não existiu. Praticamente destruída, ainda quando do período final da civilização helênica, durante a Idade Média a ocupação turca, todos a abandonaram, fixando-se em outras regiões, buscando outras paisagens. Só mais tarde, bem mais tarde, no século passado, ela renasceria, a fim de disputar, com Patras, a primazia da Grécia.

Venceu, porém, talvez graças ao seu encanto e à sua beleza. E, daí em diante, emergiram, pouco a pouco, da terra, as suas preciosidades. O renascimento da Grécia começou aqui, nas escavações da Acrópolis, na descoberta do Teatro, no aproveitamento de tudo aquilo que Bizâncio havia destruído. E essa rua, hoje, não possui maiores características, a não ser um colorido especial, de seus restaurantes e tavernas, dando-nos a impressão de ser uma via como as outras, espalhadas pelos quatro cantos do mundo.

Na verdade, ela é quem liga a Acrópolis ao templo de Zeus Olímpico, onde, outrora, existiu a famosa estátua de Fídias. Desse tempo restam algumas colunas, de capitel coríntio, de elegância singela, uma perfeição de linhas, de sobriedade. E, embora não seja uma linha reta, quem a observa, pode sentir uma certa beleza, naquilo que, outrora, deve ter sido o caminho predileto dos atenienses, por onde passaram muitas gerações, por onde transitaram os elegantes do tempo de Péricles, quando Atenas atingia o seu esplendor máximo.

Hoje, a rua é pouco evocativa dessas coisas. Por um largo trecho, é uma sucessão de casas sem grande expressão, iguais às demais de Atenas. Subitamente, porém, modifica-se. Desaparecem as construções modernas, cedendo lugar às ruínas. É o velho teatro de Dionísio, que aparece diante dos nossos olhos, talvez a mais bem conservada obra de arte da antiguidade, onde, cada segunda-feira, o Governo faz realizar concertos, a preços acessíveis, o que constitui um divertimento obrigatório da população.

Fui a um desses concertos, e confesso ter sido das coisas mais belas a que assisti. O velho anfiteatro, onde as pedras e o musgo se confundem, iluminado pelos refletores e por um bellissimo luar, abrigava seguramente umas quatro mil pessoas, que se estendiam, bancadas acima, até quase o cume do morro. Não havia lugar para todos, e muitos, ao alto, sentavam-se sobre as pedras, escorando-se para não cair, enquanto alguns se mantinham de pé, num equilíbrio tão instável quanto difícil.

Em baixo, sobre um tablado, armado para todo o verão, a orquestra afina os seus instrumentos, enquanto aquela vasta massa humana conversa, discute, comenta os acontecimentos do dia, numa curiosa sinfonia de cores e tonalidades. Ali está toda a Atenas que encontramos diariamente no "bar" do Hotel Grande Bretagne, nas confeitarias, no Tennis Club, em todos os pontos elegantes da cidade. Porque o teatro ao ar livre é um divertimento popular, mas ao qual ninguém deixa de comparecer, pois constitui um dos melhores programas do verão. A temperatura está fresca, agradável, contrastando com a tarde, que havia sido violenta, das mais quentes do ano.

A indumentária é das mais variadas, indo dos vestidos de noite às mangas de camisa masculinas. Aqui, todas as tendências democraticamente se misturam. Os gregos, ao contrário do que sucede conosco, não sofrem de complexo de inferioridade em relação ao calor. Ao contrário, habilmente transformaram o fenómeno em motivo de orgulho nacional. E não se incomodam em andar sem paletó e gravata. No verão, 80% da população consegue abolir esses rigores da "toilette" masculina, simplificando os nossos problemas.

Entre nós, infelizmente, mesmo num teatro ao ar livre, creio que ninguém ousaria desrespeitar as leis da tradição.

Ao fundo, onde outrora deveria ter sido a cena, ergue-se uma imponente muralha de pedra, que constitui uma espécie de cenário natural, a completar o quadro. É uma muralha de longa extensão, com quatro grandes aberturas, à guisa de janelas, por onde se pode ver a noite estrelada. As suas silhuetas se destacam perfeitamente, na escuridão, enquanto o vulto do Partenon mal pode ser entrevisto. Isso porque o teatro fica, precisamente, na base da Acrópolis. O público está voltado numa direção a ela oposta, e a cena é quase em linha perpendicular à montanha. Aos lados, podem-se ver as entradas dos atores, o lugar para a música, numa espécie de sobrado. O chão, todo em mármore, é da época, sem qualquer retoque. É o mesmo em que foram representadas as comédias de Aristófanes, ou as tragédias de Esquilo.

Foi aí que, no ano passado, uma companhia francesa, a "troupe" de Jean Marchat, tão nossa conhecida do Municipal, apresentou "La Guerre de Troie n'aura pas lieu", o que deve ter sido um espetáculo inigualável. Giraudoux, o último ateniense dos nossos dias, não poderia ter melhor cenário. Tudo é grande, é magnífico, nesse teatro de pedra, coberto de musgo, mas onde existe uma força inigualável, que nos sacode os nervos, obrigando-nos a respeitar a memória daqueles que o construíram, tão solidamente que as suas arquibancadas aguentam a massa humana que hoje ali se comprime.

O concerto vai começar. O programa não é dos mais atraentes, porém isso pouco importa. No momento, a poesia não existe nos violinos ou flautins, mas no ambiente que estamos vivendo. Verifico que vamos ouvir o "Concerto Grosso, op. 10", de Haendel, a "Dança Macabra", de Saint-Saëns, uma "Balada", de um compositor grego — Th. Kariotaki — e, para terminar, a "Sinfonia, op. 4", de Brahms.

Com exceção da "Dança Macabra", as demais peças não crescem de valor na grandiosidade do cenário. Não possuindo poder evocativo, transportam-nos a um mundo bem diverso daquele que desejamos viver. Aquêlê teatro ao luar pede, exige, arte grega, e esses compositores não possuem a sua graça e simplicidade. Gostaríamos, ali, de uma "Daphnis e Chloé", de Ravel, por exemplo, mas devemos nos submeter ao programa, agradecendo aos velhos deuses, no Olimpo, a noite inesquecível.

Verifico um detalhe interessante. Ao contrário do Coliseu em Roma, onde as localidades se dividiam entre várias categorias sociais, segundo a fortuna de cada um, aqui existe uma absoluta igualdade. Não há camarotes ou frisas, como no Coliseu. Todos os lugares são idênticos, havendo diferença apenas nas filas. A visibilidade e audição podem, contudo, ser consideradas perfeitas. Há um acústica notável, que permite, em cada lugar, acompanhar igualmente o espetáculo. E, ao contrário do que se possa supor, os pontos mais elevados são extremamente favorecidos. O teatro aberto possui uma autêntica abóbada de som. E dali saio convencido que a democracia ateniense era mais forte que a romana. Pelo menos, em matéria de teatros...

JORGE MAIA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

## REVISTA DA SEMANA

### Sumário

#### COLABORAÇÃO

Concerto sob a Acrópolis (Jorge Maia) 3

#### BIOGRAFIA

A vida de Millet (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 24

#### REPORTAGENS

Comemorado festivamente o Dia da Pátria 6/11

A volta de Procópio Ferreira ao Serrador (Sérgio Brito) 14/17

A vida de Carlos Gomes no cinema 26/27

A Alemanha — Problema número um (Herman Lima) 30/35

#### CONTOS

A ronda do tempo (Mila Galvão) 19

O marido suspeito (Herbert Dalmás) 20/21

Saudades de São João (Vasconcelos Maia) 22

#### SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4

O Mundo Marcha 5

Cine-Revista 25

Broadcast 36

Música 46

Vida Literária 49

Livros Novos 50

Cancioneiro Internacional 52

Pelas estradas do céu 53

#### SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 37

Muro das lamentações 38

Mães e filhos (Zóia de Laet) 44

O espírito feminino através dos tempos 45

A personalidade da semana (Sarah Marques) 47

"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 48

#### ILUSTRADORES

Orlando Matos

Luis Canabrava

Armando Moura

#### NOSSA CAPA

Ilustra nossa capa a artista Linda Darnell, linda morena da Twentieth Century-Fox, atualmente um dos maiores cartazes de bilheteria desta empresa. Em um dos seus últimos filmes, "Ana e o rei do Sião", no qual teve como concorrente a grande Irene Dunne, Linda Darnell mostrou que além de linda é uma grande atriz dramática. Seu último trabalho esteve há pouco na Cinelândia, "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber), ao lado de Cornel Wilde, George Sanders e Richard Greene.





# a SemanA EM REVISTA

## ACABOU-SE O LEITE



Já temos a mão cansada de escrever contra os monopólios. Mas que se há de fazer? As coisas não entram nos eixos e a obrigação é bater na mesma tecla. Hoje vamos relatar um outro abuso, feito às claras, sem o menor receio de punição pelos homens que fazem o "trust" do leite no Rio e que se escondem sob o pseudônimo antipático de C.C.P.L. (Comissão Central de Produtores de Leite). Antigamente, quando não existiam essas fórmulas enigmáticas para nos vender leite, nem C.C.P.L., nem C.E.L., o produto chegava para todos, estava em nossas casas à hora certa, por um preço baixo. Ainda mais, os leiteiros chegavam a brigar, disputando a honra de nos fornecer o leite. Com-

právamos fiado, não pagávamos no fim do mês e tudo continuava na mesma. Veio a C.E.L. e depois a sua filha de nome maior. Monopolizaram o leite. Foi a conta: vieram os encarecimentos sucessivos, começou a faltar o produto, ficamos obrigados a pagar as contas nos postos da C.C.P.L. (ao invés de virem cobrar em nossa casa), enfim, o leite só não desapareceu porque as nossas vaquinhas teimam em produzir com ou sem monopólio. Mas a odisséia dos clientes desse "trust" não termina aí. Ainda agora os moradores do centro da cidade, assinantes da empresa, foram surpreendidos com a seguinte notícia: deste mês em diante a companhia não fornecerá mais leite a domicílio em toda a zona central da cidade. Por que? Perguntam os clientes, mansos cordeirinhos na mão dessa onipotência. Porque estamos tendo prejuízo — responde a Comissão, e finaliza com este modelo de argumento: — "O tráfego do centro está complicado e isto nos acarreta prejuízo". Ora, vejamos como agem os donos da terra! E vai o pobre freguês reclamar... Reclamar a quem? Só se for ao

bispo, porque autoridades outras não existem. Centenas de crianças que têm a desgraça de residirem na avenida Passos, rua da Constituição, Esplanada do Castelo e dezenas de outras ruas, não se alimentarão mais porque a C.C.P.L. está tendo prejuízo. Que história é essa de prejuízo com leite a três cruzeiros o litro? Ainda há pouco, numa reunião de produtores realizada no Rio, os donos do monopólio defenderam como leões a sua parte nos lucros. A C.C.P.L., por outro lado, impede que as leiteiras particulares façam entregas a domicílio. Onde, então, os pais de família poderão adquirir um pingote de leite para as suas casas? A C.C.P.L. não quer saber disso. Talvez tenhamos que nos pegar com o sr. Estrêla, pedindo que o diretor do Trânsito faça mão única no Centro, das quatro da madrugada às nove da manhã, no trajeto por onde correm as carrocinhas da C.C.P.L. Pode ser que com o tráfego livre eles se abalancem a matar a fome de centenas de crianças, doentes e velhos, que já estão sem leite há quase quinze dias.

## CORDIALIDADE URUGUAIO-BRASILEIRA



Durante sete dias o Brasil hospedou a figura impar de diplomata e estadista que é a do sr. Luis Batlle Berres, presidente do Uruguai. Ao presidente Berres já nos uniam fortes e antigos laços de amizade, conquistada em outras épocas, quando s. excia., sendo desterrado por motivos políticos, encontrou acolhida franca e cordial de parte do nosso governo e do nosso povo. Por isto, nós o recebemos como a um velho amigo, que já conhece de perto os nossos problemas e que sabe pessoalmente da amizade que dedicamos aos seus conterrâneos. O Brasil tem, indiscutivelmente, um papel saliente na política sul-americana e esta responsabilidade foi posta em relevo quando o ilustre visitante declarou no seu

discurso de despedida que "essa viagem fôra sem dúvida o episódio mais saliente, mais prestigioso na sua ação de governante da República do Uruguai". Devemos louvar, por outro lado, a ação do nosso Ministério das Relações Exteriores promovendo essas aproximações inter-americanas e providenciando para que a hospedagem aos nossos convidados seja a mais perfeita possível. Durante sete dias o governo e o povo brasileiros demonstraram ao presidente Berres toda a lealdade que une as nossas relações, e a sua visita serviu para que quatro importantes acordos comerciais e diplomáticos fossem assinados. Assim é que receberam a chancela dos representantes dos dois países quatro protocolos: um, versando sobre arbitragem ampla; outro, sobre acordos de turismo; outro, sobre extradição, e o quarto sobre diversos tratados comerciais. O conhecimento que já havia de parte a parte, entre os presidentes das duas repúblicas irmãs, serviu para que tudo pudesse ser apressado. Portanto, além do caráter diplomático, a visita do presidente Berres revestiu-se de grandes vantagens econômicas

para os dois países. A voz deste estadista tem autoridade para falar aos seus concidadãos sobre nossos honestos propósitos de colaboração com o povo uruguio, pois sabem os seus concidadãos como o presidente Berres conhece a fundo e de perto a vida política, social e econômica do Brasil. Esta visita oficial promovida pelo nosso governo é semente que vai frutificar e os frutos dessa árvore servirão igualmente a uruguaios e brasileiros. Este exemplo de cordialidade e compreensão entre nações sul-americanas serve para mostrar ao mundo que a guerra pairará sempre longe dessas plagas, onde os homens de boa-vontade sabem discutir e harmonizar os seus interesses recíprocos. Presidente Berres, o Brasil deseja-lhe um fecundo governo no seu país e a felicidade para os seus compatriotas. Possamos nós estender essa compreensão que unifica o Uruguai e o Brasil a todos os outros povos da terra. Diga aos uruguaios que a nossa terra é uma continuação do chão além-Chuí e que somente a demarcação política separa os dois países. Sob todos os outros aspectos somos irmãos.

## OS PALHAÇOS DA ARENA OU AS LUTAS FALSIFICADAS



O público carioca, desprezando os salões das bibliotecas e as platéias dos teatros, onde pode encontrar cultura e emoção sadia, está favorecendo com o seu patrocínio lutas livres em que se exibem, não verdadeiros desportistas, mas palhaços da arena, que passam diplomas de tolos a todos os que lá vão aplaudir-los... Ainda há dias, um dos nossos matutinos se referia a esses degradantes espetáculos, muito bons para a Beócia, mas inadequados para uma cidade culta e civilizada. Nesse comentário, declarava o referido matutino: "Vimos coisas incríveis. Jamais imaginamos que homens como aqueles, de físicos privilegiados, fossem capazes de se pres-

tar a papéis tão ridículos, servindo de verdadeiros palhaços ao procurarem, com gestos teatrais, irritar o público que, é evidente, não se deixava enganar e prorrompia em estrepitosa vaia. Trata-se de processo usado há mais de vinte anos nos Estados Unidos e que, ainda garotos, vimos várias vezes no cinema. Os lutadores fingem transgredir as regras para que o público reclame, ocasião em que, estofando o peito e contraindo os bíceps, fazem gestos chamando os espectadores para o "ring". Por outro lado, via-se a combinação vergonhosa, entre os lutadores. O que dava um golpe, recebia outro em represália. Com isso pretendiam fazer crer que lutavam na exata, "pau a pau". Ocorria às vezes um lutador castigar, ou melhor, fingir — pois só assim poderá se admitir tal fato — que castigava rudemente o adversário, a ponto de parecer completamente liquidado, mas eis que o mesmo reagia abruptamente e de quase vencido passava a vencedor, pondo, não raro, a nocaute o contendor. Acontece, entretanto, que as cenas de nocaute nem

sempre eram bem representadas. Há também a história esquisita de vários campeões, aliás, ali todos são campeões... Certa feita anunciaram durante semanas a presença de um tri-campeão mundial. Repentinamente, porém, o mesmo desapareceu. Incompatibilizara-se com a direção do estádio e seguira para São Paulo. Pronto: não era mais tri-campeão coisa nenhuma, e, imediatamente, surgiu outro para a sua vaga, com o cartaz de já o haver derrotado. São coisas interessantes e que, não há dúvida, reclamam a atenção das autoridades policiais, pois isso nada mais é que verdadeira mistificação, na qual o povo é a vítima. Esse povo que vive à míngua de tanta coisa, principalmente de comida e diversões, e que, por isso mesmo, quando lhe anunciam algo de novo, corre esperançado de esquecer por alguns momentos as agruras da vida, mas volta ainda mais desiludido. Os comentários acima não podiam ser mais adequados e justos. Abaixo as mistificações desses palhaços da arena...

ANO XLVII

N.º 38 — 18-9-48

# REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:

R. MAGALHAES JUNIOR

### PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

#### ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses Cr\$ 70,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

#### ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 87 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 913 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8718.

### TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.





Os comunistas temem muito mais os verdadeiros democratas do que o diabo a cruz. Eduardo Benes, o grande patriota tchecoslovaco, morreu. Tornou-se um espantinho para os comunistas, que armaram barricadas em Praga e prenderam duzentas pessoas no dia dos funerais do ex-presidente. Mil capangas de Moscou armaram-se de rifles. Tudo isso contra o fantasma, o grande fantasma de Benes... Também os democratas fascitizados temem as sombras. Em Little Rock, Arkansas, o sr. Henry Wallace foi convidado a jurar que não é comunista. Caso contrário, não poderia falar em comícios. O sr. Wallace poderia responder exigindo que os políticos de Arkansas jurassem se eram ou não verdadeiros democratas... As coisas no Rio estão melhorando. Já baixou o preço do pão e dos cinemas. As bebidas seguirão o mesmo caminho... Por falar em baixar: em Belo Horizonte, no dia 30 próximo passado, o médium Pedro Machado recebeu pela terceira vez — ao que diz ele — o espírito de Monteiro Lobato, que lhe enviou várias mensagens. O escritor Godofredo Rangel continua não reconhecendo nas mensagens o estilo e a linguagem do criador de "Jeca Tatu"... Anuncia-se que a peça "Anjo Negro", de autoria de Nelson Rodrigues, seria encenada na Broadway pelo empresário Marcel Ventura. O ensaiador Zienbinsky iria aos Estados Unidos supervisionar a montagem do espetáculo... Já saiu um anjo negro do Brasil. Referimo-nos ao sr. Plínio Salgado, que se dirige à Espanha, a fim de participar de uma reunião de pensadores católicos (?). O integralista Plínio Salgado declarou em Lisboa: "A política no Brasil segue o ritmo incerto de todos os regimes democráticos". Com certeza o presidente do Partido de Representação Popular prefere o ritmo certo do nazismo, fascismo, comunismo e outras ditaduras... O vereador Gama Filho combateu pela tribuna da Câmara Municipal o ridículo preconceito de raça que os arianos nacionais tentam manter. Muito bem! Ainda há pouco noticiamos nesta seção a proibição que o "rink" de patinação "Roberto", em Copacabana, faz às pessoas de cor... Faleceu o general Alcio Souto, chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. Foi nomeado para este cargo o general João Valdetaro de Amorim Melo, diretor da Engenharia do Exército e ex-diretor da Viação Férrea Rio Grande do Sul. Justamente neste Estado a bancada trabalhista da Câmara negou um voto de pesar pelo passamento do general Alcio Souto... Faleceu também o padre Leonel Franca, reitor das Universidades Católicas... Cinco carteiros mexicanos foram presos e processados porque não entregavam a correspondência aos domingos, apesar de ganharem salário extraordinário para tal. Convidamos aos zelosos carteiros mexicanos a virem trabalhar no Brasil, onde os carteiros parece que só trabalham aos domingos... Enquanto o projeto do aumento recebe a sanção dos senadores, o orçamento geral da República para 1949 anuncia um "deficit" de um bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros. Quem vai pagar isso? Diretamente o comércio, a indústria e os proprietários de imóveis, que por sua vez cobrarão com juros do funcionalismo e dos militares. Meu Deus, por que não nasci eu um simples vagalume?... Uma onda de crimes rola por todo o País. Um marido assassinou a mulher na Penha (e gostava tanto da Toninha!), um filho mata a amante do pai em Belo Horizonte (nunca pensou em fazer isto!). Aqui no Rio uma senhora espanca uma criança, amarra-a nua ao telhado e declara que é louca pela menina. O mundo está louco, positivamente!... Menos sanguinário é o casal Sofia Caetano da Silva e Francisco Nunes da Silva, ela com setenta e um e ele com setenta e dois anos de idade. Houve uma discussão sobre dinheiro e o velhinho não conversou: largou o braço na cara-metade. O comissário do 26º Distrito está vendo o que pode fazer com os macróbios... O júri popular perdeu a sua soberania com a decisão dos desembargadores, que julgaram constitucional as apelações do julgamento. Por 9x7 ficou decidido que as sentenças do júri não são irrecorríveis... A Associação de Imprensa do Uruguai, aproveitando a visita do presidente daquele país ao Brasil, enviou telegramas ao sr. Luis Batlle Berres e ao presidente Eurico Gaspar Dutra pedindo para que intervenham a favor da liberdade de imprensa no Paraguai. O ditador Morinigo faz o que quer na sua fazenda e os vizinhos democratas não tomam o menor conhecimento... Em Durban, União Sul-Africana, um sócio de Joe E. Brown chupou uma bola de bilhar e desafiou os presentes a fazerem o mesmo. Um afoito pegou a bola sete e conseguiu pô-la na boca. Depois não conseguiu tirá-la, o que só pôde ser feito arrancando quatro dentes do rapaz. "Eu conhecia sinuca de bico — diz um campeão carioca. — Sinuca de boca é a primeira que vejo"... A Comissão de Atividades Anti-Americanas anda fazendo o diabo nos Estados Unidos. Senão vejamos: oito renomados cientistas que trabalham no desenvolvimento da energia atômica, entre os quais se encontram os nomes de Karl Compton, presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e Harold Hurey, Prêmio Nobel de Física, telegrafaram ao presidente Truman e ao candidato Thomas Dewey ("barbada" no páreo presidencial) declarando que os cientistas mostram-se hesitantes em trabalhar para o governo americano, pois calunias irresponsáveis ameaçam constantemente arruinar as suas carreiras... Doloroso acidente de aviação ocorreu com um aparelho da Companhia Universal quando sobrevoava Barbacena. Aterrissando nos campos de arroz da Escola Agropecuária daquela cidade, o aparelho partiu-se em dois. Dos doze passageiros, duas senhoras encontram-se em estado grave no hospital local... Outro acidente aéreo, de maiores proporções, verificou-se no Rio Grande do Sul, quando se quando se precipitam ao solo 4 aviões do Uruguai, da comitiva que levava de regresso o presidente Luis Batlle Berres àquele país... Chegaram novos hóspedes para o jardim zoológico: um macaco, um antílope, um papagaio africano e várias cobras... Na Inglaterra a crise de maridos é pavorosa. As casadouras resolveram catar os pretendentes na lista dos divorciados. Um inglês que obtivera divórcio, respondeu assim a uma pretendente desconhecida: "Calma, senhorita. Deixe-me descansar um pouco da cozinha"... O dr. Harry Bernard, técnico em cirurgia dentária passou muito tempo no interior do Brasil, em contacto com os nossos índios. Ao voltar para os Estados Unidos publicou uma série de artigos no "Saturday Evening Post", declarando que a civilização prejudicou os silvícolas. "Pude observar os índios que conheci com ótimos dentes e gozando excelente saúde. Depois de alguns meses de contacto com os brancos, tornaram-se indolentes, abandonaram os seus trabalhos, deixaram de se alimentar de vegetais frescos, passando a comer conservas que os brancos lhes dão. Passam o dia rondando o campo de pouso, atrás da comida e das bugigangas que os civilizados lhes trazem"... Naufragou perto da Venezuela o navio honduriano "Euzkera". Trinta pessoas não foram encontradas após o naufrágio. Viajava no vapor um circo completo pertencente ao brasileiro Emilio Razzore... De acordo com a nova Lei do Inquilinato não poderão ser despejados durante a vigência dessa lei — que vai até 31 de dezembro de 1952 — os hospitais, creches, asilos e colégios, a não ser por falta de pagamento. Um substitutivo perigoso dará permissão para o proprietário despejar o inquilino quando aquele deseje fazer obras que ampliem o imóvel. Todos os proprietários gananciosos vão requerer despejo baseados nesse parágrafo. Nem que tenham que aumentar em dez centímetros a soleira da porta... A Delegacia de Costumes, depois da campanha contra o pife-pafe, iniciou um ataque contra as bailarinas de "dancings". O delegado Dulcídio Gonçalves decretou que nenhuma bailarina pode conversar dentro do salão. Já suspendeu diversas pela transgressão. Enquanto isso, o meretrício, ambulante e localizado, aumenta todos os meses... A semana passada marcou grandes estréias nos teatros do Rio. Dulcina conseguiu suspender "Chuva" para apresentar a nova peça "Mulheres", que será um outro grande sucesso da grande atriz-empresária. Henriette Morineau lançou "Só nós três", no Ginástico, e Alda Garrido estreou "Uma mulher complicada", no Rival. Aimée achou um autor e ator maravilhosos na pessoa de Silveira Sampaio, apresentando no Teatrinho íntimo do Leme a deliciosa sátira "A inconveniência de ser esposa"... Por hoje é só... Até sábado...

## Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

## CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA**

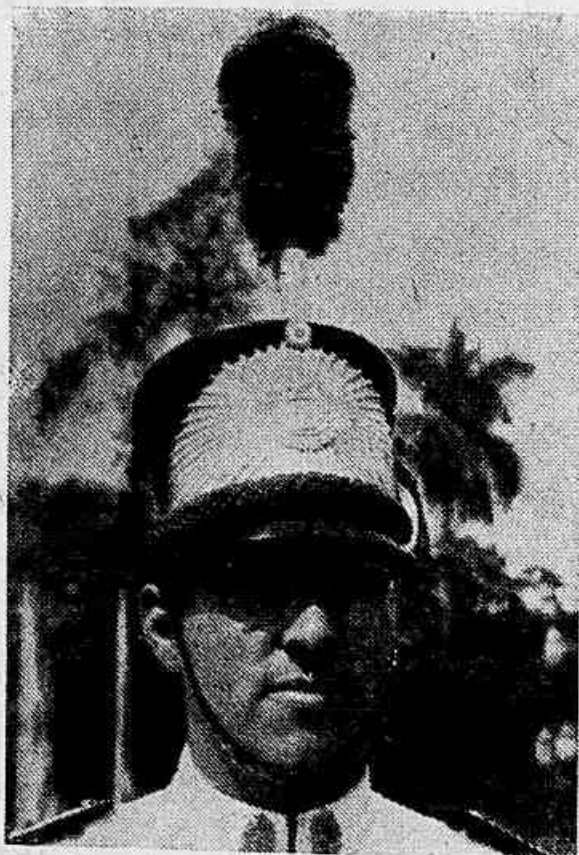
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





No palanque oficial, armado em frente ao Ministério da Guerra, na praça da República, os presidentes do Uruguai e do Brasil, srs Luis Batlle Berres e general Eurico Gaspar Dutra, assistiram à parada das Forças Militares do Brasil. O ilustre chefe de Estado visitante foi alvo de expressivas manifestações do povo carioca, que o ovacionou calorosamente

## FESTIVAMENTE COMEMORADO O "DIA DA PÁTRIA"



**OS PRESIDENTES DO URUGUAI E DO BRASIL PASSARAM EM REVISTA AS FORÇAS DE TERRA, MAR E AR — A ESTATUA DO DUQUE DE CAXIAS EM SEU NOVO PEDESTAL DOMINOU O DESFILE DE 30.000 HOMENS**

O Brasil viu passar entre manifestações de júbilo e de fervor patriótico a data comemorativa de sua independência. No país inteiro o 7 de setembro foi lembrado como nunca o fora até então. O governo tem incentivado incansavelmente essas comemorações. Por todos esses motivos podemos assegurar que o Rio assistiu no dia sete de setembro passado à maior parada militar de sua história. Foi um dia de brilhantismo para as nossas forças armadas que desfilaram impecáveis no seu garbo marcial, sem um senão que

destoasse, quando milhares de homens marcharam pela avenida Presidente Vargas. Só no Distrito Federal desfilaram cerca de trinta mil homens, de todas as armas, pertencentes às diversas guarnições da 1.ª Região Militar, Zona do Leste, sob o comando geral do general Zenóbio da Costa, comandante dessa Região. De todos os recantos do Rio, desde a madrugada, começaram a descer para o centro da cidade, as tropas dos diversos quartéis. Dos subúrbios e da zona sul vieram os destacamentos de cavalaria, in-

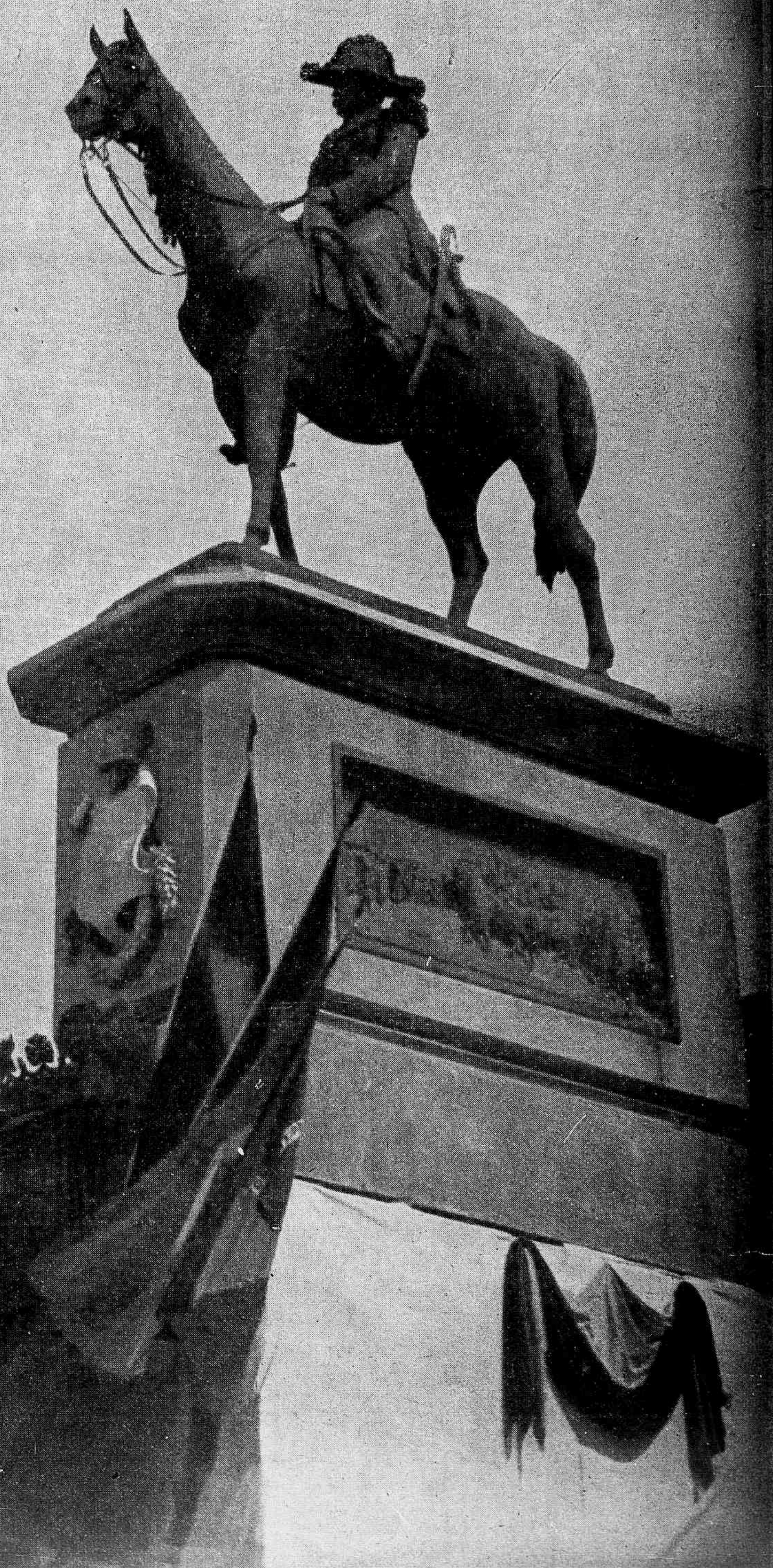


EM CIMA, A DIREITA — Um cadete da Escola Militar do Uruguai. A ESQUERDA — Um cadete da Escola Militar de Rezende, símbolos da amizade que une a mocidade dos dois países sul-americanos. EM BAIXO — A Associação dos Ex-Combatentes, que desfilou à frente das tropas. Os aplausos da multidão mostraram aos valorosos ex-combatentes quanto são estimados pelo nosso povo





A estátua equestre do Duque de Caxias, transferida recentemente para o seu novo pedestal, em frente ao Ministério da Guerra, pôde assistir êste ano à monumental parada de 7 de Setembro.

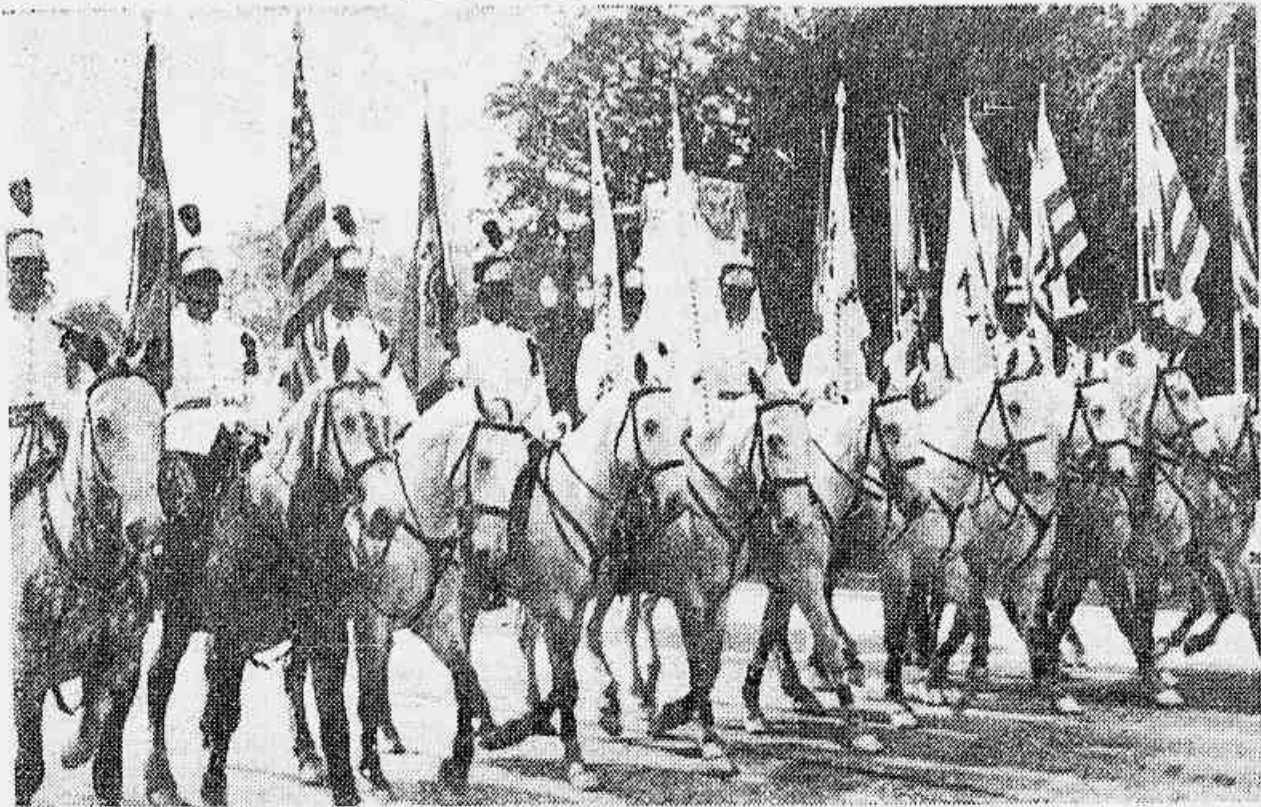




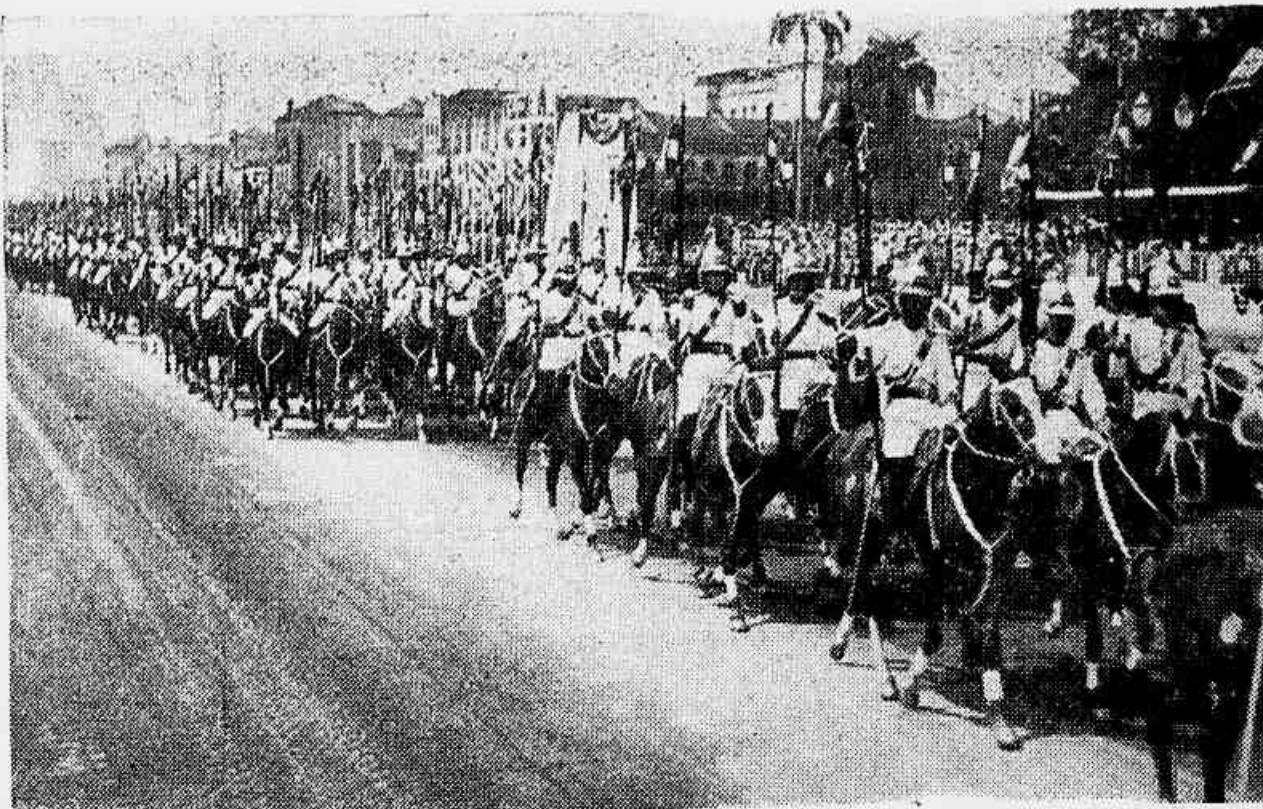
O povo vibrou de entusiasmo à passagem da tropas. O centro da cidade ficou apinhado de gente, que se aproveitava de todos os pontos estratégicos para ver melhor a parada, como aqui se vê



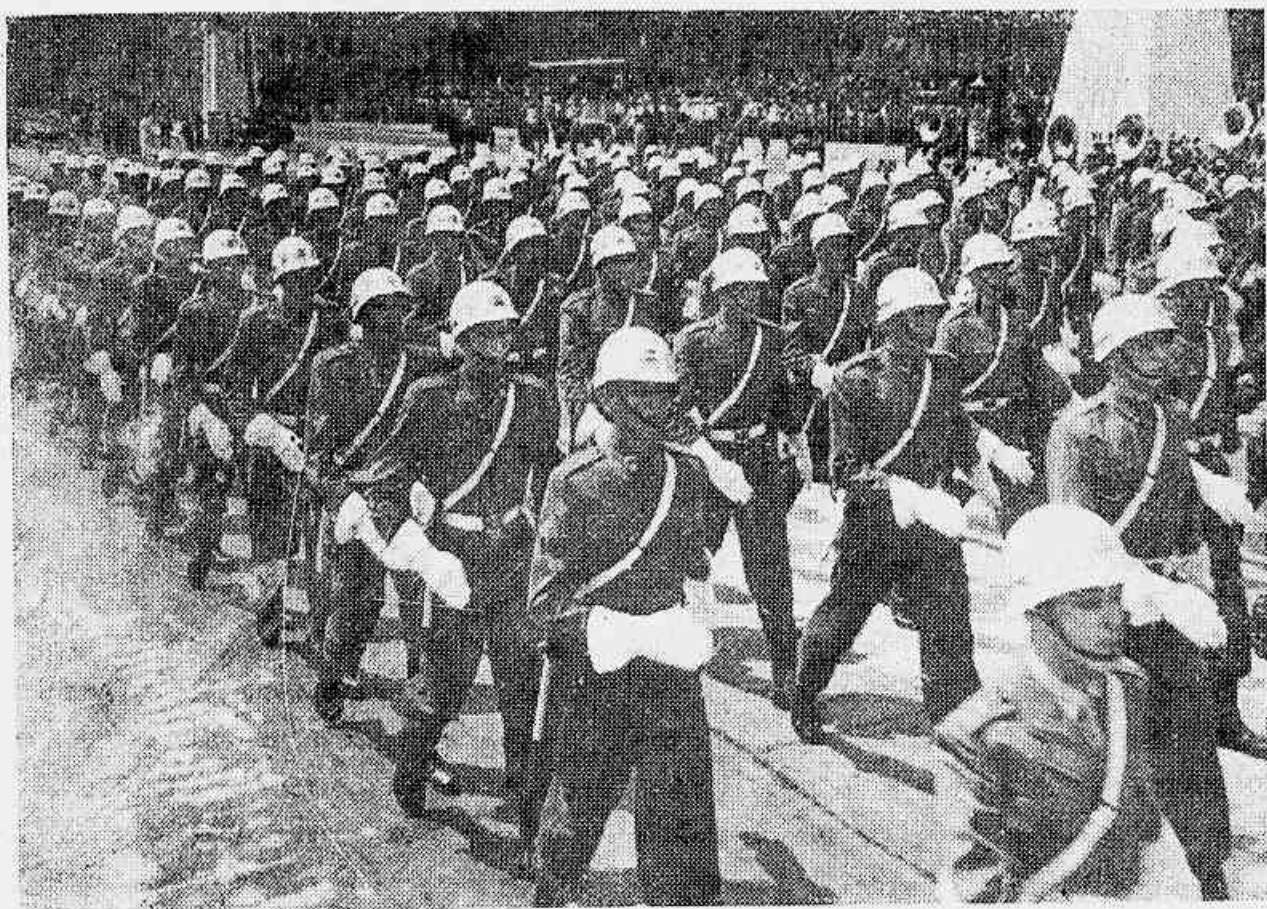




As Bandeiras Históricas do Brasil conduzidas pelos cadetes da Escola Militar de Rezende



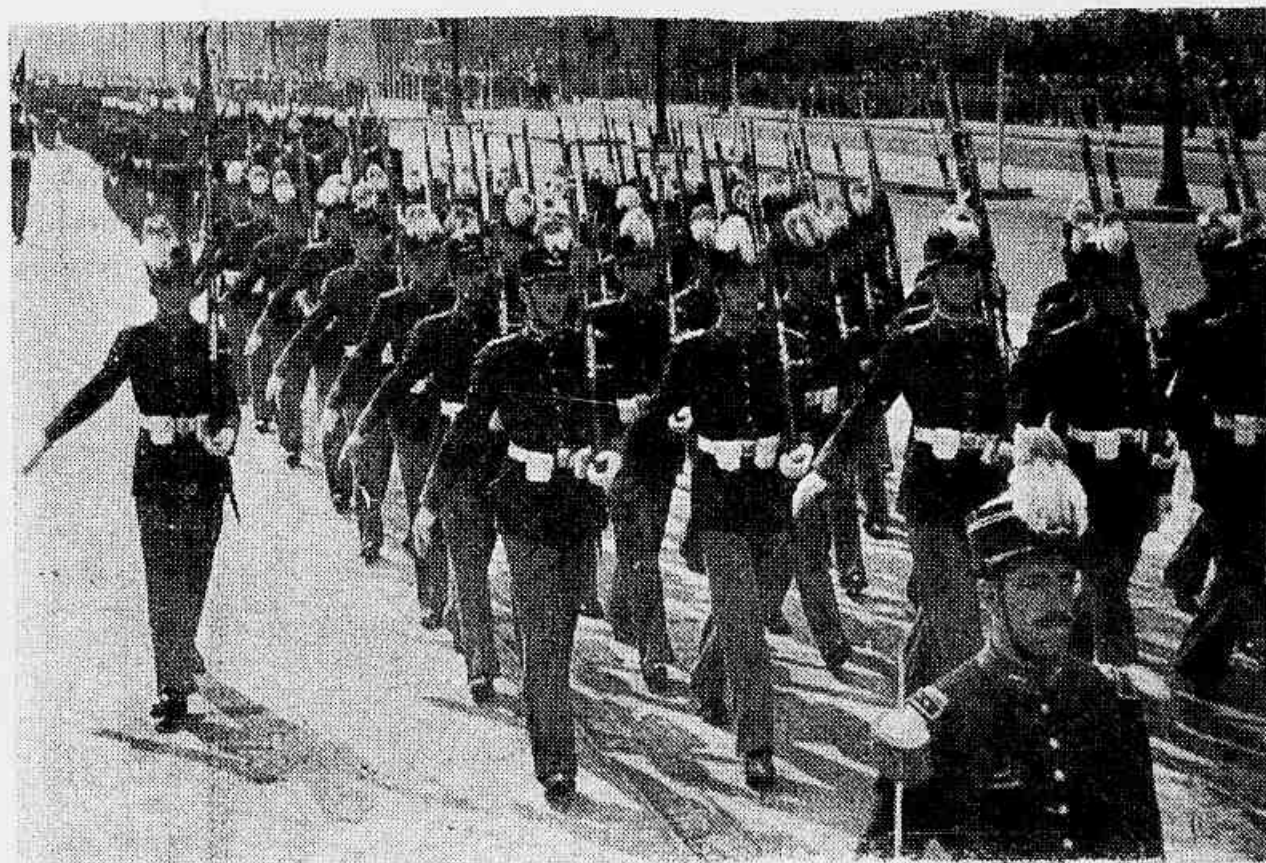
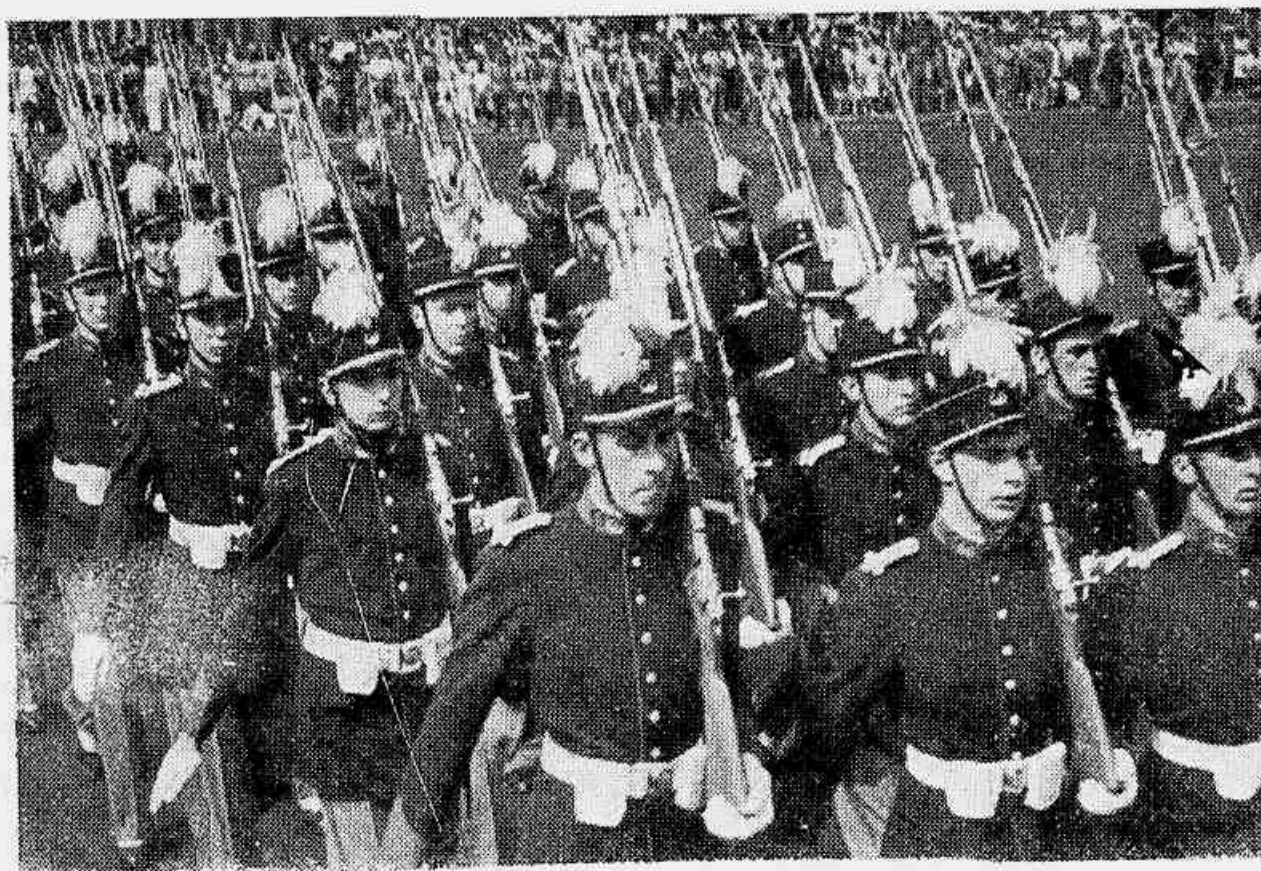
Os Dragões da Independência — 1º Regimento de Cavalaria Divisionário



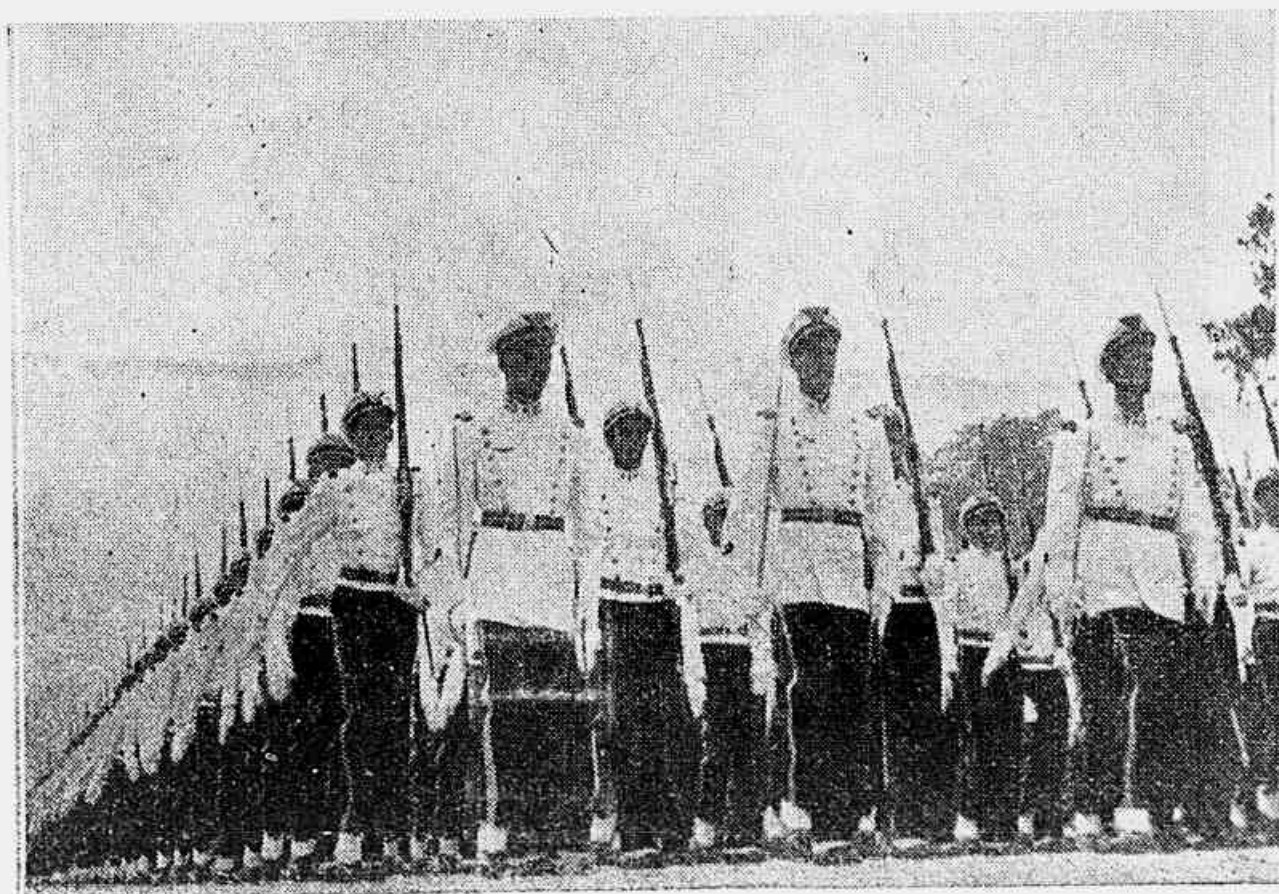
A Primeira Companhia de Polícia do Exército



Parte da Infantaria do Colégio Militar

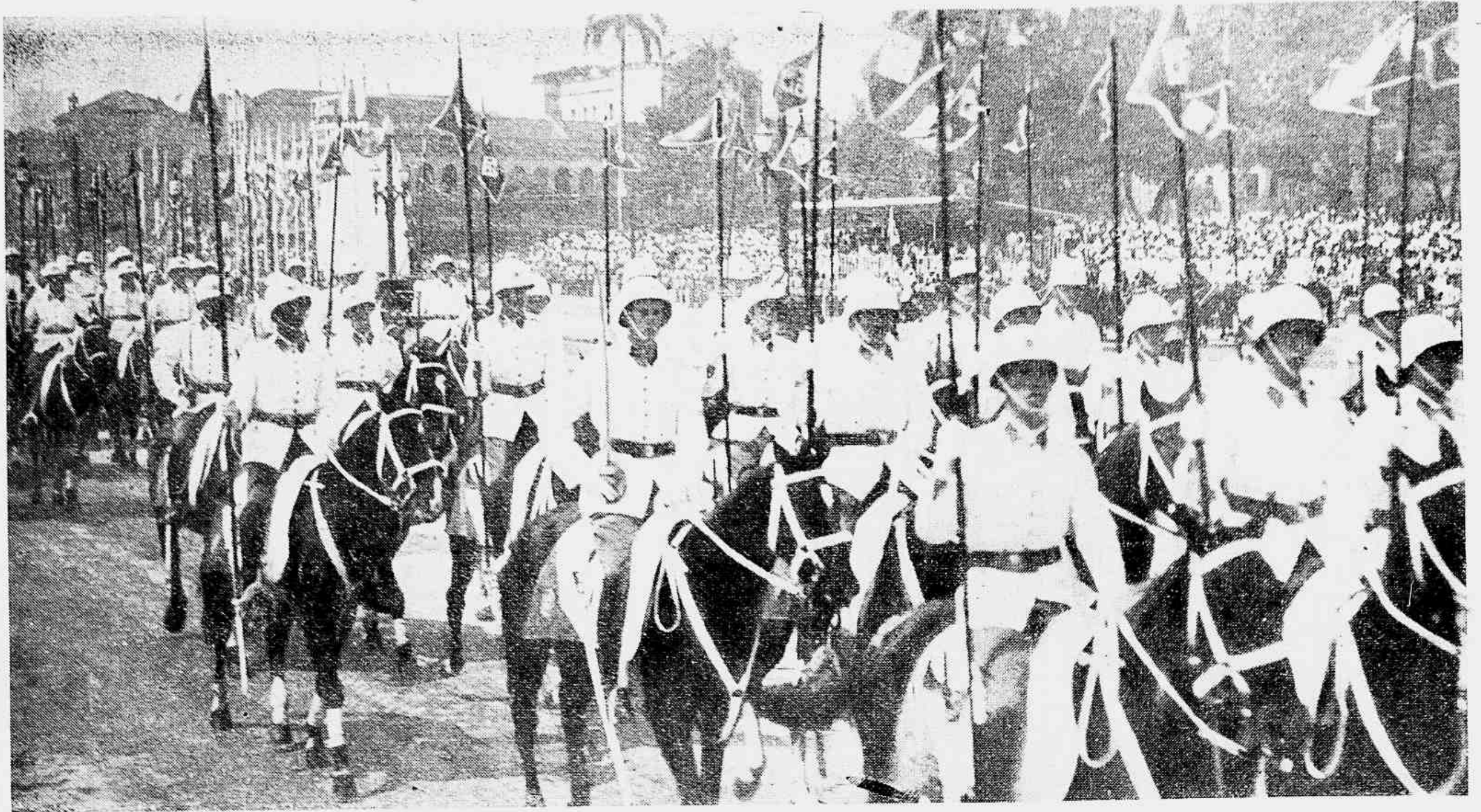


Dois aspectos do desfile dos cadetes uruguaios



Dois aspectos do desfile dos cadetes da Escola de Aeronáutica





A Cavalaria do Colégio Militar desfilando com aprumo impecável

fantaria, divisões moto-mecanizadas etc. Obedecendo a um plano previamente traçado, foram se agrupando nas proximidades da avenida Presidente Vargas. Ao longo da praia de Botafogo se estendia parte da tropa, luzidia, bem aparelhada, tudo muito limpo e brilhando. O povo madrugou com os seus soldados e enquanto não se iniciava a Parada, desfilava ele, o povo, admirando os possantes canhões, os gigantescos carros de combate e os modernos paraquedistas.

#### CHEGAM OS PRESIDENTES

O Brasil hospedava há alguns dias a

figura simpática e democrata do senhor Luis Batlle Berres, presidente eleito do Uruguai que chegara acompanhado de grande comitiva e também dos cadetes da Escola Militar do Uruguai. Eram os assistentes de honra da Parada. Pouco depois das oito horas o presidente Eurico Gaspar Dutra, acompanhado do sub-chefe de seu Gabinete Militar, deixou o Palácio do Catete dirigindo-se ao encontro do presidente Berres, no Palácio das Laranjeiras, onde este se encontra hospedado. Partiram juntos para a revista das tropas, sendo saudados com vinte e um tiros

pela bateria do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva quando se encontraram com o general Zenóbio da Costa, comandante geral das tropas, na avenida Beira Mar, esquina da avenida Rui Barbosa. Deste local partiram para a Praça da República, precedidos de grande escolta de batidores e por uma guarda dos "Dragões da Independência". As nove horas os presidentes subiram para o palanque oficial, já repleto de altas autoridades civis e militares. Notavam-se, entre outros, na tribuna oficial os senhores Nereu Ramos, Vice-Presidente da República;

Melo Viana, Vice-Presidente do Senado; Samuel Duarte, Presidente da Câmara dos Deputados; general Salvador César Obino; cardinal D. Jaime de Barros Câmara; professor José Pereira Lira, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República; general Angelo Mendes de Moraes, Prefeito do Distrito Federal; general Lima Câmara, Chefe de Polícia; membros da comitiva do Presidente Luis Batlle Berres e muitas outras autoridades civis e militares.

(Continua na pág. 56)

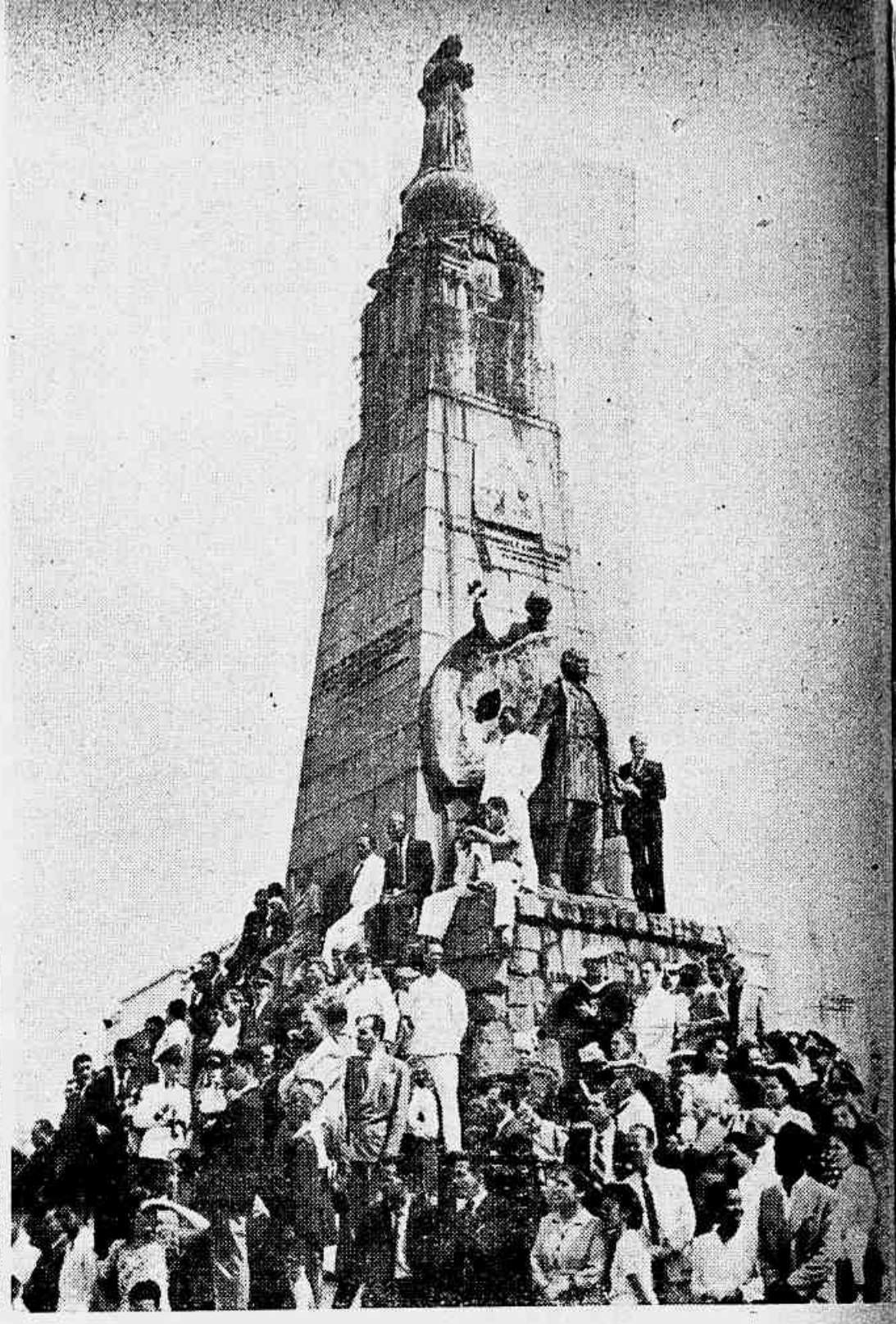
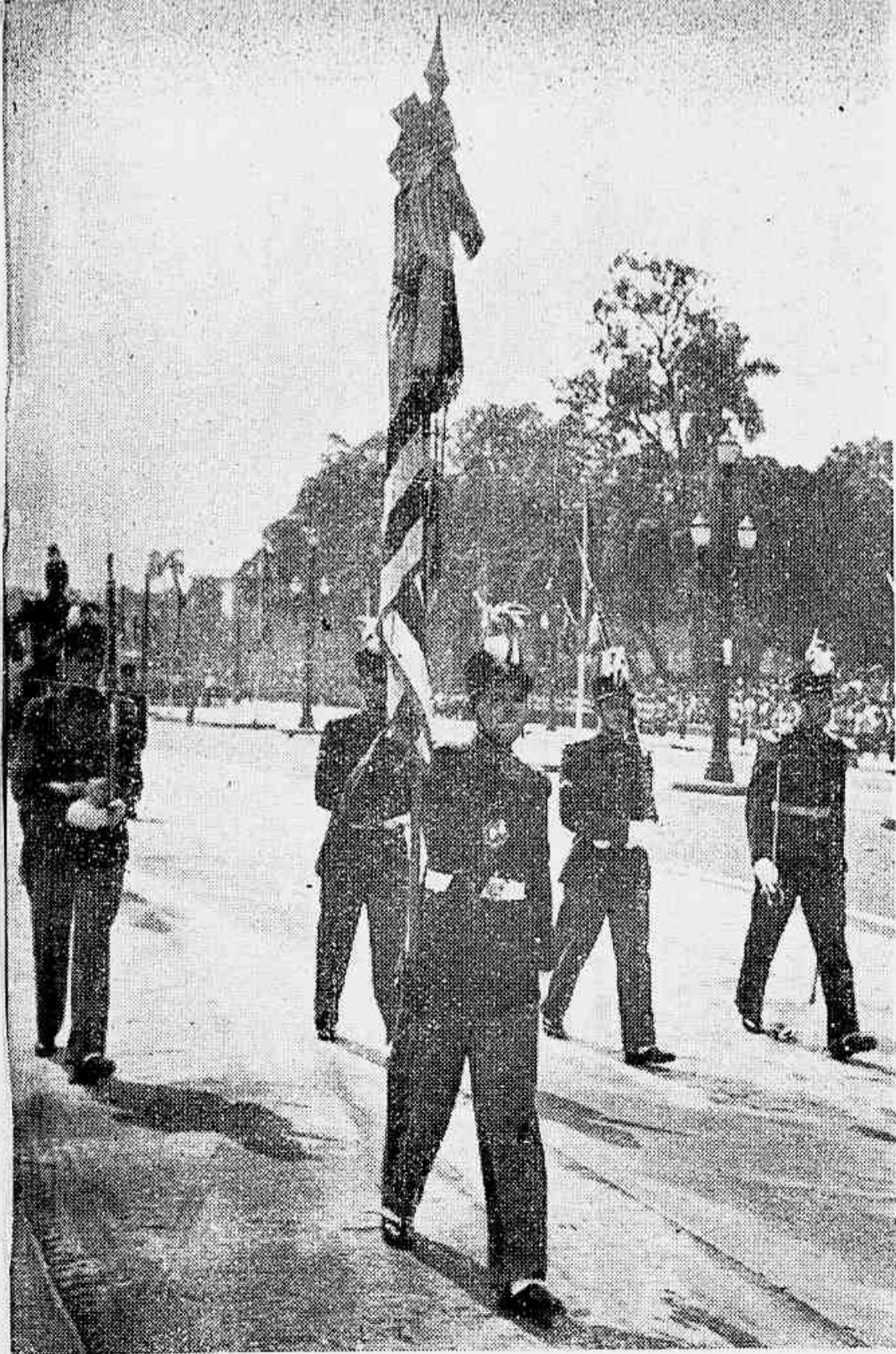


General Zenóbio da Costa, comandante em 1ª Região Militar e Zona Ipoa

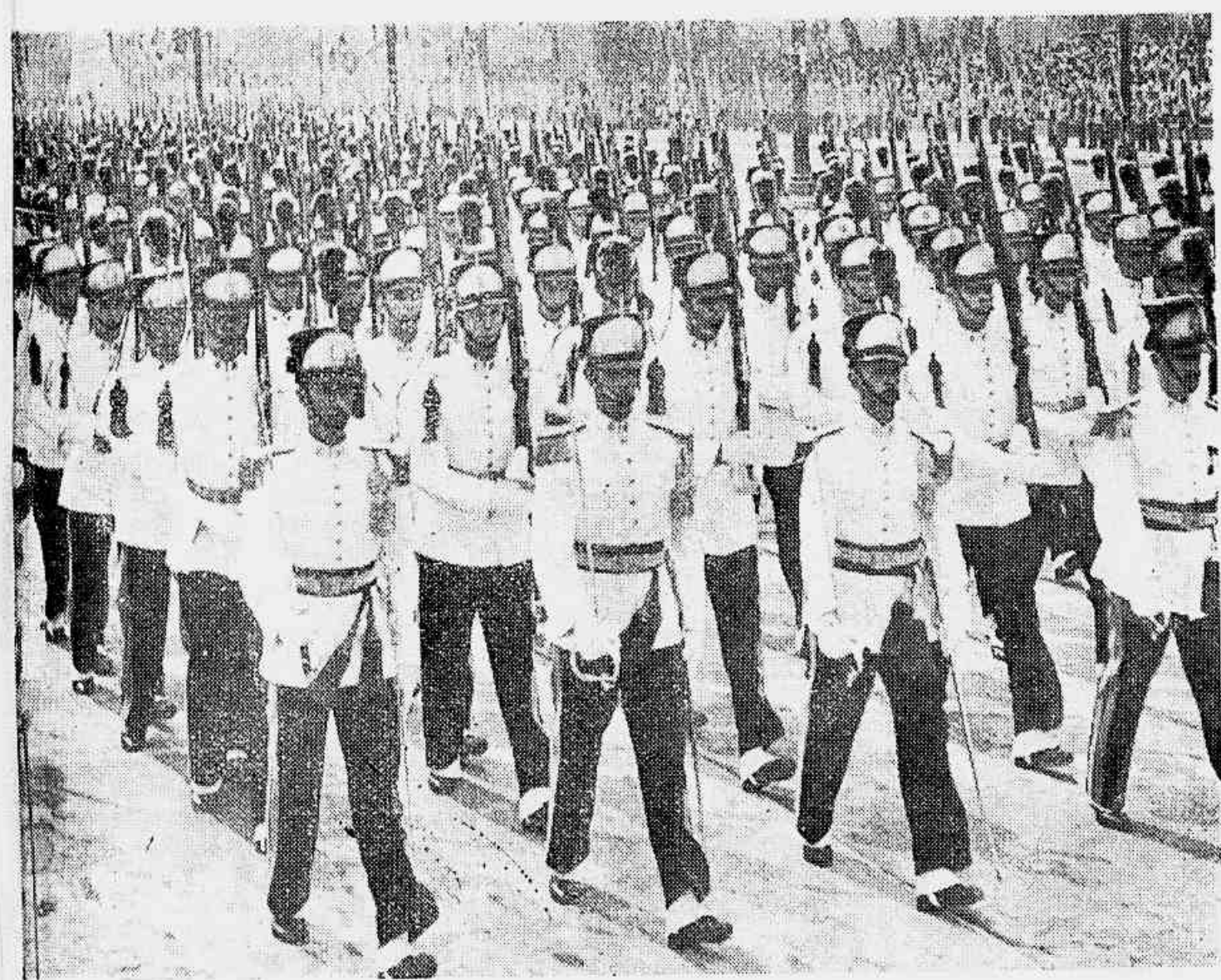


Coronel Nelson de Melo, chefe de Gabinete do Comando da 1ª Região Militar e sub-comandante da parada





EM CIMA, A ESQUERDA — A bandeira do Uruguai, conduzida pelos cadetes do país amigo. AO CENTRO — A bandeira do Comando da Zona Leste, sob a guarda dos Dragões da Independência. A DIREITA — Outro aspecto de parte do povo que assistiu ao desfile. EM BAIXO, A ESQUERDA — Cadetes da Escola Militar de Rezende. A DIREITA — Cadetes uruguayos assistem à parada



A DIREITA — O Batalhão de Guardas, disciplinada força militar que todos os anos abrilhanta as comemorações da Independência. A ESQUERDA — Carros de combate da Divisão Moto Mecanizada. O desfile de todos os destacamentos, grupos e divisões foi impecável. Serviu para mostrar o grau de eficiência da nossa administração militar







## O PRESIDENTE DO URUGUAI NO JOCKEY CLUB



A presença do sr. presidente Luis Batlle Berres na tribuna de honra do Hipódromo da Gávea, na tarde do primeiro domingo do mês, foi motivo para que o ilustre estadista uruguaio recebesse da seleta assistência as homenagens que lhe são devidas. S. Excia. ali chegou em companhia do sr. Embaixador Raul Fernandes, Ministro das Relações Exteriores, outras altas autoridades e membros de sua comitiva, sendo entusiasticamente saudado, enquanto milhares de bandeirinhas, com as cores nacionais uruguaia e brasileiras tremulavam no ar.

Após ouvir os hinos dos dois países o eminente hóspede tomou lugar na tribuna de honra, daí assistindo ao desenrolar do grande prêmio, para em seguida retirar-se cercado das mesmas homenagens com que fora recebido, sempre ovacionado pelo público que enchia o hipódromo.

Na fotografia acima, vemos o presidente do Uruguai, a senhora Batlle Berres e o sr. João Borges Filho, na tribuna de honra do Hipódromo. Nas gravuras seguintes, cadetes da Nação amiga em companhia de senhorinhas da nossa sociedade, e, finalmente, o cavalo Saravan, ganhador do Grande Prêmio "Presidente Batlle Berres".







O sr. José Paulo de Castro Siqueira (que está na foto assinalado), ao desembarcar do vapor "Andes", cercado pelos seus pais e pessoas amigas

## UM TÉCNICO BRASILEIRO EM FIAÇÃO E TECELAGEM

### REGRESSA DA EUROPA O SR. JOSÉ PAULO DE CASTRO SIQUEIRA

**H**A dois anos seguia com destino à Inglaterra o nosso patricio sr. José Paulo de Castro Siqueira, que, designado pelo governo brasileiro para estudar na Europa, sem ônus para o Estado, os processos de ensino da indústria textil, logo matriculou-se na Nottingham University College, ali fazendo um curso especializado, ao fim do qual logrou com brilho aprovação entre os poucos de sua turma que o conseguiram, recebendo afinal o diploma de técnico em indústria de fiação e tecelagem, dando assim à sua Pátria mais um valioso elemento para o seu desenvolvimento econômico. Concluídos os seus estudos, regressa agora o sr. José Paulo de Castro Siqueira, recebido jubilosamente por parentes e amigos, disposto a aplicar, para o bem de sua terra, os conhecimentos adquiridos no maior centro especializado do mundo em indústrias de tecidos. O sr. José Paulo de Castro Siqueira, que é filho do comerciante sr. Júlio de Freitas Siqueira, proprietário da conhecida Casa das Novidades, de Copacabana, e de sua esposa, sra. Roselle de Castro Siqueira, retornou ao Brasil no dia 23 do mês último, pelo vapor "Andes", sendo no dia seguinte homenageado com um jantar no Hotel Riviera, que lhe foi oferecido por um grupo de comerciantes desta cidade, em regozijo pela feliz conclusão dos seus estudos na Inglaterra. Em nome dos ofertantes e da Associação Comercial de Copacabana falou o sr. Rothier Duarte, e, numa saudação pessoal, o coronel Felix Valois, ex-professor do jovem patricio, ambos exaltando suas virtudes pessoais e a firmeza com que se houve em terras estranhas para atingir o fim desejado. Agradecendo, o sr. José Paulo evidenciou seus propósitos de trabalhar para o engrandecimento de sua terra na esfera da sua especialização.

E' com satisfação que a REVISTA DA SEMANA registra esse auspicioso fato. E oxalá que os nossos governantes saibam corresponder aos esforços e ao idealismo desse jovem brasileiro e dos que lhe seguirem o exemplo indo buscar lá fora, através de todos os obstáculos, os elementos de que tanto carecemos para a nossa completa emancipação econômica.



Aspecto feito no Hotel Riviera, durante o jantar que foi oferecido ao sr. José Paulo de Castro Siqueira por um grupo de comerciantes locais





## O PRESIDENTE DO URUGUAI NO JOCKEY CLUB



A presença do sr. presidente Luis Batlle Berres na tribuna de honra do Hipódromo da Gávea, na tarde do primeiro domingo do mês, foi motivo para que o ilustre estadista uruguaio recebesse da seleta assistência as homenagens que lhe são devidas. S. Excia. ali chegou em companhia do sr. Embaixador Raul Fernandes, Ministro das Relações Exteriores, outras altas autoridades e membros de sua comitiva, sendo entusiasticamente saudado, enquanto milhares de bandeirinhas, com as cores nacionais uruguaia e brasileiras tremulavam no ar.

Após ouvir os hinos dos dois países o eminente hóspede tomou lugar na tribuna de honra, daí assistindo ao desenrolar do grande prêmio, para em seguida retirar-se cercado das mesmas homenagens com que fora recebido, sempre ovacionado pelo público que enchia o hipódromo.

Na fotografia acima, vemos o presidente do Uruguai, a senhora Batlle Berres e o sr. João Borges Filho, na tribuna de honra do Hipódromo. Nas gravuras seguintes, cadetes da Nação amiga em companhia de senhorinhas da nossa sociedade, e, finalmente, o cavalo Saravan, ganhador do Grande Prêmio "Presidente Batlle Berres".







O sr. José Paulo de Castro Siqueira (que está na foto assinalado), ao desembarcar do vapor "Andes", cercado pelos seus pais e pessoas amigas

## UM TÉCNICO BRASILEIRO EM FIAÇÃO E TECELAGEM

### REGRESSA DA EUROPA O SR. JOSÉ PAULO DE CASTRO SIQUEIRA

**H**Á dois anos seguia com destino à Inglaterra o nosso patricio sr. José Paulo de Castro Siqueira, que, designado pelo governo brasileiro para estudar na Europa, sem ônus para o Estado, os processos de ensino da indústria textil, logo matriculou-se na Nottingham University College, ali fazendo um curso especializado, ao fim do qual logrou com brilho aprovação entre os poucos de sua turma que o conseguiram, recebendo afinal o diploma de técnico em indústria de fiação e tecelagem, dando assim à sua Pátria mais um valioso elemento para o seu desenvolvimento econômico. Concluídos os seus estudos, regressa agora o sr. José Paulo de Castro Siqueira, recebido jubilosamente por parentes e amigos, disposto a aplicar, para o bem de sua terra, os conhecimentos adquiridos no maior centro especializado do mundo em indústrias de tecidos. O sr. José Paulo de Castro Siqueira, que é filho do comerciante sr. Júlio de Freitas Siqueira, proprietário da conhecida Casa das Novidades, de Copacabana, e de sua esposa, sra. Roselle de Castro Siqueira, retornou ao Brasil no dia 23 do mês último, pelo vapor "Andes", sendo no dia seguinte homenageado com um jantar no Hotel Riviera, que lhe foi oferecido por um grupo de comerciantes desta cidade, em regozijo pela feliz conclusão dos seus estudos na Inglaterra. Em nome dos ofertantes e da Associação Comercial de Copacabana falou o sr. Rothier Duarte, e, numa saudação pessoal, o coronel Felix Valois, ex-professor do jovem patricio, ambos exaltando suas virtudes pessoais e a firmeza com que se houve em terras estranhas para atingir o fim desejado. Agradecendo, o sr. José Paulo evidenciou seus propósitos de trabalhar para o engrandecimento de sua terra na esfera da sua especialização.

E' com satisfação que a REVISTA DA SEMANA registra esse auspicioso fato. E oxalá que os nossos governantes saibam corresponder aos esforços e ao idealismo desse jovem brasileiro e dos que lhe seguirem o exemplo indo buscar lá fora, através de todos os obstáculos, os elementos de que tanto carecemos para a nossa completa emancipação econômica.



Aspecto feito no Hotel Riviera, durante o jantar que foi oferecido ao sr. José Paulo de Castro Siqueira por um grupo de comerciantes locais



# A VOLTA DE PROCOPIO FERREIRA AO SERRADOR

"O GRANDE FANTASMA", DE EDUARDO DI FILIPPO,  
COMÉDIA DE SIGNIFICAÇÃO CHAPLINIANA

Por SÉRGIO BRITTO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

**S**E Carlitos não fosse senão um pobre miserável, de roupas em frangalhos e sapatos furados, se, enfim, Carlitos não fosse a última criatura dentro das classes sociais que o dinheiro impôs, bem que um dia ele poderia viver o drama de Pascoal Lojaco, o personagem central de "O grande fantasma". Sim, porque há, entre os dois, terríveis afinidades: como Carlitos, Pascoal é capaz de tudo pelo amor de uma mulher, e como Carlitos também, Pascoal é quase um símbolo. Verdade que Pascoal vive nas esferas da pequena-burguesia e por isso mesmo seu drama às vezes é pior, muito pior que o do vagabundo, que passeia só ou acompanhado de um cachorro. Pascoal é um pequeno burguês e como tal tem que disfarçar a sua miséria, enquanto Carlitos anda solto, livre, deixando-se ver em seus farrapos. Outra coisa que os une fantasticamente é a ingenuidade e é também a alegria diante dos falsos instantes de felicidade. Carlitos, só em pensar que a amada vem, transforma-se em um bailarino nos gestos e nos movimentos que exprimem sua felicidade. E naquela passagem de sua vida quando andava em busca de ouro, improvisou, na fal-

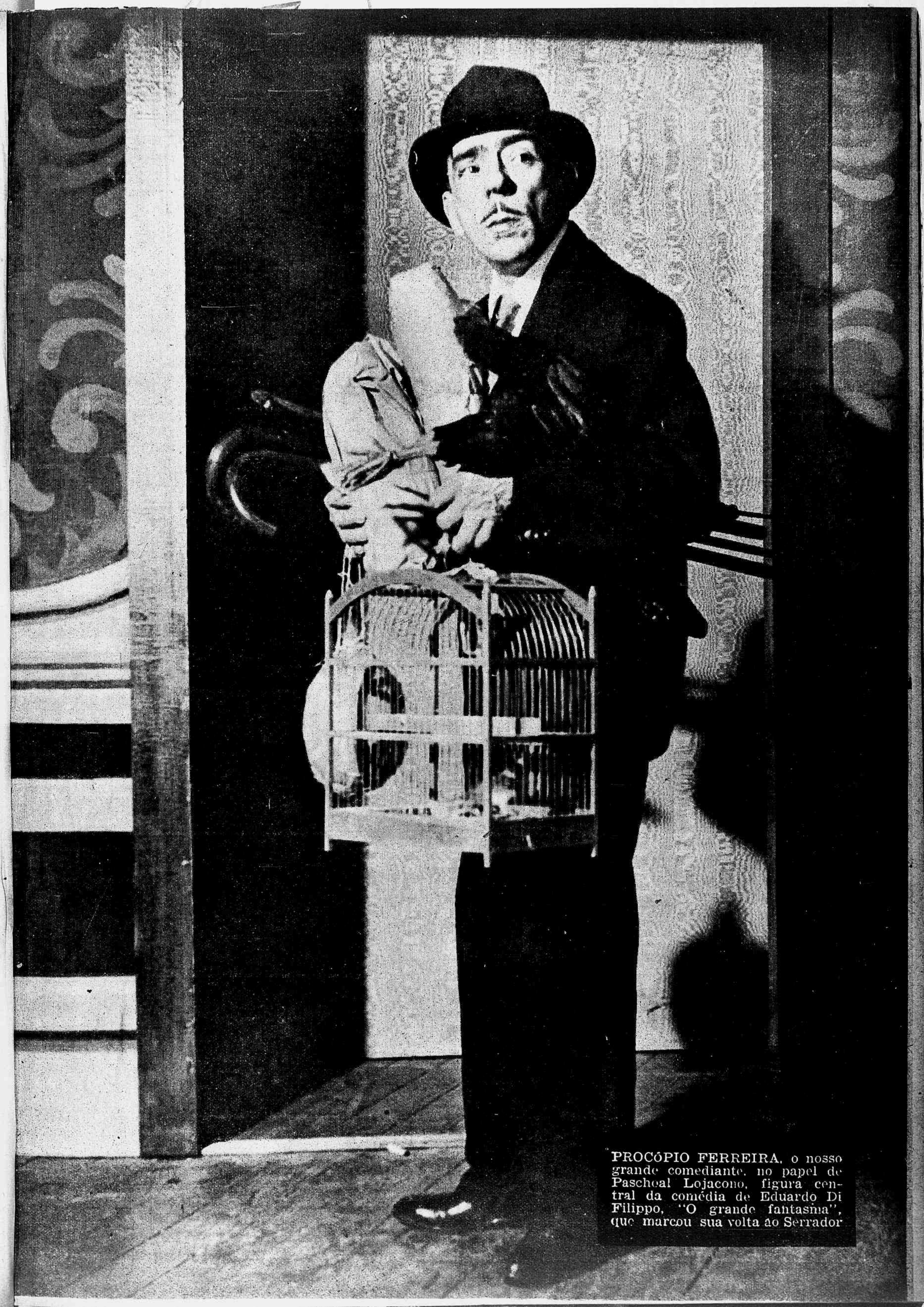
ta de melhor, um bailado de dois pássinhos, que era todo ele um poema de carinho e amor. E é este mesmo Carlitos que luta ridiculamente para arranjar dinheiro para a operação dos olhos da amada cega. E' ele quem apanha uma terrível surra — e como rimos dele então! — mas arranja o dinheiro. E depois, para não desiludi-la, para não deixá-la saber que ele não é o príncipe encantado que ela imaginava, desapareceu na estrada, outra vez só, mendigo só. Mendigo só, que trás como grande esmola uma flor na mão. E' este mesmo sentido tragi-cômico que liga Pascoal Lojaco ao miserável irmão Carlitos. A força tragi-cômica de Carlitos trouxe para o cinema uma enorme contribuição de poesia, poesia aliás nunca superada. Em Pascoal Lojaco ela existe também, isto é, a criação de Eduardo di Filippo tem também uma grande carga poética. Poesia talvez menos aparente que em Carlitos, mas presente sempre, embora só se deixe de ocultar nos últimos instantes desta história tragi-cômica, que fala de um homem e dos fantasmas que fizeram sua felicidade. Rimos, é verdade, durante dois atos inteiros e rimos de Pascoal. Rimos tanto que um crítico italiano



EM CIMA — Cena de "O grande fantasma", com Tereza Lane, Procópio Ferreira e Carlos Duval. EM BAIXO — À esquerda, Procópio e Carlos Duval (o porteiro) e, à direita, uma cena cômica do segundo ato, com Procópio, Alma Flora, Walter Ferreira, Mozart Régis e Rodolfo Arena







PROCÓPIO FERREIRA, o nosso grande comediante, no papel de Pascheal Lojacono, figura central da comédia de Eduardo Di Filippo, "O grande fantasma", que marcou sua volta ao Serrador





EM CIMA — A esquerda, Procópio, no papel de Paschoal Lojacono, em uma súplica ao falso fantasma; e, à direita, Rodolfo Arena ouvindo-o. EM BAIXO — A esquerda, a atriz Belmira de Almeida, no papel da irmã louca do porteiro, e, à direita, uma cena entre Procópio e Alma Flora, no segundo ato de "O grande fantasma"





de renome chegou a dizer que ninguém ainda pôde ouvir a peça inteira, pelo ruído que faz o público rindo.

Mesmo no segundo ato, quando Pascoal discute com a mulher e por instantes chega-se a duvidar de sua honestidade, ainda assim ri-se dele e das peças que lhe pregam os fantasmas. Ri-se, ri-se e de repente percebe-se que não há nada de engraçado. É quando Pascoal deixa-se ver pequenino, chapéu na mão, a implorar ao fantasma que o ajude, porque ele ama a sua Maria e sente que está começando a perdê-la. E então, quando diz que diante dele, sentia-se como diante de Deus, o público todo, como também o grande fantasma, sente-se envergonhado por ter pensado dele e até mesmo por ter rido dele. Pascoal talvez sofra dramas piores que o de seu amigo Carlitos, o homem da liberdade integral, mas geralmente acaba melhor que ele. Ainda mais porque as criaturas que rodeiam Pascoal são menos convencionais na sua bondade ou na sua maldade do que as que perseguem o pobre Carlitos, e assim ele ainda pode ficar com sua mulherzinha, apesar de ter estado na lindeira de perdê-la.

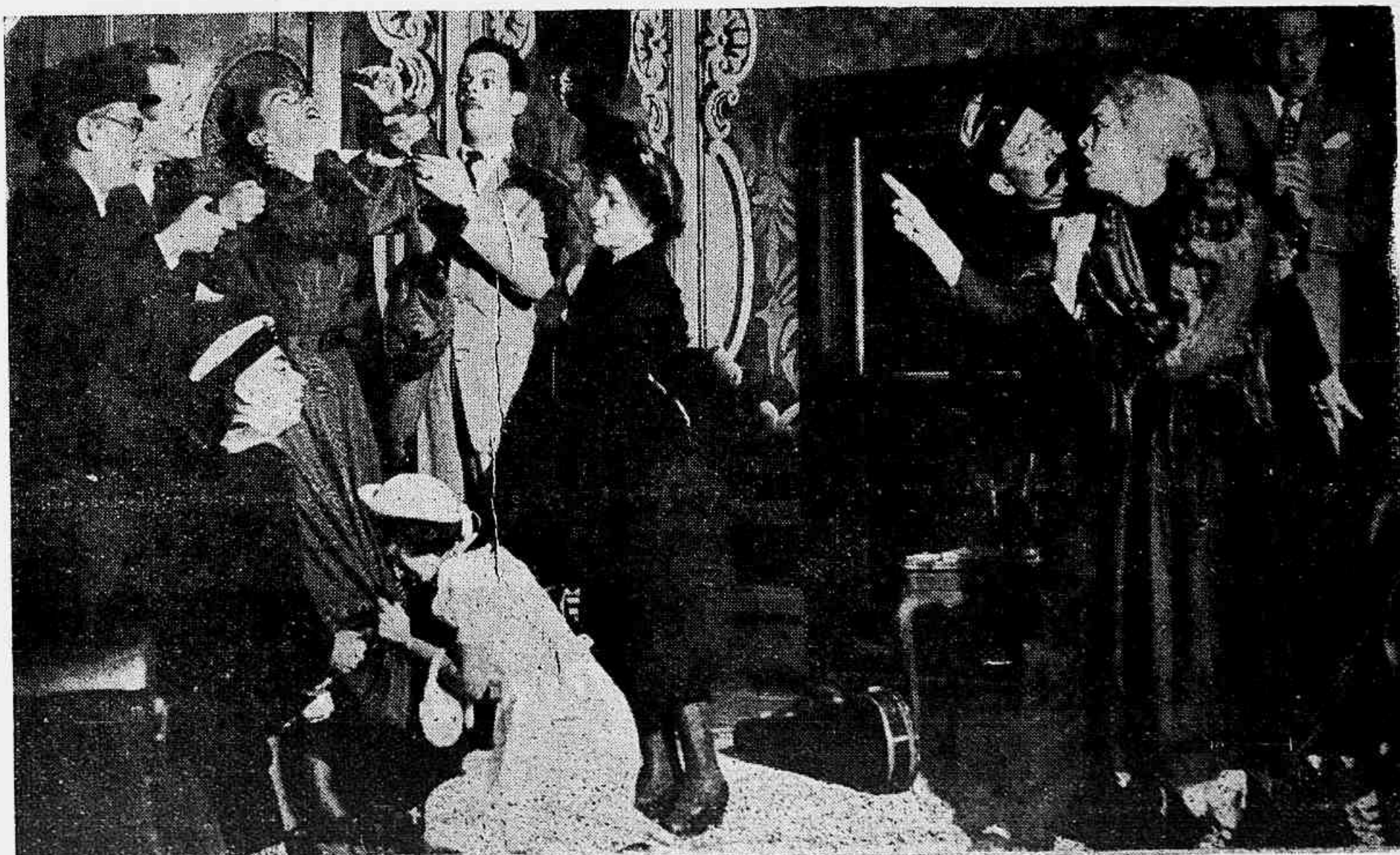
Mesmo que esquecêssemos toda essa frça poética, todo esse encanto tragi-cômico da peça de Eduardo di Filippo, ainda assim nos restaria um divertimento inteligente e cem por cento teatral. Com uma técnica segura, o autor italiano construiu dois atos onde nem se tem tempo de respirar, tal constância das situações curiosas e engraçadíssimas, para depois descobrir um terceiro ato, onde tudo é novo e inesperado.

A direção de Ruggero Jacobbi, jovem "régisseur" italiano que conhecemos pela primeira vez através de seu trabalho em "Tobacco Road", apresentação de Sandro e seus artistas, é responsável pela maior parte das boas qualidades do espetáculo. Jacobbi, que começara dirigindo entre nós uma companhia de profissionais e semi-profissionais, trabalha agora uma companhia antiga, tradicional, com nomes que dispensam apresentação. Pois bem: ainda assim está sempre presente, mesmo nas coisas mais simples, nas marcações mais insignificantes, a sua direção. É essa direção que torna o espetáculo rico de um ritmo que não se interrompe, de uma leveza e de uma elegância que não têm solução de continuidade. O cenário inteligente e habilmente realizado e o uso de luzes criam a verdadeira atmosfera de um castelo napolitano. É também a direção que deve ser responsabilizada pela valorização de cada personagem, seja ele o menor e o mais insignificante. Assim, desde Mozart Regis, magnífico no menino doentinho e cheio de cacoetes até às duas excelentes aparições de Belmira de Almeida e Alma Flora, respectivamente Carmela e Sra. Alfredo Maragliano, está sempre presente esta valorização. A primeira, numa quase louca, tem apenas um instante na peça, mas só este bastaria para afirmar a grande atriz que temos diante dos olhos. Os seus gestos preciosos, os seus olhos marcando o estado de pré-loucura em que vive e a voz dando a justa medida da idiotice do personagem, todos esses detalhes tornam seu trabalho em "O grande fantasma" uma verdadeira criação. O mesmo acontece com Alma Flora. A atriz que em 47 fôra a maior, vencendo nos papéis e gêneros os mais diversos, reaparece agora como a Sra. Alfredo Maragliano. E a sua Armida tratada no justo tom caricatural é outra grande criação de Alma Flora, mais uma prova de sua versatilidade. A Armida vulgar, chata como diz Alfredo, com mania de cantar ópera é uma aparição notável, criando talvez o maior momento cômico de toda a peça. Mas além de Belmira de Almeida e de Alma Flora, ambas excelentes, há também Carlos Duval, um cômico de recursos, nem sempre bem aproveitado. O porteiro Rafael, alma negra que roubava sempre que podia o pobre Pascoal, é outra figura de destaque no sucesso da peça. Depois destes três há ainda e principalmente Procópio vivendo um dos maiores momentos de sua carreira. Há muito não o víamos tão ajustado a um papel e o que é mais importante: dominando tão bem o personagem que cria. O seu Pascoal Lojacono é uma maravilha e serve como autêntica aula de interpretação. Os dois primeiros atos, onde os sustos e as correrias atormentam o homenzinho, nos dão Procópio

(Continua na página 36)



Três cenas de "O grande fantasma", de Eduardo Di Filippo, comédia apresentada por Procópio Ferreira e seu elenco, em tradução de Renato Alvim e Mário da Silva





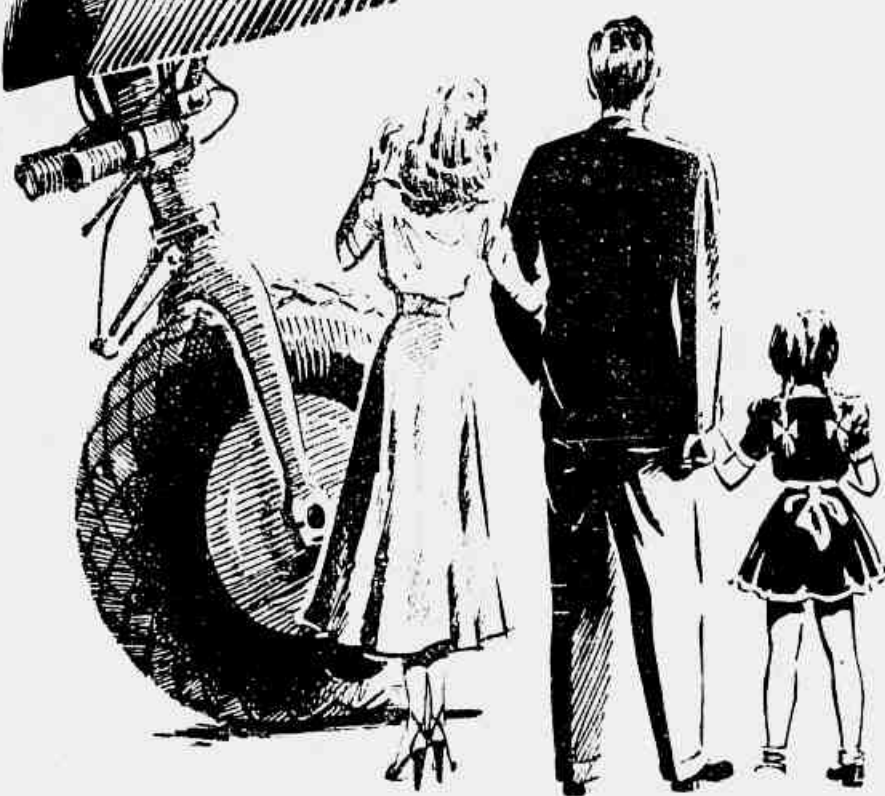


## UM SÍMBOLO SIGNIFICATIVO!

A Aza representa os píncaros de perfeição a que a PAA tem levado o Transporte Aéreo para servir a humanidade.

O Globo simboliza o fato de que, hoje em dia, V. S. pode viajar pela PAA para 68 países, nos quatro cantos do mundo.

Juntos, a aza e o globo da PAA formam um símbolo que é reconhecido pelos viajantes em toda parte como o mais alto padrão de assistência ao passageiro e regularidade de vôos... outra razão por que, todos os dias, cada vez mais ouve-se dizer...



## Viaje pela PAA

— Melhor maneira não há!

BP-218-10.113

- ★ PASSAGEIROS
- ★ CLIPPER CARGO
- ★ CORRESPONDÊNCIA



**PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS**

*A Rede dos Clippers Voadores*



Conto de MILA GALVÃO  
Ilust. de ORLANDO MATTOS

**G**RASSARA a gripe espanhola. A morte campeava pela cidade numa ceifa desenfreada e cruel. Os vivos temiam-na, e os mortos nem sempre estavam bem mortos... O pavor se estampava em todas as fisionomias e havia luto nos lares. O vento percorria as ruas silenciosas e ermas, indiferente à dor dos homens. Foi numa dessas noites escuras e tristes que nasceu a primeira filha do casal.

Chegaram as primeiras visitas; os avós, os tios e amigos. Entretanto, ninguém se acercava do berço; havia sempre a possibilidade do contágio.

Dias depois, na Pia Batismal, a pequerrucha recebeu o nome de Maria Emilia e passou a ser, pelos íntimos, tratada por Mila. Estava em moda um romance de Alencar, no qual a Heroína era assim chamada.

O tempo foi passando e, por ele, Mila caminhava.

Surgiu o primeiro dente; foi uma festa... logo depois, começou a engatinhar; que tragédia!... Havia sempre a possibilidade da pequena rolar pela escada abaixo, ou, então, pôr alguma coisa na boca; e, essa coisa era, sempre, uma ponta de cigarro que o pai da garota costumava atirar pelos cantos da casa. Nessas ocasiões havia um "bafatô" medonho; pai e filha ouviam um sermão danado; ele, para perder tal mania e ela, para não pôr "caca" na boca.

Os primeiros passos foram animados por palmas e bel-jos: "Pandá pra ganhá vintém"... e, lá se ia a pequerrucha, na sua camisola de cambraia engomada, mal se sustendo nas perninhas roliças.

Surgiu, depois, um irmãozinho.

Veio a época do sarampo, apareceu a coqueluche e, finalmente, o período da merenda, dos lapis de côr e do primeiro livro.

Mila aprendia por um processo moderno, enquanto, os primos enfrentavam a velha cartilha. Num jantar de domingo, em casa da avó, quando todos estavam reunidos, houve um pequeno confronto de métodos: um livro foi aberto a esmo, e, Mila, olhando para a figura do lado, leu rapidamente — a boneca. Os mais velhos se entreolharam; chamaram o primo Carlos, que, a custo, soltou — a me-ni-na. Os grandes se entregaram à calorosa discussão, e as crianças voltaram aos seus folguedos, mas, em meio a brincadeira, sua cabeça martelava: teria cometido erro? No fundo sentia que fora uma decepção, mas por que? por que?... Enquanto isso, lá dentro, não deviam ter chegado a nenhum resultado, pois, as coisas continuaram como estavam; apenas, no fim do ano, Mila já sabia ler correntemente, embora, por vezes, ainda se enganasse. Os primos, porém, ainda estavam às voltas com o abc.

Pouco tempo depois, seus pais foram para o interior, e, ela ficou em casa da avó, afim de continuar estudando. Começou, assim, uma nova existência, num ambiente feio e austero! Aos poucos, a criança alegre e descuidada foi se tornando silenciosa e retraída. Enquanto a nostalgia de casa e a ausência de carinho a atormentavam muito ela se esbandia, enchendo o rosto de Teresa, de beijos estalados e quentes. Tetê, como era chamada por todas as crianças, era a copeira da casa, mulata roliça, sempre com uma história para contar, e, umas rapidurinhas de leite, subtraídas com habilidade da despensa, para quem ficasse, por castigo, sem sobremesa...

O tempo, agora, parecia querer caminhar mais depressa, porém Mila acompanhava sua marcha. Desceram as bainhas dos vestidos, e ela se transformou em uma adolescente desengaçada, de ar tímido e gestos esquivos... Apesar disso, apareceram as primeiras amigas, os convites para festas de aniversário e, finalmente, para assombro de todas as tias, surgiu o primeiro namorado. Como a empregada era camarada, permitia que ele as acompanhasse no percurso para o colégio; deixava-se ficar para trás carregando a pasta, enquanto os dois avançavam absortos! Mas, infelizmente, havia em bom número, amigas da família prontas a comentar a cumplicidade da criada; esta foi logo substituída pela velha Anacleto. Na sua raiva, Mila planejou uma desforra; com suas longas pernas de gazela fugidia, se distanciava rapidamente da preta, que para trás ficava se arrastando... Pouco tempo depois essa notícia também chegou em casa. E, quando foram repreendê-la, disse à guisa de explicação: "Anacleto está velha demais para me levar ao colégio; não posso chegar atrasada porque ela tem 90 anos, tem reumatismo e foi escrava de vovó... é melhor mandarem outra pessoa me acompanhar; caso contrário, ela terá que ir sempre sozinha, resmungando!..."

Um ano depois, a coitada morreu e Mila sentiu um medo horrível. Quem sabe, se um dia ainda ela se vingaria?...

Como as notas no boletim diminuam e o número de festas e namorados aumentava, ficou resolvido que Mila iria interna para o colégio.

O tempo continuou sua ronda cêlere, e, passados cinco anos, trouxe para a vida a nossa reclusa.

Era, agora, uma moça; mas, em seu íntimo, batia o mesmo coração tímido e inexperiente, sequioso de afeto e acolhido. Seu antigo ar arredio se transformara em um "quê" um tanto frio que mantinha as pessoas um pouco distante. Era isso uma auto-defesa, mas, na intimidade era acessível, sem chegar, entretanto, a excessos de amabilidade.

Para à porta do mundo, olhou um momento para trás; passou os olhos pelos dias que já se tinham ido



e não sentiu nem saudades nem remorso. Aquilo era o passado e o que se foi não tem mais côr.

Até a velha Anacleto não a amedrontava mais! repousava tranquila no Cemitério do Araçá.

De repente, vieram-lhe à mente as manhãs de sol passadas na fazenda, as correrias pelo pomar a fora, e o

cheiro adocicado das mangueiras floridas. Agora, uns pés miudinhos estavam mergulhados na água fria do rio; de repente o vestido, que fora levantado e preso entre as pernas, escapou ficando todo molhado... como eram doidas as chineladas de Mamãe!... Flores de São João!

(Continua na página 58)

# A RONDA DO TEMPO





Peg pôs-se em campo a fim de afastar Bill de outra mulher, mas sua campanha teve um resultado imprevisto.

— Ele está bonito como sempre? — perguntou Anne.

Peg Landreth assentiu com a cabeça, procurando evitar que seu sorriso fosse afetado.

— Lembro-me da primeira vez que o vi, disse Anne. Ia procurar você dirigindo aquele Wills-St. Clair amarelo — uma semana antes de correr oitenta jardas para dar uma tunda em Harvard.

Tôdas achamos que ele era a coisa mais romântica por ventura surgida em nossas vidas.

— E eu também, disse Peg.

— Ele foi para a guerra? — perguntou Anne.

— Dois dias depois de Pearl Harbour, respondeu Peg. Tinha ligações para movimentar a fim de ir para a Força Aérea. Só ao chegar lá soube que as ligações não eram suficientes. Nunca o deixaram erguer-se do solo, pobre cordeiro. Disseram que era muito velho. Creio que isso partiu-lhe o coração de uma forma que nenhuma outra coisa poderia ocasionar.

— Mas você sentiu-se feliz, não se sentiu? — perguntou Anne.

Peg assentiu. Anne continuou:

— E eu. Tenho almoçado assim com uma turma do nosso grupo, ultimamente, viajando como estou. Depois de vinte anos é um pouco embaraçoso. Inúmeros dos meninos têm tido um trabalho imenso.

— Bem, disse Peg, não posso dizer que tenha tido em minha vida alguma coisa desordenadamente excitante, mas Bill tem sido maravilhoso, e Molly e o pequeno Bill são tudo que um pai possa pedir de um casal de filhos. Creio, aliás, que em nossa idade já se procura trocar os momentos tempestuosos pela estabilidade. Por um sentimento de segurança.

Nste momento exato, levantou os olhos e viu Bill saindo do restaurante com uma mulher.

Mas não era apenas um Bill qualquer. Seu Bill. Seu maravilhoso, belo e feliz Bill. Sobre a mulher nada podia dizer, exceto que ela e Bill estavam inconfundivelmente juntos. Além de experimentar um sentimento acerbo, estava confusa.

Aquilo era tão oportuno, tão nitidamente sugestivo, que Peg não o compreendeu por inteiro até que Bill e sua companheira tivessem saído. Ao dizer adeus a Anne mantivera um controle completo; só agora, quando estava no bonde voltando para casa é que sentiu uma dor aguda nos olhos e se enevoaram os que a circundavam. Começava a lembrar-se das noites em que Bill chegara atrasado para o jantar, noites em que ele telefonara para dizer que só chegaria tarde. Nenhuma explicação, salvo referências vagas a "trabalho". Relembrou chamados telefônicos, com Bill falando baixo, voz cautelosa...

Procurou recordar-se daquela mulher, tentando torturar-se a si própria com a idéia de como era esperta e bela, mas não pôde recordar-se de nada e isso, afinal de contas, pouca importância tinha. O fato era que este casamento de Peg e Bill Landreth, este casamento com o qual ela estava tão satisfeita, fora de encontro às pedras, como seus amigos cedo começariam a murmurar.

Quando chegou em casa, havia duas cartas na caixa do correio, uma com carimbo de Northampton e outra de New Haven. Cartas de Molly e do pequeno Bill no mesmo dia constituíam um milagre, mas a idéia de as ler agora era mais do que podia suportar. Em cima, atirou-as sobre a penteadeira, sentou-se e começou a chorar.

Gastou algum tempo nisso. Instantes passados, levantou-se e viu a própria imagem lúgubre no espelho.

— Bem, bem — disse-lhe ela. Você tem pena de si mesma, não tem? Eis o tipo exato de aproximação a tentar com Bill. Soluções e reprimendas... Você pode garantir com certeza que ele sairá de casa, dez minutos decorridos — para sempre.

Era o dia em que Effie costumava sair, mas Effie sempre deixava alguma coisa para o jantar que apenas precisasse ser aquecida. Peg fez hora tomando banho e depois experimentando enfeites de cabelo. Encontrou um a calhar para um vestido de tafetá preto que comprara três semanas antes e não usara ainda. Isso era difícil de crer ao ver-se o vestido — a menos que se tenha tido a experiência que tudo oblitera de mandar um filho e uma filha para o colégio.

— Lanço-me a uma bela e firme competição para tê-lo de volta nos "twenties", Bill querido, falou ela mirando-se no espelho.

— E eu posso fazê-lo de novo. Foi engraçado na primeira vez; por que não seria mais engraçado ainda agora?

A noite não foi um sucesso, todavia. Bill prestou atenção ao vestido e disse que ela estava maravilhosa. Depois dos martinis que ela preparara, perguntou com ar ausente se ela se divertira com Anne. Peg esperava por isso. Não era seguro falar sobre Anne: primeiro, porque trazia-lhe à frente a figura transtornante daquela mulher, e segundo, porque poderia de alguma forma revelar o fato de ela e Anne terem estado no restaurante.

— Não fui, disse ela em consequência. Desmanchamos o encontro. Esquecera-me ser o dia de saída de Effie; havia muito que fazer aqui.

Depois do jantar, Bill disse que tinha de sair. Peg não demonstrou qualquer reação, mas depois dele ter-se ido experimentou vários expedientes, nenhum dos quais vingou, para não pensar no caso. Finalmente, saiu e caminhou em torno do quarteirão deles até que se sentiu bastante cansada para poder dormir.

Não ouviu Bill entrar e ele já saíra quando levantou-se na manhã seguinte. Foi à cidade e comprou algumas roupas. Não que tivesse realmente alguma fé supersticiosa no que elas fariam para reconquistar-lhe o marido; apenas, ver-se a si mesma numa porção de coisas diferentes melhorava-lhe o ânimo.

Voltou mais ou menos à uma hora, para saber que Bill telefonara. Não havia deixado recado, mas era provável que só regressasse tarde à casa. Peg subiu devagar, sentindo o desencorajamento como um fardo sobre os ombros. Será possível lutar por um homem que nunca se vê?

Apenas alguns momentos mais tarde começou a atentar num ruído nunca ouvido anteriormente. Fazia-a pensar em uma motocicleta e um avião ao mesmo tempo, e parecia vir de perto. Nada podia ver de sua janela, mas o povo na rua estava olhando para cima. Atravessou o vestibulo em direção ao quarto do pequeno Bill.

Uma exclamação atônita partiu da cozinha de baixo, e uma coisa com enormes lâminas girando sobre si mesma deslizou até ser visto por cima da casa. Parecia estar andando para trás; a frente era transparente e Peg reconheceu Bill olhando concentradamente para o chão. Ela desceu assim que Bill, iludindo a vanguarda dos vizinhos, entrou na cozinha.

— Alô, disse ele.

— Alô, retrucou Peg. Que coisa neste mundo...

— É um helicóptero, respondeu Bill. Peg assentiu.

— Eu sei. É seu?

— Em parte. Ele olhava para ela pensativamente. Quer vir cá fora vê-lo?

Ela disse que sim. Sairam e ela sentou-se num dos lugares. Bill deu a volta

O MARIDO SUSPEITO



e escurregou para o outro, respondendo a perguntas todo o tempo.

— Parece um carro, começou ele prelecionando. Virou uma chaveta e Peg olhou para cima quando as enormes lâminas em cima da cabine começaram a mover-se.

— Tudo se faz controlando o ângulo sob o qual ferem o ar, disse Bill.

— Pode-se andar para a frente, para trás, para cima, para baixo, para os lados...

Uma fraca aclamação faceciosa fez Peg olhar para baixo. Para um círculo de pessoas olhando para cima. O helicóptero estava mais ou menos vinte pés acima do solo e continuava a erguer-se.

— Bill! — exclamou ela.

Tinha voado antes, mas aquela decolagem direta para o ar de seu próprio quintal... Cogitou do assunto, ainda que só por um momento, e espiou curiosamente enquanto Sunnyfield e os campos adjacentes espalhavam-se lá em baixo. Depois,

lembrou-se que havia muita coisa para ser explicada e voltou-se para Bill.

— Tudo bem, disse ele. Gastei todo o mês passado aprendendo a voar nele.

— Você nunca disse nada, falou Peg.

— Queria fazer-lhe uma surpresa, retrucou Bill.

— E fez, disse-lhe ela. Após um instante, continuou:

— Essas coisas não são bem caras?

— Pode apostar como são, assentiu Bill. Fomos sete a entrar no negócio. Uma companhia. E' possível fazer muito dinheiro com um helicóptero.

Peg não falou nada. Bill era advogado e um advogado em boa situação.

— Não para nós, prosseguiu Bill. Ouvimos falar na viúva de um camarada assim de nossa posição. Foi morto na guerra e queríamos arranjar-lhe alguma coisa para fazer. Ela sabia voar um pouco...

O cérebro de Peg girava como o motor sobre sua cabeça.

— Não houve nada desinteressado nisso,

pelo que me toca, falou Bill com impeto. Entrei com a maior parte, mas estipulei que poderia usar a coisa em todo o fim de semana que estivesse livre.

Mexeu numa alavanca e a máquina parou de elevar-se. Começaram a andar para a frente.

— Você não sabe, disse Bill, o que significa desejar voar e saber que nunca o poderá fazer...

— Sei, replicou Peg. Mas era uma coisa maravilhosa a ser feita, de qualquer forma. Para ela.

— Ela quase não aceita, falou Bill. Disse que era muito para nós fazermos. Imaginei que você talvez pudesse ajudar a persuadi-la.

— Adoraria fazê-lo, disse Peg.

Bill olhou para ela e depois para longe.

— Fi-lo eu próprio, retrucou. Ontem, no almoço. Mas tentei telefonar a você várias vezes para ver se poderia desmanchar seu compromisso com Anne e vir conosco. Houve um silêncio. — Foi assim

que vim a saber não ter você estado em casa ontem, falou.

— Oh, fez Peg numa voz fraca.

— Olhe, Peg, continuou Bill depois de um momento, os olhos fixos para frente. Não quero nem mesmo saber o nome dele. Peg olhou-o empalidecendo. A falta não é de ninguém mais e, sim, minha — prosseguiu — se eu deixo-me envolver de tal forma por minha carreira que esqueço tudo o mais. Coisas — acrescentou entre dentes — como o fato de minha mulher ser bela e desejável...

— Bill! — exclamou Peg. Sobre o que está você falando...

— Ele não — disse Bill — quem quer que seja. Não vou dar-lhe o presente de um rompimento. Tenho um palpite que ele não foi muito longe com você, de qualquer jeito.

— Bill querido... — Peg sentiu um pânico súbito — a dois mil pés de altura, conversando daquela forma, não era real.

(Continua na pág. 51).







Conto de **VASCONCELOS MAIA**

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Ilustração de **A. MOURA**

Durante o dia é um vexe-vexe dos pecados. Tachos fumegando, mesas lambusadas de leite de côco, pirralhos metendo o dedo nos ovos batidos, brigando em disputa das panelas. Suando, ofegando, pequenita e gorducha, D. Zinha está que nem um buscapé, prá lá e prá cá, dando ordens, cumprindo ela mesma as ordens, mexendo a canjica, abrindo os fôrnos, metendo palitos nos bôlos para ver se estão no "ponto".

★

As 7: é que a pândega tem início. A noite está fria, rente como beira de rio e a garôa que desce dos outeiros é fininha de entrar pelos poros. A lua se faz de tola, num esconde-esconde entre nuvens que enraivece: parece até com a fiteira da Nonoca, filha do seu Marcionílio do Bar, que se furta quando passa um viajante mas fica a desjá-lo atrás das grêtas da janela. Sônsa, até ali!

As coivaras já estão arrumadas defronte de cada casa. "Os que podem" fizeram cada monte de lenha!... Mas os pobres também não deixam de queimar o seu. No princípio é um lamber medroso dos fiapos de chama. Seu Dedeco porém está perto, a filharada em redor, fazendo fole das bochechas. Há estalos e fagulhas. E o fogo cresce, crepita, alastra-se, abraçando as toras de mulungu, triturando-as e digerindo-as. A madeira chia e grita, vertendo sangue pelas feridas abertas, crispando-se às mordidas cruéis. E fumo e fogo turbilhonam, a faiscalhada saltando no ar. A primeira fogueira sucedem-se outras. E a rua sinuosa de Icó, a rua única, comprida como que, deitada ao lado do rio como jaracuçu preguiçosa, ilumina-se de clarões rubros, desde a estaçãozinha, lá em cima, até cá em baixo, na ponte onde uma vez — dizem — Lampeão viu braza.

★

Os grupos andam de casa em casa.  
— Meu São João, D. Martiniana!  
— O que será, Zezeca? Casa de pobre só tem canjica e genipapo: é entrar e comer pois fartura — isso lá!  
— esta velha se gaba de coração cheio.

★

As moças, vestidas de chita e algodãozinho (quem é otária de botar sêda p'ra queimar?) têm regalias. Ficam soltas. As espevitadas tomam pileques, riem-se sem

que nem p'ra que. Isaura e Dodó já estão meias-lá meias-cá.

No bloco das Almeidas e das Souzas uma carretilha rabeia. Gritinhos, uis arfantes, amostras de fragilidade, correria, assanhamento:

— Vou contar à mamãe quando chegar em casa, seu adiantado! ameaça Chiquita: Tu me paga, faço tua cama!

— Esse adiantamento todo é por causa da Tiêta, ora se não é! Quer se mostrar, êsse saído!

Mas Tinôco Maria-já-é-dia chicana do palavrório das irmãs:

— Acorda, João!

E escorva nova carretilha, cigarro pendente do lábio, malvadês fuzilando no olho.

★

Só quem fez balão de encher a casa foi o Pedruca do seu Inácio. Também... com papel fino dêsse preção, quem pode? Já os fogos de artifício estão mais baratos do que durante a guerra. E blocos ranzinzas fazem guerrilhas entrincheirados nas esquinas.

★

A tribu dos Silva Santos aquece fogo e solta traques inofensivos. Um pistolão arrota bolotas coloridas: ploff-plof-plof...

— Ó Candinho, que bonito!

Uma bomba estoura dentro da fogueira:

— Quem foi o pestinha?

— Fui eu, se não gostou dê seu jeito. O meu já está dado.

O milho estala sobre achas. Chia a batata doce:

— Bilu, teu milho tá bom de comer.

— Não, só gosto quando fica pretinho de assado.

— Que menina cheia de coisa! Cruz!

★

Vadinho passa, dedilhando a viola. Vadeco canta modinhas languês. O banjo nas mãos de Vaduca chega a parecer gente. A música quebrantada dos três irmãos machucam os nervos das senhorinhas que ainda não casaram.

— Aquêles sim! Sabem tirar proveito da vida!

— E se perdendo nestas matas, ein, Nini?

Mas o baile oficial é a nota da noite. A casa do coronel Moreira do Juazeiro Sêco está brilhando, pintada de novo, bandeirolas de papel crepon até no alpendre. A sala, a única sala assoalhada de Icó, bem passada de espermacete, está apinhada que não cabe mais alfinete. Os três irmãos boêmios da cidade, mais uma sanfona, a do Cego Luis, formam o jazz, que não para de tocar. E os pares se renovam, sôam e requebram-se.

— Vê lá, Das Dôres, Icó tá decaindo! Isso é jazz que se apresente?

— Quer melhor vá p'ra Capital, sua especialista!

— Éta, nem se pode brincar com a Das Dôres! Ela vem com cada resposta!

O Bertinho — Chi! parece um palhaço — faz cada graça de arrebrantar a gente de riso. Geraldo Sariguê apanha duas colheres, batendo as duas conchas nas mãos. Iligino de Oliveira Bandeira dança que é uma indecência. E solta espanta-menino nas pernas da ex-namorada que ontem lhe deu o "branco" por causa dum estudante recém-chegado.

— Seu Pitombo, venha tomar um licorzinho.

— De quê, d. Engracia?

— Do que quizer: gení, maracujá, tangerina, laranja, cacáu, leite...

— Chega, d. Engracia, faça uma misturinha daquelas...

— Êsse seu Pitombo...

Lá dentro, na sala de jantar os comes e bebes chegam a fazer lama. A canjica, amarelinha, diáfana, com desenhos de canêla por cima, treme-treme ao menor balanço na travessa.

— Ui, que dói de gostosa!

Pratalhões de arroz-dóce são devorados e substituídos. Patronais bôlos de São João imperam no meio da mesa com sua grave majestade. Talhadas de queijo e requeijão para cortar bebedeira. E compoteiras de cocada-puxa, de doce de leite, combucas de goiaba nadando em caldas purpurinas. Da licorada nem é bom falar.

— Éta, d. Engracia, é de fazer a língua dar estalo.

— Quá, seu Felipe, é modestia sua. Pena é não ter mais.

O garrafão-pai está na despensa, de reserva. As garrafas-filhas, alinhadas nos armários enchem cálices às mocinhas e copazios aos rapazes.

(Continua na página 58)

Saudades de S. João



**LÂMPADAS  
PHILIPS**



**Quais são os erros nesta figura?**



**Veja**

**TUDO  
CLARO**  
com

**LÂMPADAS PHILIPS**

Para começar, ele está usando o telefone às avessas. E, de qualquer maneira, o fone está desligado do resto do aparelho. Uma espreguiçadeira não é muito aconselhável para um escritório — especialmente se não tem travas de suporte — e repararam que a cesta de papeis está de cabeça para baixo? O gráfico passou da moldura. E que péssimo lugar para pôr a luz — o cavalheiro provavelmente baterá com a cabeça na lâmpada ao se levantar. Esperemos que não haja erro quanto à marca da lâmpada. Ela *deve* ser Philips — a lâmpada que garante o máximo de luz pelo mínimo de custo.



É POCA — meados do século dezenove; local — Paris. Era a Paris da reação. Os Bourbon haviam voltado ao trono, depois do clamoroso fracasso da fanfarronada napoleônica. Era a França da miséria. Vinte anos de penúria financeira, ditadura, assassinio militar. Para o povo, miséria no bolso, miséria no corpo, miséria no espírito. Muitos dos estudantes de arte de Paris acorriam às obras-primas de Miguel Ângelo, no Louvre. Porque sentiam um parentesco espiritual com aquelas criaturas — amigos de mármore, nascidos do sofrimento. Jean François Millet era um dos mais promissores desses estudantes e o mais particularmente sensível a Miguel Ângelo. Quando encontrou, acidentalmente, o quadro deste titã representando um homem moribundo, escreveu a um amigo: "Senti-me como ele, atormentado pela morte. Compadecei-me dele, sofri no mesmo corpo com os mesmos membros". Muitas pessoas vêem somente os horrores do sofrimento. Têm repulsa pelo espetáculo da dor. Algumas, entretanto, elevam-se ao apogeu da exaltação religiosa e estética, ante a experiência da miséria. Encontram lábios espirituais com que alimentam a substância da dor e a transformam em beleza. Millet foi um homem desse tipo. Natural da Normandia, o pintor laureado de **O Homem com a Enxada, O Semeador, As Respigadeiras, O Ângelus**, era filho de um camponês e filho e herdeiro da pobreza. Entre os artistas franceses do século dezenove, destaca-se como o padroeiro do pessimismo, um homem que encontrou inspiração na tristeza da existência humana.

"Você está sentado embaixo de uma árvore", escreveu ele, "sentindo todo sossego, toda tranquilidade que é possível gozar; e de repente vê alguma pobre figura, carregando um fardo, surgir cansada, vindo de algum caminho". E' o fardo do sofrimento humano, levado pelo mais humilde dos camponeses em sua paciente procura da centelha que transformará sua carga na chama crepitante da esperança. Na tarefa diária e rotineira do camponês, para quem a própria fonte da existência, a própria questão da vida e da morte dependia dos caprichos do solo, Millet encontrou o supremo drama da humanidade. O cenário da tragédia era a extensão horizontal, infinita, da terra ensolarada da Normandia, e o ator, o camponês trabalhando, incessante — e devotadamente, sem se queixar. Há piedade e ironia na devoção do camponês. Um espetáculo para levar um artista a preces e a lágrimas.

— Oh, meu filho, — dissera o sacerdote da aldeia a Jean François quando era muito moço, — você tem um coração que lhe trará muitos aborrecimentos. Você não sabe quanto irá sofrer.

E Jean François cumpriu a profecia.

## II

Quando Jean François era menino, houve um trágico naufrágio nos rochedos da Normandia, em Cruchy. Foi no dia de Todos os Santos. Jean François e seus pais estavam rezando na igreja da pequena aldeia. Um marinheiro, molhado até os ossos e com pedaços de gelo do mar agarrados ao rosto, precipitou-se para o altar, gritando que um navio fóra de encontro aos penhascos. Todos correram para a praia. Viram homens e topos de mastros resvalando no vai-vem das montanhosas ondas. Ouviram desesperados gritos de socorro. Ajoelharam-se e rezaram, enquanto o vento os vergastava. Jean nunca esqueceu os rostos daqueles homens e mulheres, ajoelhados em oração. Frequentemente, em seus últimos anos, proclamou a opinião de Miguel Ângelo de que os aniversários dos seres humanos deveriam ser olhados, não como dias de alegria, mas como dias de luto. Certa vez saudou o Ano Novo com o brinde: "Outro ano está se acabando esta noite. Que tristeza! Desejo a todos nós tão poucos anos de vida quanto for possível!". Os críticos, censuram seus quadros pela ausência de alegria. Alegria? Não a conhecera. Era um camponês. Fóra criado por uma avó, pela mãe que morrera amargurada, porque seu filho Jean François, que estava longe, pintando em Barbizon, não pôde comprar a passagem de estrada de ferro, para chegar à sua cabecira.

— O aspecto jovial da vida nunca me apareceu. Não sei o que seja. Nunca o vi. As coisas mais divertidas que conheço são a calma e o silêncio.

Mon Dieu, como eram frios os meses de inverno em Barbizon! Millet passou a maior parte de sua vida adulta nessa "provincia de pintores". Vivia num pequeno celeiro aquecido por um fogão de lenha. Vinte e sete anos! Tinha para sustentar, uma esposa paciente e que não se queixava. "Que mulher admirável!", disse dela ternamente. E tinha também filhos, os "sapiinhos", com bôcas para alimentar. Como era penoso o inverno, quando não se vendiam quadros, quando se estava prestes a passar fome! Entretanto, não sacrificaria o inverno pela primavera. Não poder observar a tristeza dos campos e das florestas, no inverno, seria uma enorme perda para o artista. Não era um filósofo. Não queria se desfazer das amarguras da vida ou achar uma fórmula que o tornasse estóico ou indiferente. O sofrimento é, talvez, o que dá ao artista o mais forte poder de expressão.

— Arte não é divertimento, — dizia. — E' um conflito, uma engrenagem de rodas, na qual alguém é esmagado,

# A VIDA DE MILLET

(JEAN FRANÇOIS MILLET — 1814-1875)

Por HENRY THOMAS E DANA LEE THOMAS  
(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a livraria do Globo, de Porto Alegre)

## III

Quando rapaz, desenhara alguns trabalhos a carvão, à noite, depois de um dia de trabalho duro, nos campos da casa em que nascera. Esses desenhos provocaram a admiração de um artista de terceira classe, que vivia nas vizinhanças. Depois deles, Millet percebeu que a carreira de fazendeiro não era para ele. A arte era seu objetivo, sua missão, sua religião mesmo. O amigo intercedeu junto a uma comissão, em Paris, para conseguir-lhe uma bolsa de estudos. Millet deixou seu lar e foi para a capital. Mas assim que chegou, uma grande saudade do campo assaltou-o. Havia chegado a uma Paris "negra, lamacenta, enfumaçada", como a chamara, numa tarde nevosa de janeiro. O tráfego das carruagens, as luzes das ruas submersas na neblina, as vielas estreitas e os casebres sujos traziam lágrimas a seus olhos. Para frenar uma repentina explosão de soluços, lançou sobre o rosto água de uma fonte da rua. Isto fê-lo sentir-se melhor. Afinal, aqui estava como numa peregrinação religiosa. As últimas palavras de sua avó, uma austera, imponente e pura católica, com alma de puritana, vinham-lhe agora à memória: — Preferia vê-lo morto, meu filho, do que rebelde e infiel aos mandamentos de Deus... Lembre-se de que é um cristão antes de ser um artista.

Foi precisamente a esta qualidade da arte de Millet, que os críticos se agarraram. Diziam que era mais um cristão do que um artista. Tomemos, por exemplo, seu muito conhecido estudo **As Respigadeiras**. Três camponesas estão respigando os campos, mecanicamente, penosamente, sob um sol brilhante e abrasador de pleno verão que cresta a terra com seus raios devastadores. Ao fundo um grupo de ceifeiros amontoa o grão dourado. Um fazendeiro, trepado em um vagão, dirige os trabalhos. Duas das respigadoras, tendo nas cabeças, respectivamente, uma, um lenço vermelho, e outra, azul, estão curvadas sem ne-

Quando Millet pintou **As Respigadeiras**, tinha quarenta e três anos. Durante vários anos mandara quadros aos salões de Paris, unicamente para se ver sempre recusado. Seu trabalho não agradava ao gosto dos aristocratas. Nada tinham em comum com esse homem que seguava o arado e errava pelo solo e pelo estérco de Barbizon. Quando Millet se uniu ao curso de arte, em Paris, os alunos complicados e bem educados zombaram de suas maneiras. Alguns, mais francos que os demais, ficaram conhecendo a força de seus punhos. Em parte por zombaria, em parte por admiração, apelidaram-no: O Homem Selvagem das Montanhas. E o Homem Selvagem das Montanhas continuou ele, por toda sua vida.

— Não fui feito para curvar-me, — disse ele, — nunca terei a arte dos salões de recepção parisienses a me constranger. Nasci camponês e camponês morrerei".

E assim, estabeleceu-se com sua mulher e seus filhos numa barraca ambulante, em Barbizon, à beira da grande floresta. Escavava a terra e pintava em seu jardim, trazendo a família no mais baixo nível de subsistência. Conhecia os camponeses que pintava. Era irmão deles e sentia-se intimamente ligado a suas tristezas e aflições. Apesar de suas despesas de vida serem mínimas, era incapaz de satisfazê-las. Uma vez escreveu:

"Eu realmente não sei como estou cumprindo meus compromissos e continuando a viver". Havia dias em que não possuía dois francos no bolso. Foi com grande ternura que pintou **As Respigadoras**. Estava inteiramente familiarizado com as privações do camponês da França. Entretanto, o público saudou este quadro com um coro de zombarias. Referindo-se às figuras das três respigadoras, um crítico observou: "São toscos espantalhos colocados num campo. A fealdade e a vulgaridade do Sr. Millet são irremediáveis". A esta explosão Millet poderia ter respondido que mesmo nas coisas toscas existe um valor que está além da compreensão de um crítico cego. Alguns críticos discutiram tanto os aspectos técnicos quanto as qualidades espirituais do pintor. O campo em que as respigadoras estão trabalhando é banhado por um sol de agosto, presumivelmente abrasador e intenso. Entretanto, a tonalidade principal é um azul tenebroso, pesado e cinzento, que sugere um nevoeiro. Um de seus defensores, todavia, explicou isto, observando que "o sol de agosto espalha um poderoso calor pela tela. Não se achará nenhum desses caprichosos raios que saltam, como estudantes em férias, nos quadros de outros pintores. E' uma grave claridade solar que amadurece o trigo, faz o homem suar e não lhe permite perder tempo com travessuras". Millet era um poeta de cores sombrias — das florestas, dos crepúsculos, das penumbras.

— Se pudessem ver quanto a floresta é bela! — dizia ele. — Corro até lá algumas vezes, no fim do dia, quando termino meu trabalho, e volto sempre abatido. A calma e a grandeza são tão espantosas, que me surpreendo realmente amedrontado. Não sei o que as tratantes dessas árvores dizem umas às outras, mas isso é porque não falamos a mesma linguagem.

Entretanto, a linguagem de sua pintura está às vezes poderosamente unida a uma compreensão da linguagem da natureza.

Quando apareceu o quadro **As Respigadoras**, Millet foi acusado de agitador. A burguesia acreditava que estava tentando dar uma consciência de classe aos camponeses, e animando uma revolução social através de seu ódio pessoal contra as classes proprietárias. Ódio?

— A missão da arte é uma missão de amor, não de ódio — replicava. — Cuidaria ele da emancipação do camponês em relação ao solo? Ele próprio era um camponês entre os camponeses. A idéia da eternidade, o infundável, a capacidade do homem, em escolher sua ocupação, tornaram-no desejoso de pintar o camponês, não como poderia ser, e sim como realmente era — condenado, predeterminado a cultivar o solo para sempre, sem nenhum sonho ou desejo de mudança social. Política, revolução, socialismo? Que tem a arte a ver com essas coisas? A arte não virá nunca senão de algum pequeno e desprezado ângulo, onde um homem isolado e inspirado estuda os mistérios da natureza.

Mas os críticos recusavam-se a ver. As três horríveis parcas do pauperismo — foi assim que apelidaram as três respigadoras — o grito de guerra do jacobinismo e da revolução. — Meus críticos — dizia Millet — são, imagino, pessoas de gosto e instrução; mas não posso me pôr na pele deles. Nunca vi coisa alguma em minha vida, a não ser o campo, e tento expressar, com simplicidade e o melhor que posso, aquilo que vejo.

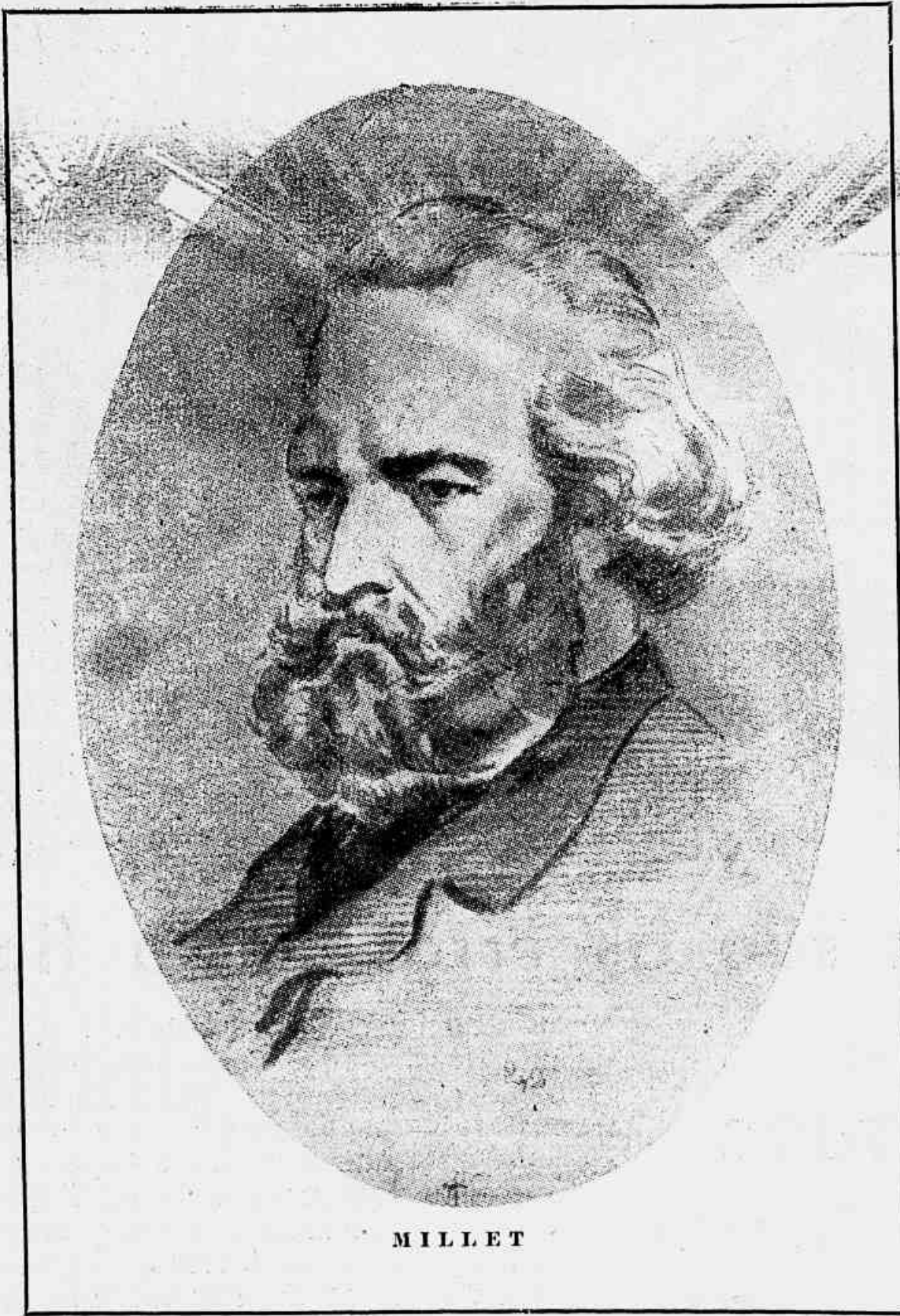
Seu quadro é teatral, atacavam eles. Combatia o melodrama. Mas o melodrama estava inteiramente afastado do pensamento de Millet.

— A galeria do Luxemburgo provocou em mim antipatia pelo teatro — respondia ele. — Sempre tive uma aversão marcada pelos exageros, pelas falsidades e pelos sorrisos afetados das atrizes e atores.

— Bem, então seja como for, — insistiam os críticos, — caiu num sentimentalismo barato. Não soube utilizar bem o pincel.

Esta acusação, como outras, Millet negou enfaticamente.

(Continua na pág. 32)



MILLET

nhuma queixa, remexendo a ceifa com os dedos, silenciosamente. Uma terceira mulher se ergue para descansar, talvez para meditar um instante sobre a crueldade da lei que a condena a tal sofrimento e a tal trabalho. Mas, depois desse momentâneo relâmpago de introspecção, depois desse acender-se parcial do fogo divino que promete transformar esta argila em algo humano, é visível que voltará a seu lugar, ao lado das outras, curvando-se mais uma vez. "Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto"



# REVISTA



Cena entre a rainha e Hamlet, quando este mata Polonius com uma cutilada, supondo tratar-se de Claudius. Os intérpretes são Laurence Olivier e Eileen Herlie

A imprensa americana está tecendo grandes elogios ao "Hamlet" de Laurence Olivier, que foi, por alguns críticos, considerado uma "obra-prima". Na sua versão, Laurence Olivier eliminou alguns personagens, entre os quais Rosencrantz e Guildenstern, omitindo também a rivalidade com Fortinbras. Suprimiu, também, o famoso monólogo que começa com a expressão: "Oh, que rude e miserável escravo eu sou". Mas, em compensação, desenvolveu igualmente várias seqüências de grande beleza, como, por exemplo, a da morte de Ofélia. A câmera está sempre em movimento, explorando todos os recantos do castelo de Elsinor. Enquanto que a duração da peça, no palco, é de pelo menos quatro horas e quinze minutos, Laurence Olivier reduziu sua condensação cinematográfica a 2 horas e 35 minutos de projeção. A imprensa norte-americana louva grandemente a escolha dos intérpretes: Jean Simmons, uma linda garota de 18 anos, é a Ofélia; Eileen Herlie é a Rainha; Basil Sidney, que, em outros tempos interpretou brilhantemente o papel de Hamlet, é o rei; o veterano Felix Aylmer

é Polonius; e o novato Norman Woodland é o Horácio. Mas o grande triunfo pessoal é realmente o de Laurence Olivier como "Hamlet".

## "OBRIGADO, DOUTOR!" ACUSA PROGRESSOS

Moacyr Fenelon vai apresentar ao público sua primeira produção depois que saiu da "Atlântida". Este filme chama-se "Obrigado, doutor". Melhor ou pior que as suas produções na companhia dos irmãos Burle? Melhor, negativamente. Fenelon procurou trazer a câmera para o exterior, aproveitando aspectos naturais dos nossos campos e de nossas pequenas cidades. O filme tem um ritmo mais intenso e boa continuidade. Há pequenos senões que poderiam ser evitados, cortados mesmo da película, como o horrôso



Margaret O'Brien está crescendo. Este ano, ela foi uma das alunas mais aplicadas da escola mantida pelo estúdio da Metro para seus artistas infantis. Sua professora, Mary McDonald, está orgulhosa dos seus reitos e deu-lhe um presente, na terminação do último período letivo, em agosto. Presentemente, ela está no elenco de "Little Women". Com June Allyson, Elizabeth Taylor, Janet Leigh, Peter Lawford e outros. A história é a do velho livro de Louisa May Alcott. Margaret O'Brien está presentemente construindo em Hollywood um edifício de apartamentos, com acomodações para quarenta famílias...

recital de piano da mocinha Glória Lintz. É incrível que o diretor tenha consentido que essa parte tenha sido colocada no filme. A recordação de "Roberto Maregal", revivendo sua vida com "Irene", poderia ter sido mais breve, são esses os únicos instantes em que a ação se arrasta. Quando termina a recordação e o "calceiro" Maregal atende na loja de "seu" Donato o filme torna-se excelente. Rodolfo Mayer no papel de Roberto Maregal confirma o seu posto, como o melhor "astro" do cinema brasileiro. Lourdinha Bitencourt está muito bonita e muito natural. Hebe Guimarães surge como forte candidata ao prêmio anual da Associação dos Cronistas Cinematográficos. Modesto de Sousa está bem em todos os momentos. Grande artista de cinema, sem dúvida. Todos os outros participantes não desmerecem o "cast", com exceção de Carlos Medina, um verdadeiro canastrão, no papel de delegado.

O filme, no total, agrada. É o melhor de todos os filmes brasileiros que assistimos. A equipe técnica colaborou bastante para o agrado do trabalho, podendo-se notar a ótima maquiagem de Eryk, a fotografia de Silvio Carneiro e o som de Luís Braga Filho. Parabéns a Moacyr Fenelon, que continua progredindo na arte de fazer cinema — N.

## AVA GARDNER, AO LADO DE ROBERT TAYLOR

Ava Gardner — que foi uma das esposas de Mickey Rooney, como vocês estão lembrados — está adquirindo fama na cinematografia, não só como mulher bonita, mas igualmente como boa atriz. Depois de ter filmado "One touch of Venus", para a Universal, está agora fazendo "The Bribe", para a Metro, com Robert Taylor.

## UM NOVO "TEAM": SINATRA- WILLIAMS-KELLY

Um novo "team" acaba de ser formado, no filme musical da Metro-Goldwyn-Mayer, "Take me out to the ball game". É a primeira vez que aparece um filme com título tão longo: sete palavras. O



## MAMÃ SHIRLEY TEMPLE

Aqui está Shirley Temple, com seu primeiro rebento ao colo. O bebê é o orgulho dela e do ator John Agar, seu marido — um ex-sargento que está vencendo em Hollywood e desempenhou um dos papéis de "Fori Apache", sob a direção de John Ford. Parece que era ontem que Shirley aparecia, com seus cachos e as suas covinhas, em "A pequena rebelde", ao lado de Bill Robinson e John Boles. Hoje, Shirley — a nossa Shirleyzinha, é uma senhora — a mamã Shirley — e daqui a dezessete anos poderá ser até mesmo a vovozinha Temple...

"team" novo é constituído por Frank Sinatra, Esther Williams e Gene Kelly, sob a direção de Busby Berkeley. Será que Esther Williams vai ensinar Frank Sinatra a dançar abanando as orelhas?

## OS "GENERAIS" DA METRO EM UMA PEÇA MILITAR FAMOSA NO CINEMA

"Command Decision" é uma peça famosa, que triunfou na Broadway, na interpretação de Paul Kelly, Jay Fasset e Byron McGrath. Enquanto é representada no Teatro Fulton, de Nova York, essa peça está sendo filmada pela Metro, com um grande elenco, de que fazem parte Clark Gable, Walter Pidgeon e Brian Donlevy, em papéis de generais; John Hodiak, no papel de um coronel; Marshall Thompson, no papel de um capitão; e Van Johnson, no papel de um sargento. Além desses nomes famosos, estão também no elenco Red Skelton e Keenan Wynn, que, nesse filme de ambiente militar, farão os papéis cômicos, como, outrora, Kair Dane e George K. Arthur em "The Big Parade".

## HÁ UMA GRANDE GRITA

Há uma grande grita no meio cinematográfico. Acusa-se muito o sr. Luís Severiano Ribeiro e o sr. Luís Severiano Ribeiro Júnior. Mas a verdade é que esses dois senhores não têm "toda" a culpa do que vai pelo nosso cinema. Não são anjos, é verdade, mas se colocam dentro dos limites das leis e, como comerciantes, querem ganhar dinheiro, em vez de desejarem ir à falência. O fato, entretanto, de estarem empregando dinheiro no cinema brasileiro, financiando filmes e comprando ações da Atlântida — não prova que eles estão, de certo modo, interessados no progresso desse cinema? Prova, sim. Entretanto, não prova que eles colocarem seu lucro pessoal, ou de sua poderosa empresa, acima de quaisquer outras considerações. Mas, do ponto de vista de exibidores, zelosos do seu negócio, empenhados em dar "a melhor produção" ao público, devem eles fechar os olhos à péssima qualidade de certos "abacaxis", só porque são "produções nacionais", consideradas generosamente pela displicência dos censores oficiais como de "boa qualidade"? Certamente não. Carnem Santos diz cobras e lagartos do sr. Luís Severiano Ribeiro, porque este exibidor não quis sua "Inconfidência Mineira". Mas quem viu o filme achou-o luxuoso, mas antiquado, lento, monótono. Cenas muito belas por vezes, talvez irrepreensíveis do ponto de vista histórico, mas sem "appeal" para o público. Talvez o defeito maior de "Inconfidência Mineira" tivesse sido o de tomarem os inconfidentes, inclusive Tiradentes, não como homens, mas como semi-deuses. Um pouco menos de admiração, teria conduzido a outros resultados. A fórmula do "Jovem Mr. Lincoln", de Henry Fonda, — que maravilha de simplicidade e de emoção!

Donhamos de parte, entretanto, o caso de "Inconfidência Mineira". Tomemos outra: o da Tapuia. Essa empresa, liderada por Sousa Barros, fez um filme de bilheteria bastante fraco, "O homem que chutou a consciência". A empresa Ribeiro lançou-o. Souza Barros teve, em seguida, várias propostas de aluguel do pequeno estúdio da Imperial. Recusou-as todas, certo de que havia encontrado o velozinho de ouro, a fórmula ideal para ganhar dinheiro e atrair multidões aos cinemas: fazer um filme musicado, de carnaval, com cenas autênticas, encadeado por passagens cômicas com Dercy Gonçalves, Lauro Borges e Silva Filho. As vésperas da filmagem, não havia ainda "script", nem tampouco diretor. O cronista Manuel Jorge resolveu apunhar o rabo do foguete. O filme demonstrou, perdeu a oportunidade, não encontrou lançamento no Rio e em São Paulo — e afinal foi estreado em Belo Horizonte, sem produzir as receitas esperadas. Que significa isto? Que a Tapuia se suicidou. Foi varrida do mapa da produção. Depois de "Esta é fina!", um tiro carnavalesco, que deu grande bilheteria embora feito a sopapo, resolveram os produtores dessa película reincidir, com "Fogo na canga". O resultado foi triste: depredações de alguns cinemas de São Paulo, protestos do público, pedidos de devolução do dinheiro dos ingressos. Em Manaus, o público reagiu contra "Uma aventura aos quarenta" dos Cineastas, também depredando o cinema. Por que? Porque os críticos cinematográficos cometeram um grande erro: tomaram uma atitude de beócios, enchendo de prêmios todos os que participaram dessa inteligente brincadeira de anadores, tão longe de ser um filme realizado quanto a "Moreninha", de Macedo, de poder ser considerado um

grande romance de amor, como "Manon Lescaut", por exemplo. A expectativa que se criou era a de que Manaus ia receber o filme que abalaria o mundo. E, em lugar disso, apareceu um filmezinho chôcho, raquítico, anêmico, com artistas bisonhos, salvando-se somente pelas piadas de Silveira Sampaio. Exibido foi, para os Metro, na ocasião, uma transigência: ou aquilo... ou uma coisa como "Noites de Copacabana" ou "Cem garotas e um capote"... Dos males, o menor... Assim, pela exageração das qualidades do filme e pelo obscurecimento dos seus defeitos, especialmente de sua pobreza franciscana de meios técnicos, criou-se um ambiente perigoso, de que redundou a manifestação hostil de uma platéia lograda...

Somos favoráveis ao incremento do nosso cinema. Somos pelo aumento da quota de obrigatoriedade de três para seis filmes anuais, assim que houver produção para isso. Somos pela existência de um organismo único de distribuição. Somos pela abolição da obrigatoriedade do filme curto, paraíso dos cavadores e do cinema oficial, que só mostra as cascas dos figurões do governo lançando pedras fundamentais e engolindo banquetes. Somos por várias outras coisas — mas não somos partidários de que se engane o público, com maus produtos, nem de que se obrigue o exibidor a mostrar películas que não são dignas dos seus cinemas. É preciso, antes de mais nada, que a Censura Cinematográfica se mostre mais rigorosa ou que, pelo menos, seja criada duas categorias de filmes nacionais aprovados, uma para os cinemas de primeira categoria e outra para os poelras.

MICKEY.



## VENENOS DE BILHETERIA

Vocês conhecem um sujeitinho mais cabuloso, mais intragável, mais capacitado a chatear uma platéia do que John Carroll? Se sabem, escrevam um telegrama ao encarregado desta seção — porque há por aqui uma grande incredulidade a esse respeito. Agora mesmo, acabamos de ver "Festa Brava", um filme que, além de mostrar cenas de grande crueldade com uns pobres bois, tem, no entanto, bons momentos musicais e belas danças — e lá está John Carroll ajudando a piorar as coisas, como um autêntico canastrão, que sabe ser... Que mistério é esse? Será ele sobrinho do maior acionista da Metro ou dará 20 por cento aos agentes de artistas, em vez de apenas dez por cento...





Antônio Vilar, o galã de "A vida de Carlos Gomes", ao lado de Mariella Lotti, "estrêla" do cinema italiano. Ele já apareceu em nossas telas em "Camões" e "Rainha Santa". Ela em "O cavaleiro negro"





Antônio Villar, o galã de "Camões" e, agora, de "A vida de Carlos Gomes", em dois flagrantes colhidos no "cocktail" do Hotel Riviera. No da direita, Antônio Villar aparece entre Giana Maria Canali e Mariella Lotti

# A VIDA DE CARLOS GOMES NO CINEMA

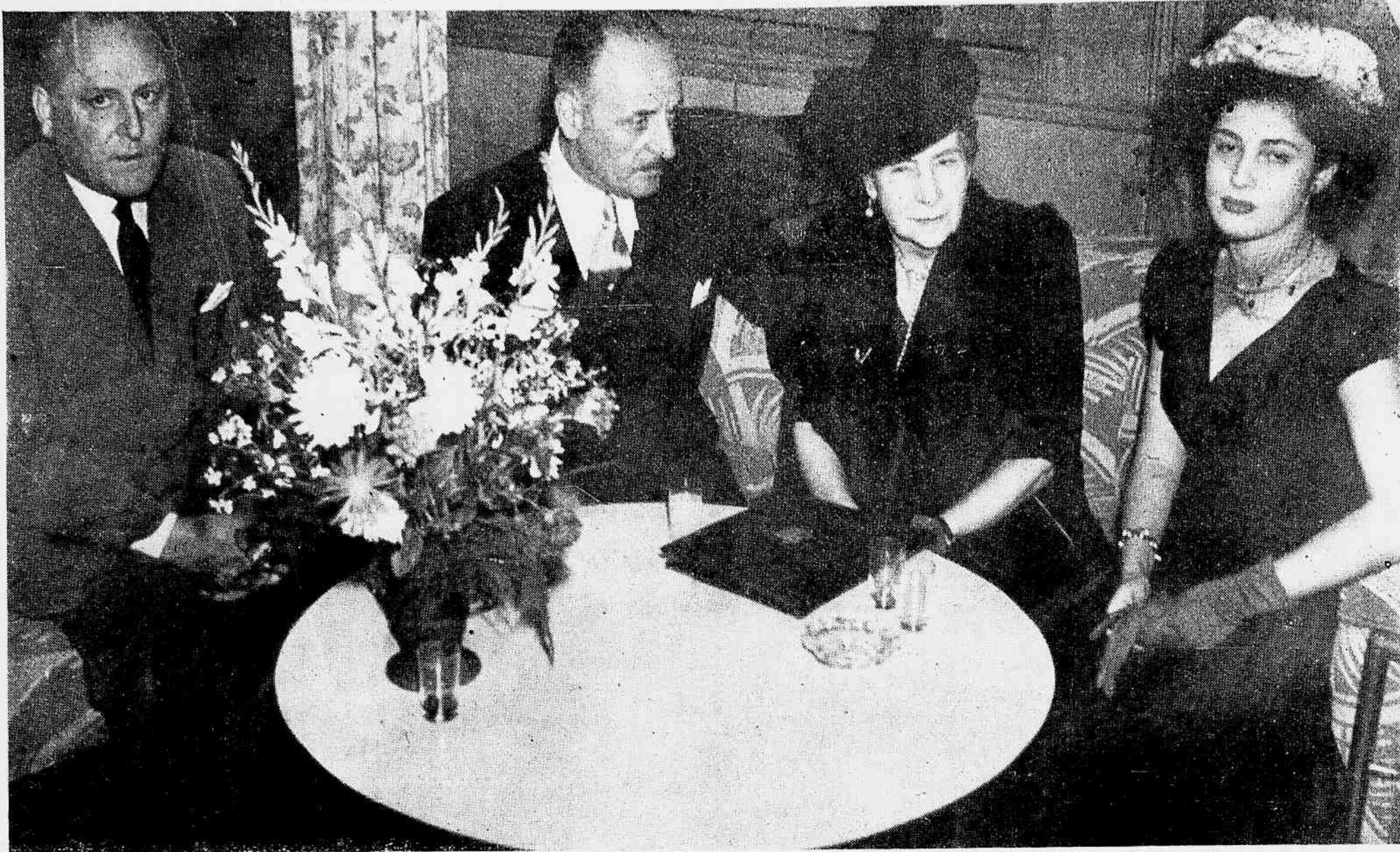
UMA ARROJADA INICIATIVA DA UNIVERSALIA FILMES, DE ROMA, ★ NO RIO OS PRINCIPAIS INTÉRPRETES DESSA PELÍCULA ★ ANTÔNIO VILLAR NO PAPEL DO MAESTRO DE CAMPINAS — AS ATRIZES QUE PARTICIPARÃO DESSA PRODUÇÃO MUSICAL: MARIELLA LOTTI, GIANA MARIA CANALI E MARIA DA GLÓRIA.

**E**NQUANTO Leitão de Barros, nos estúdios de Lisboa, prepara uma película baseada na vida de Castro Alves, uma companhia cinematográfica italiana, a Universalia Filmes, de Roma, prepara outro, sobre outra grande figura brasileira: o maestro Antônio Carlos Gomes, ou melhor, Carlos Gomes, o compositor inspirado de "O Guarany", "A Noite no Castelo", "Condor", "Solvator Rosa" e tantas outras grandes obras. É natural o interesse da Universalia pela figura de Carlos Gomes que gozou de grande prestígio na Itália, onde suas óperas foram apresentadas em primeira audição no século passado, sendo desde então muitas vezes revividas. Tendo arrancado a Verdi esta exclamação: "Este rapaz começa por onde os outros acabam!", Carlos Gomes radicou-se no meio italiano até chegar à velhice, só então regressando ao Brasil, para dirigir o Conservatório de Música do Pará, onde veio a falecer. Pensionista do imperador Pedro II, que muito o admirava, e amigo íntimo do visconde Taunay, Carlos Gomes foi um dos grandes músicos do seu tempo, filiado, especialmente, à corrente musical chefiada por Verdi, à escola operística italiana, — que hoje vai encontrando defensores que lhe reivindicam superioridade sobre a escola moderna alemã, de que Richard Wagner foi a expressão máxima. A Universalia baseou o "script" do seu filme no livro de autoria da filha de Carlos Gomes, sra. Itala Gomes Vaz de Carvalho, do qual já foram tiradas várias edições — romantizando, naturalmente, a parte sentimental da película, para maior interesse da mesma. Assim é que Carlos Gomes aparecerá entre três amores — um, o de sua



A direita: uma jornalista rumena, o cinematografista Ugo Sorrentino, a "star" Mariella Lotti e a sra. Itala Gomes Vaz de Carvalho, biógrafa e filha de Carlos Gomes, de cujo livro foi adaptado o entrecho do filme





Em cima: Henrique Pongetti, o diretor D'Andrea, a sra Itala Gomes de Carvalho e Maria da Glória, a brasileira que vai entrar no filme italiano

juventude, encarnado pela jovem brasileira Maria da Glória de Oliveira Melo, vencedora de um concurso recente; e dois outros, representados pelas "estrelas" italianas Mariella Lotti e Giana Maria Canali.

A figura de Carlos Gomes será personificada pelo ator português Antônio Villar, que interpretou, com sucesso, vários filmes lusitanos e espanhóis, entre os quais, "Camões", sob a direção de Leitão de Barros, e "Rainha

Santa", realizado em Madrid. Antônio Villar, que é hoje um ídolo do público da península ibérica e que conquistou no Brasil verdadeira legião de "fans", veio, ao nosso país, com sua esposa, Maria Helena Villar, a fim de posar algumas seqüências da película, que exigiam aqui sua presença. Também vieram, com a mesma finalidade, aquelas atrizes italianas, uma ainda desconhecida de nossa plateia, mas a outra, Mariella Lotti, já apreciada

através de sua interpretação em "O cavaleiro negro". Antônio Villar tem recebido dos seus admiradores muitas homenagens e uma destas foi um "cocktail" a que concorreram atores, atrizes, escritores, cinematografistas, jornalistas, empresários e outras figuras de destaque social, nos salões do Hotel Riviera, em Copacabana. Foi nessa festa que a nossa reportagem colheu os flagrantes que ilustram estas páginas.

Antônio Villar e sua esposa, Maria Helena Villar, entre o jornalista R. Magalhães Júnior, o empresário Domingos Segreto e o jornalista Joaquim Menezes







Quatro figuras do filme italiano "A vida de Carlos Gomes". Em cima: Antônio Villar, que fará o maestro de Campinas, e a "estrela" Mariella Lotti. Em baixo: à esquerda, Maria da Glória, a estreante carioca, de 18 anos, e Glana Maria Canali, que já foi "Miss Itália"







AO ALTO — A JUVENTUDE ALEMÃ, OUTRA RESPOSTA — Marchando no campo, nos fins de semana, é uma praxe determinada em várias organizações juvenis que são idênticas às da Inglaterra: diferem das do regime nazista em serem inteiramente não militares. UTOPIA — Se fosse possível obter que esses jovens apenas tivessem distrações saudáveis como a deste grupo que se entrega às velhas danças do passado! Mas, a realidade não é só esta



# ALEMANHA, PROBLEMA NÚMERO UM

A ENCRUZILHADA DE BERLIM ★ MERCADO NEGRO, FOME E ORGIA ★ O NAZISMO LEVANTA DE NOVO A CABEÇA ★ RESISTÊNCIA PASSIVA DO HITLERISMO ★ IMPOSSÍVEL CONFIAR NA ALEMANHA ★ PALAVRAS DE SANGUE E DE FOGO

Por HERMAN LIMA

Fotos Keystone

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

A PROPOSITO da crise de Berlim decorrente do bloqueio russo observava há duas semanas o comentarista internacional do "New York Herald Tribune" que os poderes ocidentais ocupam hoje, na Alemanha, a mesma encruzilhada que se abriu em Munich há dez anos justos. Um dos caminhos leva à concessão e ao apaziguamento; outro a pôr as cartas na mesa. Os Estados Unidos, a Inglaterra e a França parecem inclinados a adotar a última atitude, restando saber, todavia, se a parada deve ser jogada no corredor bloquendo ou por outro esforço ainda, através dos canais diplomáticos — e já sabemos que foi a última alternativa que prevaleceu, embora com todas as suas precárias chances de êxito.

Estamos, assim, diante deste tremendo paradoxo: os aliados enfrentam a possibilidade duma nova hecatombe, de resultados ainda mais imprevisíveis do que os da última, em matéria de destruição e de violência, para impedir que morra de fome dois milhões e meio de alemães da zona ocidental, sob a sua jurisdição. Esta fabulosa contingência leva a considerar que há positivamente um poder supremo de irônicos propósitos, a mexer os fios do destino da humanidade.

De fato, não é preciso ir muito longe, basta recuarmos ao meado de 45, quando o oriente e o ocidente apenas tinham um fito imediato e decisivo: destruir o hitlerismo, pôr fora de combate a Alemanha. No entanto, mal os poderes ocidentais fazem uma ligeira pausa, tentando respirar de novo, os seus enigmáticos parceiros de ontem voltam as armas contra o peito dos que os ajudaram a subjugar o inimigo comum e — "On ne passe pas" — noutra versão da história, pela mais inconcebível reviravolta dos fatos e da lógica.

Por enquanto, estamos ainda no regime de mais notas, mais conversas, mais conferências, como acentua o comentarista americano — e conferências, notas e conversas tomam tempo e significam dentro da bem conhecida tática soviética, encaminhar as negociações para um novo impasse que os russos não têm a mínima intenção de resolver.

Ora, o tempo é essencial para a situação de Berlim, uma vez que há poucos elementos do governo em Washington que tentem seriamente sustentar que o suprimento aéreo, por mais surpreendentes que tenham sido até hoje, possam continuar a atender, durante meses, todas as necessidades dos setores ocidentais.

Porque a fome é o grande, o premente, o inapetável problema que os americanos enfrentam na Alemanha. A fome, com a paralisação do trabalho organizado, a vagabundagem forçada, a promiscuidade sexual de dezenas de milhares de jovens que perderam pais, lares e todos os princípios de moral e de finalidade saudável, entre as ruínas irreparáveis de sua capital.

Numa terrível reportagem para uma revista americana, Curt Reiss contou o que são as atividades dos novos integrantes da "Mão Negra", moças e rapacinhos abaixo de 17 anos, que saqueiam Berlim, praticando o terrorismo contra o exército vermelho.

Um jovem escritor alemão diz ao repórter: "A juventude alemã de hoje está faminta. Faminta de viver, de amar, de perversão. Todas estas fomes se resumem naturalmente na fome de viver. Há, também, é claro, a fome no sentido físico do termo: fome de comida". E traça o retrato dessa juventude nascida sob o signo de Hitler e que jamais conheceu uma vida tranquila e normal: alimentada com palavras retumbantes, frases históricas, promessas fantásticas e maldições formidáveis. Prometeram-lhe a vitória, diz o escritor, prometeram-lhe que o mundo estaria a seu pé e trabalharia para ela. Mas, logo depois conheceram a derrota.

Para o mesmo escritor, a fome não é senão um pretexto para roubar, um pretexto para a atividade e sobretudo para a ação, porque todos eles "procuram" alguma coisa, confusa e incerta, que não sabem com segurança o que seja.

Assim, é a mocidade alemã uma das maiores dores de cabeça das autoridades americanas de ocupação. Tendo desido a um nível moral dos mais baixos, é natural que o crime entre os jovens tenha subido a um ponto ainda não alcançado antes, e assim o problema é duma terrível gravidade para aqueles que o têm de enfrentar.

Três anos depois do fim das hostilidades, é certo, no entanto, que alguma coisa começa já a surgir do caos, como sinal de que há uma boa política trabalhando ativamente entre aqueles milhares e milhares de órfãos da guerra. O primeiro passo foi a organização de sociedades juvenis, tais como a Jugendart, que procura arranjar alojamento e trabalho regular para rapazes e moças. Esses grupos assim amparados passam a viver em ambiente confortável, servindo-se de móveis e utensílios muita vez construídos por eles próprios, em construções que todos ajudaram a erguer, para alívio

comum. As tentações para a frequência de lugares de corrupção e de má fama e para a atividade do mercado negro vão assim se reduzindo gradativamente, transformando-se no prazer de desfrutar uma atmosfera mais saudável e tranquila.

As autoridades de educação introduziram mais um ano de estudos nas escolas, no qual os alunos adquirem uma forma de aprendizagem, visitando várias indústrias, a fim de descobrir qual o tipo de trabalho que os atraia e de que mais gostem, e isso tem demonstrado ser um meio excelente para prolongar o tempo em que os jovens permanecem sob controle dos pais velhos.

É certo que a cifra dos beneficiados por esse sistema educativo é ainda muito baixa, mas nem por isso deixa de ser um começo apreciável. Talvez seja mesmo, como pensam americanos e ingleses, o começo duma nova geração de homens que o mundo tão ardentemente deseja.

Entretanto, essa juventude permanecerá muito tempo sob semelhantes auspícios benéficos?

Não deixa de ser uma terrível interrogação, pois o mundo não pode esquecer a tragédia cíclica que a Alemanha, desde um século, quase vem arrastando implacavelmente, como no cumprimento dum destino de maldição.

É impossível esquecer o clima de virulento imperialismo com que ainda há dez anos os moços que precederam esta geração de mutilados da alma formou na sua pátria, a grande Alemanha do nazismo.

O fato é muito bem assinalado num livro admirável que parece ainda desconhecido no Brasil, "Portrait of l'Allemagne", aparecido justamente na França, nas vésperas do cataclisma de 39. Seu autor, Maurice Betz, de ascendência germânica, o que se demonstra na própria citação de suas obras (traduções de Thomas Mann e Nietzsche) e na dedicatória "à memória de meu avô, Michel Hemmerle, que construiu a ponte do Reno, em Erisach", é uma análise em corte vertical do povo alemão, não sem uma permanente simpatia por algumas de suas qualidades fundamentais. Não é um panegírico nem também um libelo, mas um livro de honesto espírito de compreensão.

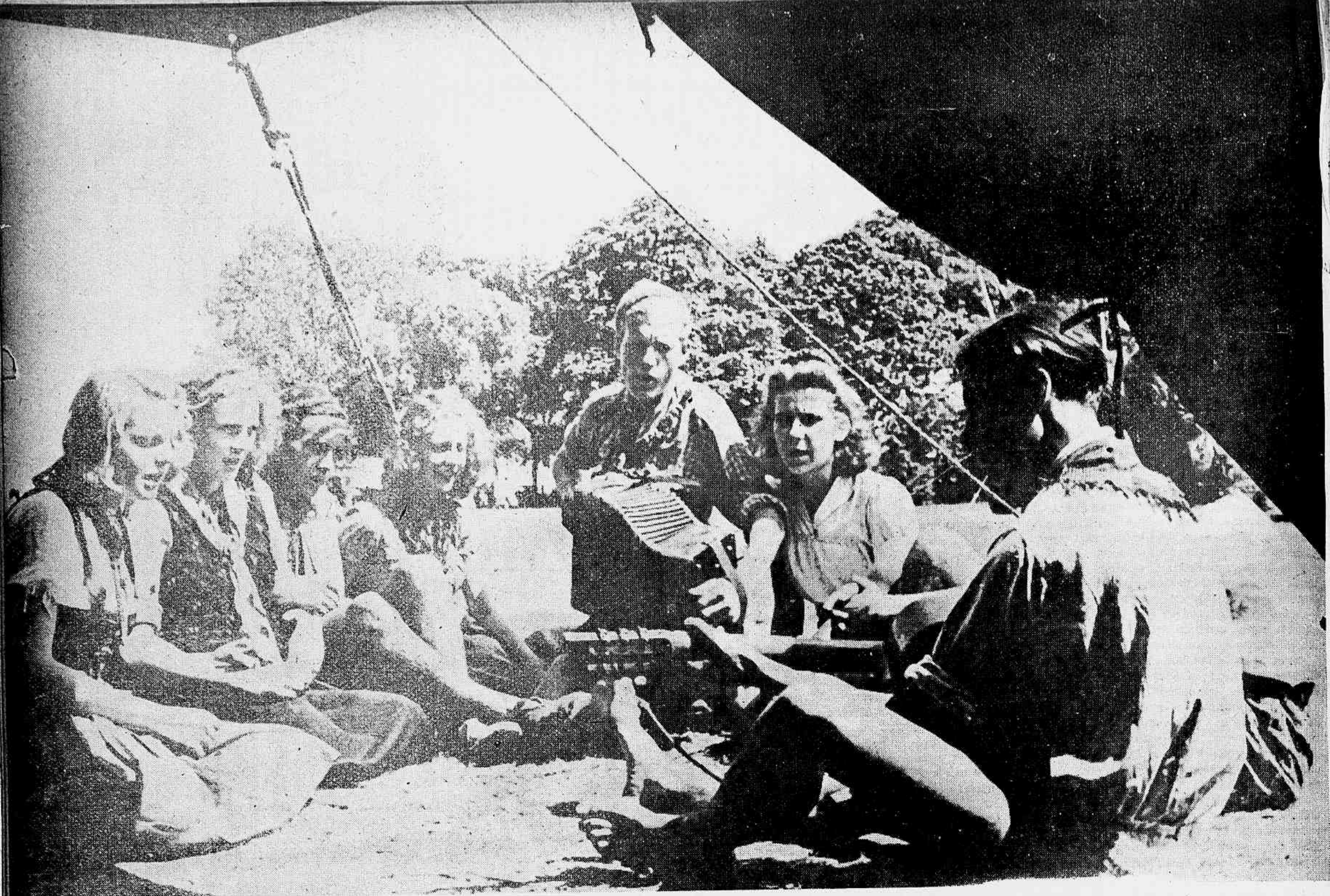
"Nós somos jovens". "A Alemanha é jovem", "a força de nossa mocidade", são palavras que voltam sem cessar nos livros e nos discursos em que a Alemanha tenta se representar a si mesma e às outras nações, observa o autor às vésperas da guerra e esse grito de afirmação nacional sempre significou um desafio e uma



EM BAIXO: A ALEMANHA — UMA VISÃO PATÉTICA — "Por favor, me deem um peixe" — pede pateticamente esta velha faminta aos pescadores que voltam do mar. Uma visão comum na Alemanha de hoje. AO ALTO — A DIREITA — ADAPTAÇÃO — Rudi era coarctado durante a guerra. Hoje não acha trabalho num escritório e por isso aprende o ofício de pedreiro com o auxílio duma das organizações juvenis. EM BAIXO, à direita: O PIOR PROBLEMA — Estes são vistos em todas as grandes estações ferroviárias. Jovens, muitos sem parentes nem lar. Facilmente descaem para a vagabundagem e para o vício. Que é que o futuro lhes reserva? Muitos se acham além de qualquer tentativa de redenção. Outros estão sendo arrebanhados para o seio de uma sociedade decente, pelas organizações juvenis. Estes aqui são de Hamburgo







AO ALTO — OUTRO ASPECTO DO PROBLEMA JUVENIL — Membros de um grupo de jovens reunidos num campo próximo de Lubecke, onde nada lhes falta, nem mesmo a alegria da cidade. EM BAIXO — UM RETRATO DE MILHARES — Estes rapazinhos são típicos entre os que vivem e brincam entre as ruínas do que foi outrora seu lar. Muitos não têm parentes nem ninguém que os guie. Vivem de biscates e de mercado negro e mendigando das tropas de ocupação







**O QUE SE TEM FEITO** — Em Hamburgo, a Jugendart estabeleceu abrigos para rapazes e moças que abandonaram a vagabundagem e acharam trabalho. A maior parte dos móveis foi feita por eles próprios, nas folgas do serviço. Renova-se a esperança

ameaça, por isso que "essa jovem Alemã" possui ao mesmo tempo a força do número, o vigor físico e a lucidez desabusada duma raça muito antiga. Tem ao mesmo tempo a petulância da juventude e a perigosa clarividência dum passado secular. Como Zaratustra, de quem ela escutou as lições, descobre um sol novo, mas vê enrolada em torno dele a serpente do conhecimento".

Enquanto os aliados da bizona procuram considerar a situação com relativo otimismo, observadores franceses, da zona de ocupação de Francfort, registam com o mais vivo alarma certos sintomas de inquietantes ressurreição dos sentimentos nazistas naquela mesma zona dirigida pelos seus aliados, especialmente pelos

inglês. E' que as autoridades dêsses setor se preocupam principalmente com a renovação da indústria da siderurgia, deixando às autoridades alemãs de administração uma liberdade de ação que não têm as da zona francesa. Assim, os organismos políticos, Landtag, Laenderrat, o Conselho Económico e os partidos políticos têm a maior liberdade de paivra, chegando o jornal "Die Welt", feito sob o modelo do "Times", de Londres a publicar algumas cartas dos seus leitores que são documentos de espantosa impudência, como a que cita o correspondente Francis Brague, a respeito da publicação das memórias de Goebbels, feita pelo

(Continua na página 51)

**MERCADO NEGRO** — O mercado negro atrai muitos dos jovens que perderam casas e parentes. Cedo ou tarde acabam sendo revistados pela policia e mandados para a escola ou para as organizações juvenis onde há um bom sistema em vigor



**AO ALTO** — A JUVENTUDE ALEMÃ: O PROBLEMA — Que idade tem? 15 ou 30 anos? A vida deixou marca no rosto deste velho de 15 anos, Joachim veio da Prússia Oriental. O pai foi morto na Rússia. A mãe morreu de tifo, em mãos dos russos, em 1914. Desde então tem vagabundado dum lugar para outro, fazendo serviços avulsos aqui e ali. O resultado é muito visível na sua dura fisionomia de rapazinho. **EM BAIXO** — A JUVENTUDE ALEMÃ: A SOLUÇÃO — Erich tem 16 anos e representa um dos melhores tipos. Vive uma vida normal e saudável. Comparem-no com a alma perdida da outra foto. E' aprendiz de carpinteiro e aproveita as folgas na Organização Juvenil nadando e remando



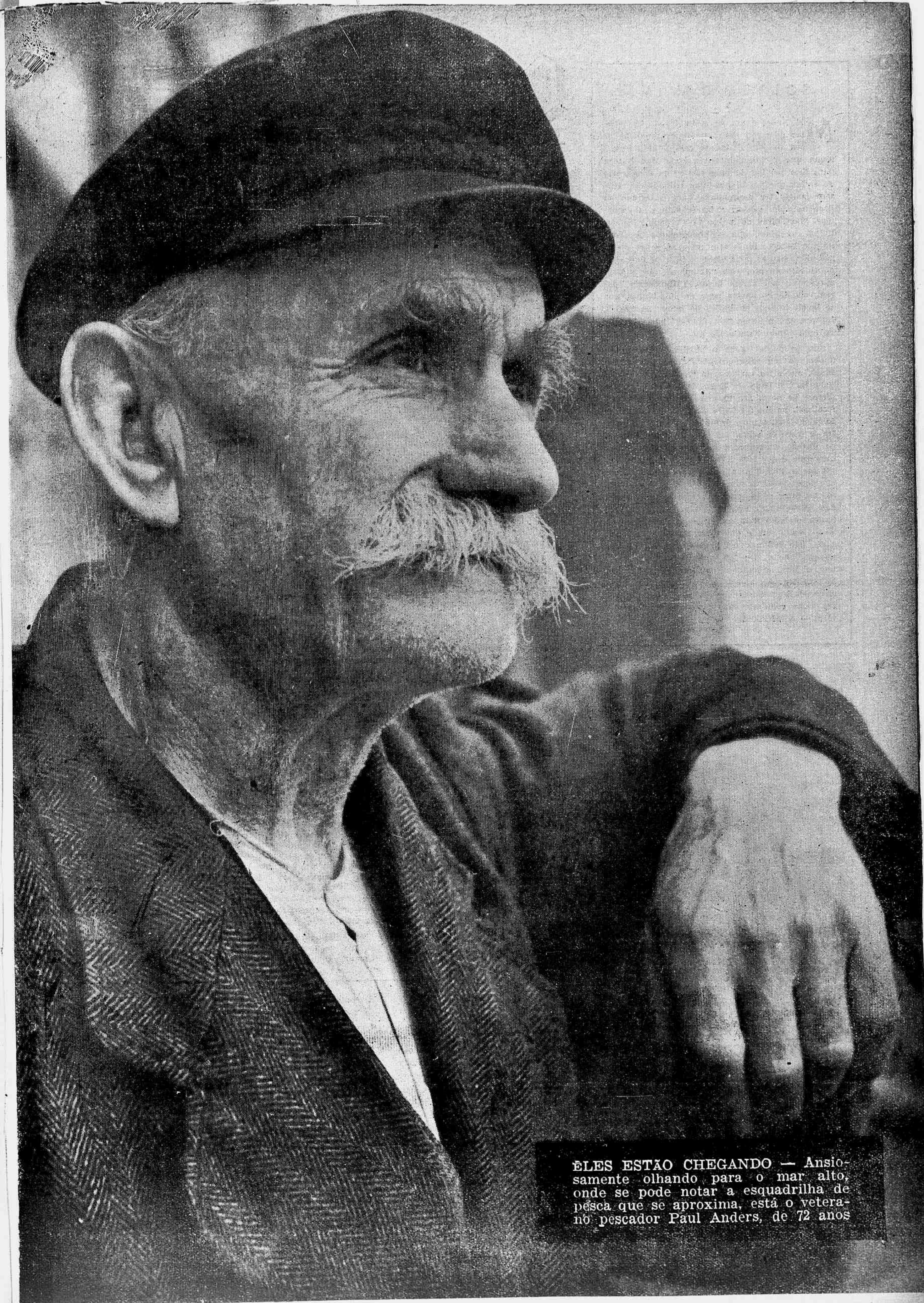




AO ALTO — PELAS SUAS MAOS — Membros duma das organizações de moços, passam o tempo construindo acomodações adicionais para seu próprio uso. EM BAIXO — CONDIÇÕES VITAIS — Os que têm casa vivem naturalmente um pouco melhor do que os que não a têm. Muitas vezes esses vivem assim. Oito pessoas num quarto danificado







**ÊLES ESTÃO CHEGANDO** — Ansiosamente olhando para o mar alto, onde se pode notar a esquadilha de pesca que se aproxima, está o veterano pescador Paul Anders, de 72 anos



## SOLTEM O MAX!

**M**AX Nunes é um dos mais férteis humoristas de nosso rádio. Qualquer produção de sua autoria é dosada com aquele humorismo que o torna inconfundível. Max nasceu para tirar partido do lado cômico da vida, razão do cartaz que possui nas lides radiofônicas. Isto, sem jamais ter descambiado para o terreno da licenciosidade, conforme fazem alguns. O venenoso "Boa tarde do amigo urso", página de delicioso sarcasmo, que a interpretação de Wellington Botelho tanto tem realçado, é um exemplo. O mesmo se pode dizer do "Jornal Falhado", ponto alto do programa "Rataplan", que a Tupi apresentou por vários meses. Ultimamente, porém, não temos ouvido nada de Max Nunes, que se iguale às suas produções do tempo da PRG-3. Nota-se que o jovem "broadcaster" não está sendo aproveitado como devia ser.

Sua produções para a PRE-8, estão muito aquém do seu valor. Assinado "Rua Quarenta e Dois", autêntico carbono de "Aguenta as consequências", o filho de Terra de Senna nada nos oferece de novo. Até mesmo com o "Doutor Infezolino", na interpretação de Osvaldo Elias, que julgamos boa, o novo produtor da Nacional mostra-se fraco de verve. Tal fato, achamos, é culpa da direção da emissora que o contratou. Nossa impressão é que Max Nunes tem campo limitado, por ser a PRE-8 uma estação "oficlosa". Parece não se expandir à vontade, nem bolir em política, ou fazer sérias críticas, como quando esteve nas "Associadas". Nestas, seus programas sempre foram recebidos com agrado geral, o que não está acontecendo com o que escreve para a Nacional. Aliás, isto redundaria em prejuízo para a própria estação, que o tem sob contrato exclusivo. Soltem o Max, deixando-o explorar bem sua veia humorística. Ele não deve ficar sujeito às determinações burocráticas de alguns. Feito isso, vocês verão como ele sabe glosar os ridículos da vida. — A MIGUEIS



**B**ABI de Oliveira assinou contrato com a Guanabara. Artista de valor, compositora musical e rádio-atriz, sua ausência dos microfones cariocas resultava apenas da incompreensão dos encarregados da linha de programações das emissoras cariocas. A turma da PRC-8, entretanto, compreendeu o valor de Babi de Oliveira, chamando-a para honrar seus "broadcasts".

★

## ACONTECEU COM O MANCINI

**C**LAUDIO Mancini, cuja saída das "emissoras associadas" vem de confirmar-se, prima pela sobriedade na arte de dizer ao microfone. Militando de há muito nas estações cariocas, seu nome tornou-se alvo da simpatia popular, reunindo em torno de suas apresentações, um número invejável de admiradores. Pois a esse correto locutor, quando da estreia de Dircinha Batista ao microfone da Rádio Ipanema, ocorreu um fato bastante desagradável. Claudio Mancini, como que absorvido pelo grande público que se comprimiu no acanhado auditório da antiga PRH-8, não prestou muita atenção ao programa que lhe foi entregue pelo contra-regra. Daí, o absurdo. Mas, deixemo-lo explicar o caso:

— Lembro-me que Dircinha Batista era cantora exclusiva da Ipanema e eu tinha que anunciá-la ao microfone. Porém, ao em vez de chamá-la de Dircinha, chamei de Dircinha Batista, porque o datilógrafo assim escrevera na ficha, por engano, é claro. Ah! seu mano, foi o diabo no estúdio. Dircinha me disse cobras e lagartos...



# BROADCAST



**L**ÉA Continho, aquela menina que animava as audições do Programa Infantil, da Guanabara, está crescendo. Integrando o "cast" da Rádio Mayrink Veiga, Léa acaba de gravar "Regenere-se, por favor" e "Dor, saudade, amor". Ambas as composições foram recebidas com bastante agrado, figurando o nome da cantora, na lista dos que gravarão para o próximo carnaval.

## RÁDIO-FLASHES

A famosa orquestra de Romeo Gavioli está no Rio. Veio contratada para uma das "boites" cariocas, o que não impediu sua presença ao microfone das "emissoras associadas". Esse "outfit" uruguaio, despertou vivo interesse do público portenho, fato bastante significativo, uma vez que as típicas argentinas são de primeiro plano. Como solista do conjunto, veio a cantora Pepita Fernandez.

★ Norka Smith ultima os preparativos para retornar ao elenco radio-teatral da Tupi, de onde esteve afastada por vários meses. E' que, com a nova ordem reinante na PRG-3, sua presença foi reclamada. Assim, a esposa de Paulo Renato não renovará contrato com a Globo. Também, este, a acompanhará.

★ Jaime Moreira Filho, conforme noticiamos em primeira mão, deixou a Rádio Mayrink Veiga. O popular speaker esportivo, atendendo a convite de Gagliano Neto, foi substituído nas transmissões das pugnas futebolísticas, ao microfone da Continental que, de acordo com a nossa informação, já se acha funcionando em Niterói. E' pensamento de Jaime Moreira Filho, lançar um programa destinado a selecionar valores para o rádio.

★ O nome de Amaral Gurgel con-

tinua ligado às novelas. Ainda agora, o exclusivo da PRE-3 está escrevendo "Tio Antonio", produção confiada à interpretação de Teixeira Pinto, Lucia Delor, Wolner Camargo, Nelma Costa, Helmicio Froes e outros. A transmissão dessa história seriada está sendo feita às terças, quintas e sábados, às 10 horas da manhã.

★ Almirante virou jornalista. A "maior patente do rádio", seduzido pela imprensa escrita, está colaborando no semanário "Política e Letras", onde, aliás, também escreve Pedro Anizio. Ambos, são figuras bastante conhecidas nas lides radiofônicas. Se a moda pega...

★ Desligou-se do quadro redatorial da Globo, o "rádio writer" Nestor de Holanda que, segundo nos declarou, está em entendimentos com a Rádio Nacional. No momento, o criador de "Narrativas Maravilhosas" escreve duas novelas, sendo uma para a própria PRE-8. Soubemos, ainda, que Nestor de Holanda tem pronta uma nova peça teatral, a ser encenada por uma das companhias de comédia.

★ Não tem o menor fundamento a notícia sobre a saída de Carlos Pallut e Alba Regina, da Rádio Guanabara. Ambos continuam satisfeitos com a direção dessa emissora. O mesmo não aconteceu com Alberto Montalvão. Este, por desacordo com os dirigentes da PRC-8, bateu à procura de novo prefixo. E, ao que tudo indica, ingressará na Mauá.

★ Borelli Filho está em franca atividade. Além de responder pelos jornais falados da Mayrink Veiga, cabe-lhe o preparo de "Paraíso de Campeões", programa que é posto em onda pela PRA-9. Fora disso, Borelli escreve a seção radiofônica de "Diretrizes".

★ Maria Sampaio, após regular período de descanso vem de assinar contrato com a Globo. A festa-

jada artista aparecerá ao microfone PRE-3, ao lado de Villaret, através de um programa que traz a assinatura de Amaral Gurgel. A presença desses dois elementos no "cast" da PRE-3, é bastante significativa para quantos acompanham as apresentações dessa emissora.

★ Mario Lago desenvolve, neste momento, intensa atividade. Escrevendo novelas, redigindo "sketchs" e preparando programas, colabora, ainda, no desempenho de algumas histórias em capítulos que a PRA-9 transmite. "Cavalcada de Estrelas", é a mais recente produção do autor de "E agora, senhor juiz", a qual



**A**ERTON Perlingeiro está de malas prontas. No próximo dia 23, o criador de "Um tango e uma história para você", tomará um avião no aeroporto, rumo a Argentina. E' o prêmio a seus esforços pela divulgação da música portenha entre nós. Perlingeiro, tão logo chegue a Buenos Aires, será alvo de calorosas manifestações, por parte dos compositores argentinos.

conta com o desempenho de todo o "cast" mayrinquiniano.

★ As Irmãs Meireles continuam peregrinando pelos países sul-americanos, rumo aos Estados Unidos. As últimas notícias que nos chegam a respeito das artistas portuguesas provêm do Chile, onde elas estão atuando ao microfone da principal emissora. Militar, Cidália e Rosária incluíram no repertório diversas composições de autores brasileiros.

## SYLVIO MCREAUX

**N**ASCIDO no Distrito Federal, a 31 de janeiro de 1908, Sylvio Moreaux educou-se nos colégios Anchieta e Salesiano Santa Rosa. Neste último foi colega de Almirante, André Filho e Erik Cerqueira. Aos 16 anos de idade, ingressou no comércio, trabalhando numa das mais importantes firmas cariocas. Porém, esse ramo não o seduziu. Sua vocação para a música levou-o a estudar violino com o maestro Artur Strutt. A seguir, fez seu "debut" na imprensa, escrevendo versos e redigindo críticas musicais. Nessa primeira fase nasceu

"Alvorada", livro cuja primeira edição esgotou-se rapidamente, achando-se a segunda no prelo. No rádio, estreou há cinco anos atrás, como organizador de "Momentos Musicais", que a PRD-2 apresenta. Colaborou, ainda, na programação da Mauá, com "broadcast" de sentido cultural. Atualmente, responde pela crítica musical de uma matutino e dirige os destinos artísticos da Sociedade Carlos Gomes. Sylvio Moreaux é casado com a pianista Yolanda Moreaux e pai da graciosa menina, a qual deu o nome de Maria de Nazareth. Além de colaborar em várias revistas, tem pronto "Flôr da Madrugada", volume de versos a sair no decorrer deste ano.







A tendência atual da moda está indicada nestes modelos criados pelos mais famosos costureiros de Paris, como Marcelle Chaumont, Jeanne Lafaurie, Jean Dessès, Magy Rouff e Bruyère. São modelos "habillés" mais adequados, portanto para depois das cinco.

## AINDA AS SAIAS

**P**ARECE mesmo que nunca, em qualquer outra época, as saias femininas tenham dado motivos para tantas celeumas, tantas discussões, tantas crônicas, tantos "bate-bocas" e tanta preocupação. Alguém que parecia conhecer bem os segredos dos bastidores dos grandes costureiros franceses, "soprou" ao mundo que as saias iriam subir; subir muito mesmo, deixando a rótula à mostra e que, em compensação, a cintura desceria muito, evocando, assim, aquela ridícula figura de 1929. Houve pânico, é claro, pois as que alcançaram aquela época lembravam-se com horror da deselegância de tal moda e, as mais jovens tinham diante de si os retratos das irmãs mais velhas ou das próprias mães, ostentando aquela pavorosa indumentária. "Não, essa eu não uso", foi o que muita gente disse logo; mas, sabemos que se tal moda viesse, a maioria acabaria por aderir, pois não chegou ainda o tempo em que a mulher se rebelasse contra o cruel ditador. "Está em moda", seja qual for essa moda, é

o seu lema, deixando de considerar se tal moda se adapta ou não ao seu tipo "foscop". O importante é que as amigas vejam que ela está rigorosamente em moda. Felizmente, porém, para todas as pessoas de bom gosto, tudo não passou de mero boato. Os vestidos, isto é, as saias, sofrerão de fato modificação, mas não tão radical, porém não menos perigosa. Os novos modelos terão a sala mais curta — cinco centímetros apenas — e com movimento para trás. Quer dizer, a frente será mais ou menos lisa e atrás estarão as pregas, os plissados, os "godets", etc. Inegavelmente é elegante, mas, levando-se em conta o natural exagero das nossas patricinhas, é muito possível que muita coisa ridícula irá aparecer. Já sabemos também, que as novas saias das "viúvas do biriba", terão o novo "movimento", o que já nos assusta um pouco, pois tais saias, fabricadas em massa, não têm uma queda especial para cada figura sendo raríssimas aquelas nas quais estas saias ficam bem. Além disso, aparecerão os excessos de "pli-

rés" e de babados; de pregas e de "godets", dando à mulher um aspecto de muito pouca distinção. E, como sempre, existirão aquelas que, fingindo ignorar as já existentes "sallências" das suas linhas, não hesitarão em adotar a "nova linha" aumentando e tornando desproporcionais as já existentes. O que toda a mulher deveria fazer antes de adotar assim uma inovação, era examinar honesta e sinceramente o seu tipo e então usá-la ou adotá-la de acordo com o resultado do exame. Com inteligência se pode obter uma linha moderna, sem a necessidade de recorrer aos mínimos detalhes da moda. Um ombro suavemente arredondado, uma cintura mais ou menos justa, uma sala regularmente comprida e com um "ligeiro" movimento para trás, formam uma linha moderna e discreta que não levará ninguém ao ridículo e muito menos dará a impressão de estar fora da moda. Criam, entre o exagero e a discrição, esta sempre levará vantagens.

KITTY.



## RAQUITISMO

O raquitismo é geralmente considerado o equivalente de mau desenvolvimento corpóreo, ou mesmo o simples estado de má nutrição da criança, com atrofia do sistema muscular, face chupada e, até, certa gentileza de traços da fisionomia, delicada, miúda. Também distúrbios glandulares com nanismo são, muita vez, confundidos com o raquitismo, ou certas manifestações anêmicas e, por fim, meros estados constitucionais. Todavia, nada disso é o raquitismo.

De fato, este é essencialmente doença do sistema ósseo, que nunca deixa de estar atingido, ainda que não se tornem aparentes suas lesões ao olhar desprevenido ou inesperto. Mesmo aí, porém, há já alterações da estrutura óssea, certo grau de tumefação das extremidades e outros sinais do chamado **pequeno raquitismo**. As manifestações típicas surgem habitualmente acima do primeiro ano de vida, mas abaixo dessa idade outros sinais já o anunciam, entre os quais a sudorese profusa (a criança suava demasiado durante o sono), o fechamento retardado da moleira e a denteição muito atrasada.

Já constituída a doença, as deformidades ósseas logo avultam ao primeiro exame. As pernas e coxas da criança estão encurvadas. Há desvios da coluna vertebral. A cabeça é sede frequente de anomalias da conformação craniana.

Os ossos desta podem apresentar zonas de amolecimento, como na nuca e nos parietais; os médicos chamam a isto o **crânio tabes**, isto é, **crânio mole**. Os ossos da cabeça, por falta de uma conveniente calcificação, conservam uma certa elasticidade, e as bossas frontais e as bossas parietais são projetadas, respectivamente, para a frente e para os lados, daí o chamado **crânio quadrado**, favorecido pela pressão do travesseiro sobre o occipital da criança. Estando as suturas mediana e lambdóide deprimidas, a cabeça toma uma forma bem característica, às vezes, que a fazem semelhante à nádega (**cabeça em forma de nádegas**, dos médicos). A testa saliente é comparada à **fronte olímpica**, linguagem usada pelos médicos.

Também o tórax sofre geralmente no raquitismo. Ele toma a forma de um funil "sui-generis" — um funil achatado de diante para trás, largo em baixo e estreitado para cima. Ao nível da inserção do diafragma, observa-se por vezes um sulco, num e noutro lado, motivado pela retração do esqueleto nos mesmos, isto é, no ponto de inserção do diafragma junto às costelas. Nodulosidades arredondadas são encontradas na face anterior do tórax, nos pontos de articulação condro-costais, formando uma espécie de rosário de um lado e de outro, de cima a baixo; é o chamado **rosário raquítico**.

O raquitismo é doença da alimentação carente de vitamina D, cálcio e fósforo. A influência da luz solar supre em grande parte aquela vitamina, e por isso é doença mais encontrada nos países glaciais ou sujeitos aos longos invernos; todavia, conhecida hoje, e bem, sua verdadeira origem e o alto poder corretivo do óleo de fígado de bacalhau, a moléstia se vai tornando menos frequente, máxime nas suas formas graves. No entanto é fora de dúvida que, no Brasil, tem sido diagnosticado regular número de casos, posto que nas formas mais ou menos benignas.

E a radiografia que permite um diagnóstico seguro nas manifestações menos típicas ou em começo. A do punho revela a forma reta da linha epifisária, substituída por outra em forma de cálice, com desaparecimento da zona de calcificação. As pesquisas químicas do sangue revelam, por outro lado, que estão baixas as taxas de fósforo e de cálcio, variável conforme a gravidade do distúrbio.

Ultimamente o calciferol ou vitamina D2 tem sido empregada com grande sucesso, senão como sucedâneo do óleo de fígado de bacalhau, mas como medicação de escolha sempre que há necessidade de introduzir no organismo uma dose eficiente e rápida de vitamina D, acompanhada sempre de um regime alimentar que complete seus magníficos efeitos.

Dr. Sabóia Ribeiro

# NOS BASTIDORES FEMININOS





### BILHETE PARA MAURÍCIO

Finalmente, está você de volta ao Brasil, depois de uma permanência de quase dois anos nos Estados Unidos, de onde nos escreveu pela primeira vez, acossado pelas saudades da terra. Agora, você me escreve daqui, da sua cidade carioca, e continuo a sentir em suas palavras a mesma melancolia. Vamos, portanto, conversar, para tentar ir ao fundo desse desajustamento.

Maurício, aqui entre nós: você não estará chorando de barriga cheia? Quando você estava em Nova York, eu compreendia melhor sua tristeza, justificada por coisas reais — o choque de um ambiente novo, contrário às suas tendências, a distância que o separava dos seus — tudo, enfim, que me fez olhar com tanta simpatia seu caso. Agora, porém, que você chegou, começo a desconfiar das suas manhas. "Tudo me chateia", diz você, e essa doença, digo eu, a doença do tédio, do "spleen" e de tantos outros nomes em voga no tempo em que a humanidade tinha o cuidado de envenenar-se sistematicamente com absinto, essa doença é típica dos barriga-cheia.

Acredito que numa parte você esteja certo: o esforço que você fez para se adaptar ao ambiente de lá, criou de certo modo uma adaptação provisória àqueles costumes, e agora essa casquinha está custando um pouco a cair; mas, por baixo dela, a velha pele, queimada pelo velho sol brasileiro, há de logo aparecer, fazendo com que tudo lhe pareça como você o enxergava a distância, quando a sua volta para aqui era o sonho de todos os dias.

Mas, quanto ao mais, preciso dizer-lhe que sua atitude não é lógica nem inteligente. Se eu percebesse no seu temperamento alguma coisa de mórbido, estaria justificada a sua tristeza. Tenho, ao contrário, a impressão de que você é uma criatura muito simples e normal, que está desperdiçando totalmente em melancolia as forças que podia e devia consagrar à alegria das coisas úteis e belas.

Afinal, os erros que a vida lhe mostra, e que agora lhe parecem tão sensíveis, tão em relevo, sempre existiram desde que você é gente. Ficar triste, romanticamente, platonicamente, por causa disso, é apenas acrescentar mais uma gota à infelicidade universal. Atitude própria para um jovem sensível como você, seria a contrária: em vez de queixas, protestos: em vez de apatia, luta. A questão social está exigindo energias fortemente idealistas, e você tem pela frente, à sua espera, inúmeras campanhas de enorme interesse para o nosso país. Por que não se dedica a elas, em vez de dedilhar sua harpa melancólica enquanto Roma arde?

Isso, no terreno social. No terreno individual, a pessoa que mantém a sua atitude do momento, sombria e desanimada, está ajudando as outras a se entristecerem. Está, portanto, fazendo justamente o contrário daquilo que você desejaria fazer. Vamos, portanto, mudar de mentalidade?

Um abraço de boas-vindas para você. E recebeu uma carta que Elza Santos, bondosa leitora desta seção, residente em Bauru, espontaneamente se prontificou a enviar-lhe para Nova York? Rapaz de sorte...

Confidente

★

### CORRESPONDÊNCIA

Teremos muito prazer em responder às consultas que nos forem formuladas para esta seção, aos cuidados da REVISTA DA SEMANA rua Visconde de Maranguap 15, Rio



Lespinasse — Camisola de noite em mousseline rosa. Renda bordada a ouro. Alexandre — Camisola de noite em crepe "georgette" lilás, guarnecida de veludo verde. Mangas e corpo franzidos



PORTHAULT

Portault — Camisola de noite e "deshabille" em mousseline rosa bordada



ANNETTE EREL

Annette Erel — Camisola de noite em cetim pálido guarnecido de renda verdadeira



LESPINASSE

Lespinasse — Combinação em cetim guarnecida de renda

Verdadeiras obras de arte são criadas pelos fabricantes de lingerie na França. Alguns dos últimos modelos são aqui apresentados às nossas leitoras





PARA as noites elegantes da temporada que já se anuncia, apresentamos mais duas lindas criações, que mais uma vez Paris nos envia. À esquerda, modelo em tafetá branco com pequenos corações dourados. Criação de Guity. À direita, um audacioso modelo em cetim preto; "basque" muito ampla, estreitando para baixo do joelho e formando cauda. Criação de Schiaparelli.

# Noite





BALENCIANA

CARVEN

JACQUES GRIFFE

*Primavera*





Para esta alegre estação do ano, Paris, a eterna ditadora das modas femininas, apresenta as suas mais recentes e originais criações. Da esquerda para a direita: Jacques Griffe — Modelo em "surah" branco com "pois" verdes. Carven — Em tafetá listrado, branco, azul e vermelho. Balenciaga — Em "surah" com "pois" brancos. Maud Carpentier — tafetá listrado. Blusa e decote de muita originalidade. Robert Piguet — Modelo em seda "maravilha", com sobressaia drapeada na frente. Molyneux — Em seda "maravilha", com sobressaia drapeada na frente. Robert Piguet — Modelo em seda verde. Sobre o estômago e nas mangas, tafetá preto franzido



# Para a tarde



Para o chá das cinco, um teatro ou um cinema à tarde, aqui estão duas notáveis criações da costura francesa. O modelo da esquerda poderá ser executado em tafetá preto. Saia de original fecho com grande apanhado na parte posterior. A direita: modelo em seda cinza pois branco, corpo simples, saia bem longa com três amplos babados. Grande laço na cintura, completam esta elegante toilette





## PARA A NOITE

AO ALTO — Modelo em jersey cinza. Faixa de cetim verde bordada com missangas e lantejoulas. Usa-o Joan Fontaine, da Universal-International. À DIREITA — Para as mais jovens, Martha Hyer e Jacqueline White, da RKO, apresentam dois modelos alegres e primaveris. Um em "crinoline" e outro em "chiffon". ★ Elegantíssimo modelo de Robert Piquet em tafetá branco, com adornos: saia ampla. ★ A seguir — De Madeleine de Rauch, em "mousseline" preta, corpete franzido, barra da saia em "renard argenté"







#### PROGRESSO

A porta da mercearia lê: "Aqui se vende ovos em pó". Fui andando depressa. Medrosa e depressa. Deus me livrasse e guardasse! Se não me evadisse daquela maneira, era capaz de ceder a um impulso, sem dúvida, masoquista; entrar no estabelecimento, comprar o produto. Chegada em casa faria um bolo. Ai! Aquê nada teria da inocência de um pão-de-lot em que as galinhas colaboram de forma tão direta e amorosa! Seria um bolo sofisticado e acre, bolo e desventurado. Bolo feito de ovos em pó, vocês bem podem imaginar que não fosse espontâneo e sincero, pedaço de vida em que andasse de perneio o sonho de amor de um galo e uma franga.

Já sofro tanto com esses anêmicos ovos de granja que somos obrigados a aceitar! Repararam como são palidos, com ingênuas gemas? Bem se vê que as galinhas que os botaram vieram não da moradia de maternas penas, mas das disciplinadas coletividades das chocadeiras.

Perderam esses ovos a marcada personalidade daqueles morenos ovos de terreiro que diziam, cada um, coisas diferentes em suas claras mensagens de claras. São eles bem uma expressão do tempo em que a turba anula o indivíduo, em que as reações são padronizadas e em que o sentimento de um cabe no peito do outro exatamente como as roupas que, em vez de medidas, trazem números e a incumbência de servir para todos.

Pois bem, já não basta que se venha perdendo, aceleradamente, as espontâneas coisas da vida. Mister é que apareçam esses ovos industrializados, tomando lugar daqueles puros produtos do volátil desejo dos terreiros e dos cercados.

Temo (oh! quanto!) que tal corrompido pó seja o precursor de outro que, enlatado, trará no rótulo a seguinte receita: "Para se obter um homem, duas colherinhas das de chá. Para se obter uma mulher adicione-se uma pitada de pó-de-arroz".

E aí os homens terão atingido seu objetivo: dar à vida humana o valor, a beleza e a dignidade de uma pastilha de hortelã.

Então, p'ra que mais o amor?

★

#### A MENINA VAI TIRAR RETRATO

— Não amarrote o vestido, Adriana!

O nome era muito mais comprido que ela. Era nome para uma mulher alta, alva, de cabelos partidos ao meio, que usasse três fios de pérolas ao pescoço. Quando dizia:

— "Me chamo Adriana" — o tiquinho de gente sentia bem que aquilo não combinava e baixava os olhos redondos como quem proferisse uma mentira. A mãe, agora, a rebocava pela mão, enfiava-a no taxi e durante todo o trajeto do automóvel não cessava de repetir:

— Não amarrote o vestido, Adriana!

Depois que a mulher acabava de falar, o ritmo das palavras ficava nos ouvidos da criança formando um embalo ranheta acompanhado pelo trepidar do veículo. Quase adormecia quando chegavam ao estúdio do fotógrafo. Subiram pelo atornamentado ascensor que a empalidecia e nauseava. Foram introduzidas no salão grande, cheio de luzes e cenários. Um homem baixo e redondo deu enormes pulos diante dela.

— Madame, preciso estudar a alma desta criança. O fotógrafo tem que ser psicólogo para que o retrato saia bom!

Uma "nurse" de cabelos amarelos entrou na sala, deu um urso felpudo à menina. Fê-la sentar sobre o tapete.

— Não amarrote o vestido, Adriana!

A criança, hierática, triste, com o brinquedo melancólico sobre os joelhos, era um espetáculo desolador.

— Adriana, você não sabe dar risada? — dizia o homem redondo. — Quer que conte uma história? Você não gosta de histórias? Madame, essa menina é assim sempre triste!

— É uma criança esquisita — disse a mãe momentaneamente, alheando-se à cena e espiando a vista da janela.

— Ria, meu amorzinho! — fez a "nurse", e, para o fotógrafo. — O senhor vai, sem dúvida, aproveitar os dentes da menina. São esplêndidos! — Da janela, a mãe deixou ainda uma vez distraída, longínqua, tal se falasse para os astros.

— Não amarrote o vestido, Adriana!

Como se rompessem uma represa, as lágrimas de Adriana pularam dos olhos, inundaram o rostinho todo frangido pelas carícias da mãe e, numa suprema defesa de sua dignidade, ela preferiu:

— Eu quero tirar um retrato de sério. De sério!

A mãe suspendeu os ombros tranquilos de Júpiter. — O senhor vê? Ninguém compreende esta criança!

Helena Silveira



# MODELOS

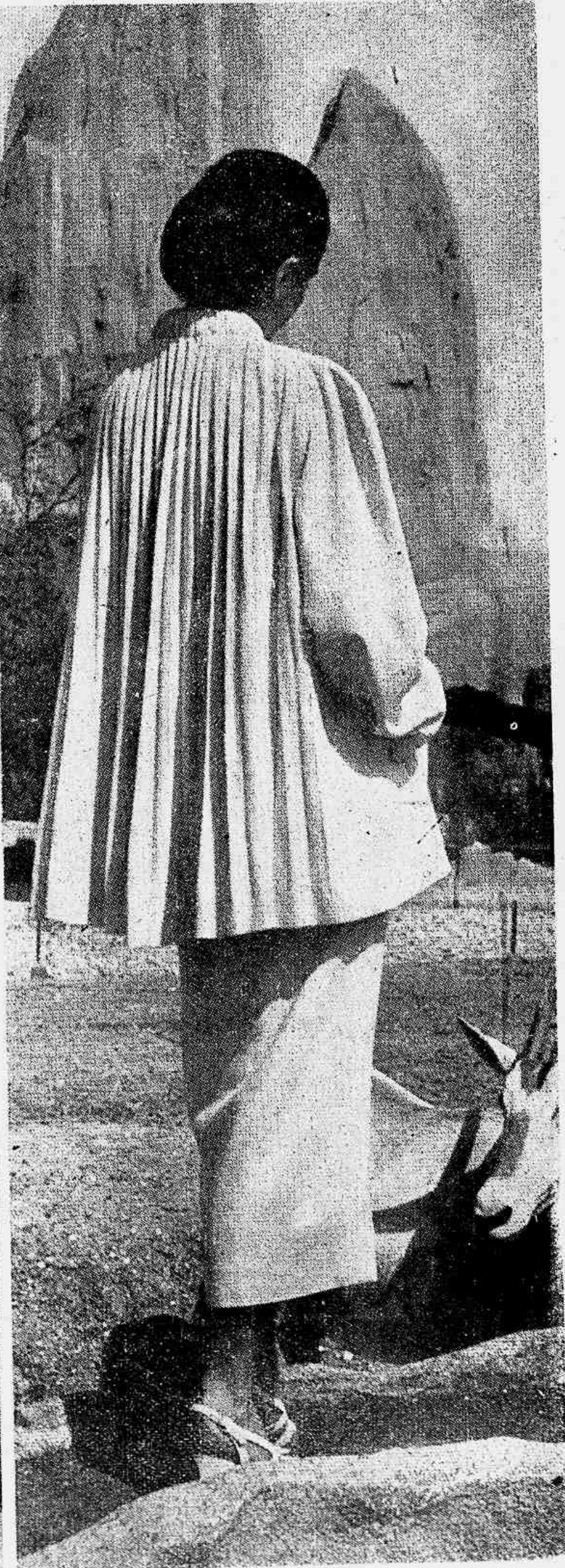
NOVOS e interessantes modelos da França apresentamos as nossas leitoras para a próxima estação. São todos modelos graciosos e o que há de mais moderno no "new-look". Ao alto — De Charles Montaigne, em seda marinho com original motivo estampado. Em baixo — De Jeanne Lanvin, modelo em seda cinza com "pois" pretos. Mangas "kimono", grande gola e largos punhos. Saia plissada.





# FRANCESES

Da esquerda para a direita — De Jacques Heim, vestido de sêda azul marinho, guardado no decote e na barra da saia de estreitas tiras de piqué branco. ★ "Duas-peças" em tecido estampado branco e verde. Blusa verde. ★ Ensemble em pesado crepe branco. O casaco é plissado nas costas. ★ Finalmente, em cima — Tailleur de Paquin, em estampado, fundo cinza. Casaco com **basque** ampla. Reversos de veludo negro.



## UM CASO ENTRE MUITOS

Aconteceu numa escola secundária e vem demonstrar cabalmente a necessidade de se instalar definitivamente a orientação educacional em nossos meios estudantis.

A protagonista da nossa história era uma menina e moça, viva e graciosa, de seus quatorze a quinze anos. Um desvio de dinheiro, em que ficara comprovada irremediavelmente a sua culpa, assinou-a para sempre no educandário, perante mestres e colegas, como uma criminosa. Não houve roubo posterior, e todos nós sabemos o quanto são frequentes estes fatos nas escolas, mesmo naquelas onde predomina a fina flor da sociedade, que não lhe fosse atribuído em palavras ou em intenções. A fama a ferreteara ignobilmente e com um certo exagêro. A situação da menina era a de um permanente mal-estar moral.

Em certa ocasião esta adolescente foi indicada para um exame psicológico e é o resultado deste exame que passo a explicar: fez-se um estudo profundo da inteligência, personalidade e constituição física da menor; pela anamnese, isto é, estudo do passado do indivíduo em relação ao seu meio ambiente, apurou-se um interessante episódio ocorrido, quando a menina deveria ter três anos, e em que figurava um estranho caso de roubo em sua casa; o que é mais incisivo no fato anterior é ter a falta da menina se revestido de situações idênticas, tão semelhantes que parecia ser uma cópia fiel do primeiro evento. Um psicanalista explicaria o caso como uma forma ativa do inconsciente estigmatizado pela cena antiga; um leigo atribuiria a coincidência a manifestações extraterrenas, mas a realidade é que a jovem agira numa atitude de carbono, dramatizando estranhamente as suas desculpas e atitudes pelas do terrível modelo, que lhe ficara impresso na mente infantil.

Outro importante dado apurado foi — e isto é deveras importante — que a menina nas três vezes que infringira o direito de propriedade, não se aproveitara nada, absolutamente nada, do produto do seu roubo. Para que roubara então? E' a pergunta lógica; para dar aos outros, não propriamente no sentido de Santa Isabel, furtando a sua própria despensa para suprir aos pobres, mas para ser querida, bem vista entre as colegas e mestres.

Vejam como é ingênuo e tocante, tanto quanto o episódio da santa das rosas! A sua necessidade de carinho era tão grande, que preferia correr o risco de ser tachada como uma ladra, sofrer as mais terríveis ofensas morais, e tudo para ser simplesmente amada!... Assim é a alma humana, complexamente arrumada, cheia de paradoxos e contradições!

Resumindo o caso: procurou-se dar à menina meios de satisfazer o seu anseio de afeição e a sua necessidade de sobressair entre os demais por processos artísticos e esportivos, no caso a natação. O pagamento integral da quantia tirada, por meio de trabalho, também foi pôsto em prática pela reeducação. Fez-se a readaptação do elemento em seu meio e a adolescente confessou-se, ao fim de alguns meses, francamente feliz com a nova situação.

Este caso isolado, que acabei de narrar, é um dos muitos e varia dos assuntos que ocorrem nos meios escolares e que, via de regra, são resolvidos com sumárias expulsões e suspensões. Infelizmente as chamadas altas esferas do ensino ainda não compreenderam a extensão do problema e as suas atividades limitam-se apenas em aumentar ou encurtar as pernas dos programas, ou em retroagir com o latim até os primórdios da literatura romana. Enquanto não se der ao assunto a atenção e estudo que ele merece, prosseguirá indefinidamente o terrível desperdício de tempo, esforço e dinheiro das repetências e outros males que impedem o pleno desenvolvimento do nosso ensino.

Zóia de Lact





## FESTIVAL TCHAIKOVSKI

Romeu e Julieta — Concêrto em ré maior — Viena e um desafio

De ROBERTO LYRA FILHO  
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A Orquestra Sinfônica Brasileira entrou numa fase de grande vivacidade. Com o repertório renovado, ela conseguiu restabelecer o prestígio comprometido pela crise que, recentemente, atravessou. Temo-la, agora, encarregada da parte sinfônica da temporada oficial da Prefeitura, a convite do concessionário Viggiani.

Na verdade, se o início desta série de concertos com o Festival Tchaikovsky, por um lado, não saiu da rotina, não apresentou nenhuma novidade, recorrendo, simplesmente, a um velho favorito do público, por outro lado — e preciso que se diga — marcou mais uma vitória da OSB, este ano, obtendo o conjunto e o regente merecido sucesso. O solista, Winia Farberow, também não desapontou.

### ROMEU E JULIETA

Disse um crítico americano que a ouverture Romeu e Julieta, de Tchaikovsky, é, certamente, a mais bela página musical que o drama de Shakespeare inspirou. Ainda que não se dê razão a ele, deve-se observar que, conquanto seja música superficial, Romeu e Julieta agrada. A orquestração é segura e há trechos onde se expande, livremente, a riqueza melódica.

Romeu e Julieta foi composta por sugestão de Balakirev. Tchaikovsky se afastara dos Rubinstein, que o protegiam, aproximando-se do "grupo dos cinco", que era dominado por Balakirev. Mas, afinal, quando ficou pronta a ouverture entregou-a a Nikolai Rubinstein. A estréia foi um fracasso. Tchaikovsky, que era sensível ao extremo, sofreu muito mas, afinal, decidiu modificar a obra. Levou-a para casa e fez uma revisão completa. Hoje, Romeu e Julieta é uma das peças sinfônicas mais populares. Entretanto, Tchaikovsky não ficou satisfeito com o próprio trabalho. De Romeu e Julieta disse: "Compreendo, perfeitamente, como são artificiais os meus gemidos musicais em face da vigorosa descrição de uma paixão juvenil feita por Shakespeare".

### CONCERTO EM RÉ MAIOR

Além de uma equilibrada interpretação da ouverture Romeu e Julieta, a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentou, ainda, no mesmo programa, o concêrto em Ré maior, de Tchaikovsky, para violino e orquestra.

Este concêrto foi preparado durante uma viagem pela Europa. O compositor visitou Milão, Florença, Veneza, Viena, e no caminho foi prosseguindo no trabalho de completar a instrumentação de Eugênio Oneguín, ópera baseada no poema de Puchkin, uma sonata para piano e o concêrto para violino e orquestra. Terminou a tarefa que se impôs já na Rússia, durante uma estada na propriedade de Madame Davidova.

Mas durante algum tempo a obra ficou esquecida.

Excepcionalmente difícil, exigindo do intérprete perfeita segurança técnica, além de impetuosidade e força expressiva, o concêrto encontrou, afinal, em Adolf Brodsky um violinista destemido, que resolveu enfrentar todas as dificuldades.

A estréia constituiu um verdadeiro desafio, porque Brodsky quebrou a praxe, apresentando-se ao público vienense com uma obra nova, em primeira audição. O crítico Hanslick, reprovando a audácia, escreveu um artigo venenoso e injusto. Tchaikovsky, como sempre, ficou profundamente sentido. Mas Brodsky não desanimou: disse que continuaria a tocar o concêrto até que seus méritos fossem reconhecidos.

Quando aludimos às dificuldades que esse concêrto apresenta a quem se anima a executá-lo, pensamos em Winia Farberow, que o interpretou, com a OSB. Era visível a preocupação do artista com aquelas dificuldades. Talvez, mesmo, fosse demasiado visível, prejudicando a sonoridade. Entretanto, não podemos deixar de assinalar os pontos altos da interpretação. Quando não o prendia a atenção às exigências técnicas, ele bem revelava o temperamento vibrante de Tchaikovsky, a riqueza rítmica e a opulência melódica do concêrto, traduzindo-lhe os arrebatamentos com força expressiva.

### QUINTA SINFONIA

A estréia da Quinta Sinfonia constituiu mais um daqueles episódios que tanto entristeciam o compositor. Pronta a sinfonia, na calma de uma propriedade no campo, adquirida com auxílio do czar Alexandre III, Tchaikovsky regou-a em S. Petersburgo. O público a ouviu sem entusiasmo.

A respeito da Quinta Sinfonia, observa um crítico: "Depois de três movimentos nos quais predominam o tom melancólico, o quarto movimento surge, indescritivelmente forte, vigoroso. Se Tchaikovsky tivesse morrido depois de completar esta sinfonia, seus biógrafos seriam forçados a concluir que vencia o seu temperamento doentio".

A Quinta Sinfonia teve execução cuidadosa, ainda que não isenta de falhas, no Festival Tchaikovsky que inaugurou a temporada sinfônica oficial. Levando em consideração, entretanto, o relevo dado à maior parte do programa, os senões observados deixam um bom saldo a favor da OSB e seu regente, Eugén Szenkar.



**A** PRESENTAMOS  
nestas duas páginas algumas criações verdadeiramente maravilhosas, das mais destacadas chapeleiras. São modelos próprios para a primavera, elegantes e vistosos.





Na página à direita: um modelo "made in Hollywood", palha brilhante e rosas brancas. ★ Maria Guy — palha preta, flores e véu. ★ Nesta página: Paulette — palha da Itália e "Guipure". ★ Rose Valois — palha e penas. ★ Outro modelo de Hollywood — palha azul, flores e fita de veludo. ★ Maud et Nano — "faïlle" branco e penas brancas



### BONEQUINHA DE SEDA



Ela é uma visão de fragilidade. Pequeninha, clara, louríssima, os poetas a chamariam bonequinha de Sèvres, se não estivesse velha de mais a imagem. Mas quem observa o seu modo de rir, aquele jeito de olhar quando está silenciosa, descobre em dois tempos que ali está uma vontade férrea e uma tremenda energia para a luta.

E a luta foi grande: primeiro para vencer os preconceitos religiosos e familiares e entrar no teatro, como numa profissão tão digna e tão honesta quanto qualquer outra. Depois, para conservar, no ambiente estranho às suas raízes, tudo o que lhe veio do passado e que é o fundo intangível de sua personalidade.

Tinha estreado no rádio muito pequenina, levada pelo padrinho, diretor de estação; adolescente, fez "Ganga Bruta", uma das primeiras tentativas sérias do cinema brasileiro. Mas o palco, o contacto directo com o público, a voz, o gesto, a emoção entregues a todo mundo, isso parecia estranho de mais à menina do Recife. E foi preciso que Raymundo Magalhães Junior insistisse muito para aceitar o papel de ingênua na comédia "Fruto proibido", na temporada de Procópio Ferreira em 1933.

— "Foi dura a prova. Meu papel era uma coisinha à-toa. Mas em todos os vinte e dois dias de representação minhas mãos gelavam antes do primeiro gesto."

O público e a crítica decidiram, porém, que Déa ficaria no teatro; tomou parte em outras peças, foi com a companhia para São Paulo. Em 1934 casou-se com Darcy Cazarré e isso valeu como um solene compromisso de fidelidade ao palco, como a aceitação definitiva da carreira que a escolhera, ao invés de ser escolhida, como acontece sempre.

Procópio foi para Portugal e Cazarré formou a sua própria companhia em Porto Alegre, excursionando por todo o Rio Grande do Sul. De volta ao Rio, Déa fez "Bonequinha de Seda"; depois trabalhou com Renato Viana, depois com Roulien em São Paulo, depois com Jayme Costa. Cazarré formou outra companhia, logo sufocada pelo problema número um do teatro brasileiro: a falta de teatro. Então, ambos voltaram a Jaime Costa, onde estão até hoje.

Agora, tem um amor apaixonado à profissão. Orgulha-se de ser artista e só tem um sonho: ser artista, sempre e cada vez melhor, aprender, realizar-se, chegar à perfeição.

— E ainda falta muito! Ainda falta tanto! — diz, pensativa.

Entretanto não lhe têm faltado horas de triunfo. Em 1939, o público do Recife interrompeu três vezes, com palmas estrepitosas, uma única cena. Aqui, em São Paulo, ou no Sul, as palmas a têm coroado antes que o pano desça sobre o fim do ato. Os empresários confiam nela, dão-lhe papéis de grande responsabilidade, alguns secretamente ambicionados, como o de Adá, na comédia "Pense alto!", de Eurico Silva.

— "Gosto de representar mulheres más e temperamentais. As ingênuas, sossegadinhas e tímidas não me oferecem a mesma emoção. Também gosto de fazer essas meninas terríveis, inocentes nas suas perversidades, vivas como uma roda de busca-pé."

A verdade é que ela gosta de "trabalhar um papel", de encontrar nele material criador, oportunidade para exprimir novas facetas da alma humana. E eu que a vi criar a Cláudia da minha peça e fazê-la exatamente como eu a imaginara, sei até que ponto Déa Selva leva o seu respeito pelo pensamento do autor.

Fora do palco é a mais simples das pessoas. Ótima esposa e mãezinha apaixonada de três garotos que a adoram ciumentamente. Tão ciumentamente que o mais velhinho quer ser aviador para ganhar logo um bom ordenado e tirar a mamãe "dêsse meio de teatro".

Não gosta de nenhum exagero; nada de joelhos à mostra ou de "new-looks" fantasmiais. Prefere os vestidos "sport" aos "soirées", que lhe ficam tão bem. Adora o azul e os tons pastel. "Mais ou!" é o seu perfume. E a música a sua grande distração.

— "Clássica, moderna, sinfônica, popular, de câmara, adoro música. Cada gênero tem a sua hora especial. Cada hora da gente cabe numa pauta."

Fez oito filmes e tem um lugar muito seu no cinema brasileiro, desde que estreou "Aves sem ninho", até hoje considerada uma das melhores produções dos nossos estúdios. Para Déa, é o melhor dos seus papéis. Mas nunca se dá grau cem quando, da escuridão da platéia, vê a própria imagem vivendo uma vida diferente na tela.

— "Ainda tenho que trabalhar muito. Tanto no teatro como no cinema."

Não o diz para ser elogiada, não. A simplicidade é o seu feitio. E com ela chegou onde está. E irá mais longe ainda.

Sarah Marques



## DETALHES E NOVIDADES



**O**RGANIZAR uma reunião não é sempre uma coisa muito fácil, principalmente quando não se dispõe de muito espaço, se o pessoal de serviço é reduzido e não muito competente, e se não se pretende fazer uma despesa muito grande. Porém, não é também correto oferecer aos convidados, às oito horas da noite, coisas que correspondam a um "cocktail". Felizmente, numa época em que tudo se procura solucionar com idéias práticas, temos o recurso de oferecer um jantar americano, o qual, muitas vezes ainda fica mais barato do que um "cocktail".

Esclareçamos, no entanto, que ao contrário do que muita gente pensa, um jantar americano não tem que ser, necessariamente, uma comida fria e é até muito recomendável apresentar-se um prato quente na hora exata em que os convidados se vão servir. O fato de servir um prato quente não modifica em nada as características do jantar americano. Algumas sugestões nesse sentido são hoje oferecidas às nossas leitoras.

## LÍNGUA EM FATIAS ORNAMENTADAS

**Ingredientes** — 1 língua fresca: 250 grs. de presunto picado; 2 colheres, das de sopa, de vinho branco; 1 colher, das de sopa, de farinha de trigo; 2 ovos; 1 lata de "champignons"; 1 cebola; 1 cravo; sal, salsa; pimenta.

**Preparação** — Toma-se a língua já preparada e corta-se em fatias finas. A parte, põem-se numa caçarola uma colher das de sopa bem cheia de manteiga e a cebola picada. Leva-se tudo ao fogo e quando a cebola ficar dourada, juntam-se-lhe os "champignons" cortados em pequenos pedaços e o vinho. Deixa-se cozinhar durante dez a quinze minutos, mexendo-se sempre. Em seguida, retira-se a caçarola do fogo e adicionam-se o presunto, a farinha e os ovos misturando-se bem. Em outra caçarola, põem-se o resto da manteiga, a salsa picadinha e o cravo e neste molho passam-se as fatias de língua, que se colocam uma a uma sobre um pedaço de papel branco, cortado como para balas mas sem franjas. Em cima de cada fatia põe-se um pouco do picadinho de "champignons" e torcem-se as pontas dos papéis, como se fazem com as balas. Arrumam-se estes papéletes em tabuleiros de folhas, que vão ao forno quente por espaço de três a quatro minutos. Servem-se quentes.

★

## PERNA DE VITELA ASSADA

**Ingredientes** — 250 grs. de manteiga; 1 perna de vitela; 1 colher, das de sopa, de massa de tomates; 1 colher, das de sopa, de vinagre; 1 cebola; 1 dente de alho; 1 folha de louro; sal, pimenta.

**Preparação** — Trata-se a perna de vitela, lava-se e perfura-se toda com um garfo comprido, em seguida, esfrega-se com o alho socado com sal e uma pitada de pimenta e juntam-se-lhe o vinagre, a cebola cortada em rodela e a folha de louro. Unta-se de ambos os lados com a manteiga e a massa de tomates, enrola-se em papel vegetal, põe-se numa assadeira e leva-se ao forno para assar. Rega-se com o molho que for ficando na assadeira. Se secar muito, acrescenta-se um pouco de água quente. Conhece-se que está assada quando espetando-se com um garfo jorrar água rosada. No momento de servir, retira-se o papel. Serve-se com acompanhamento de espinafre.

★

## APERITIVO DE VERMUTE

**Ingredientes** — 2 cálices de xarope; 1 cálice de Genebra; 1 cálice de Curaçau; 1 copo de Vermute; 6 gotas de "Bitter" Angostura; gelo socado.

**Preparação** — Põe-se um pouco de gelo na máquina e juntam-se-lhes todos os ingredientes acima. Bate-se bem e serve-se.

★

## "FONDANTS"

**Ingredientes** — 4 ovos; 300 grs. de açúcar; 2 xícaras, das de chá, de nozes picadas; "glacé" branco.

**Preparação** — Dissolve-se o açúcar num pouquinho d'água e leva-se ao fogo para fazer uma calda em fio. Em seguida retira-se, deixa-se esfriar e depois acrescentam-lhe as nozes e os ovos. Mistura-se tudo e leva-se novamente ao fogo, mexendo-se até aparecer o fundo da caçarola. Retira-se então, fazendo-se os bolinhos, que se põe a secar sobre um mármore. Depois de secos juntam-se.



Para sua "toilette" de noite, este chapéu de penas com véu preto.

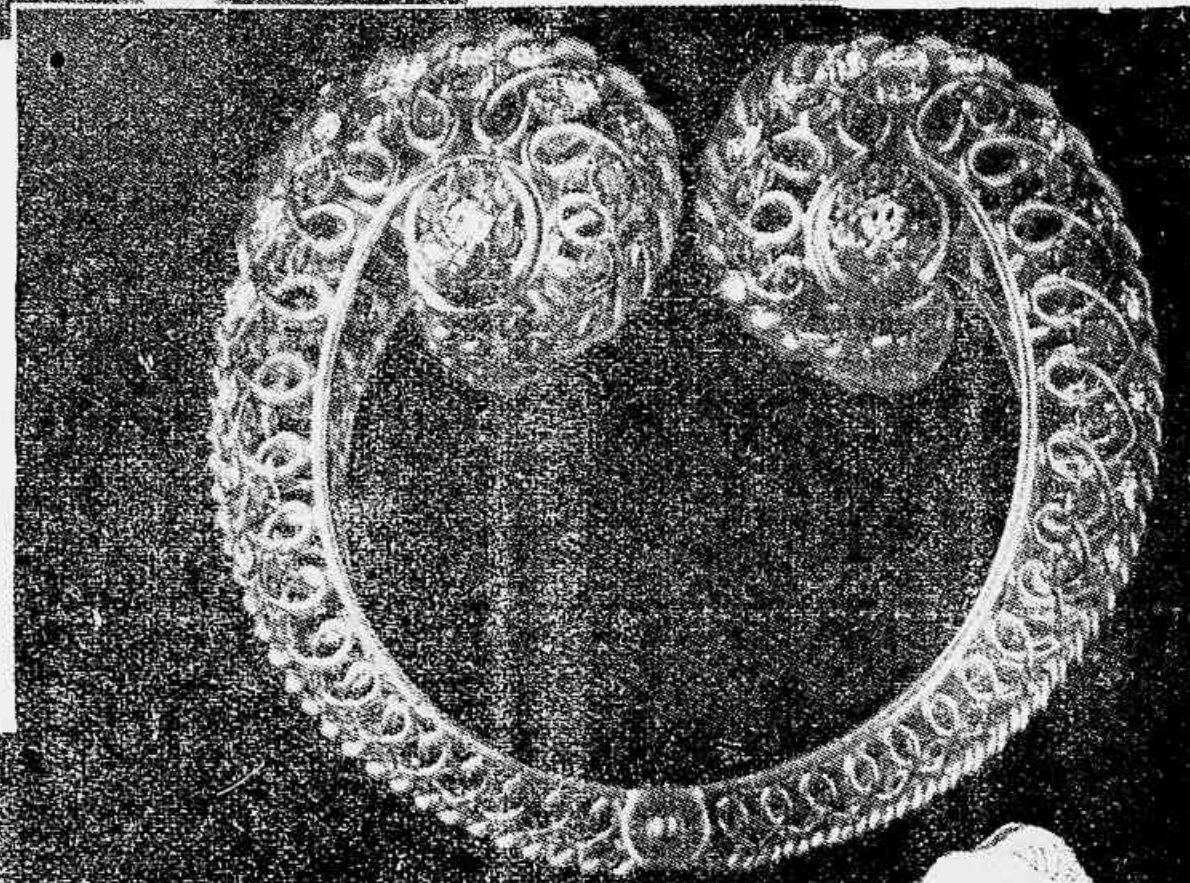
Uma sala muito interessante é esta composta, da cintura até pouco abaixo dos quadris, de três badados.



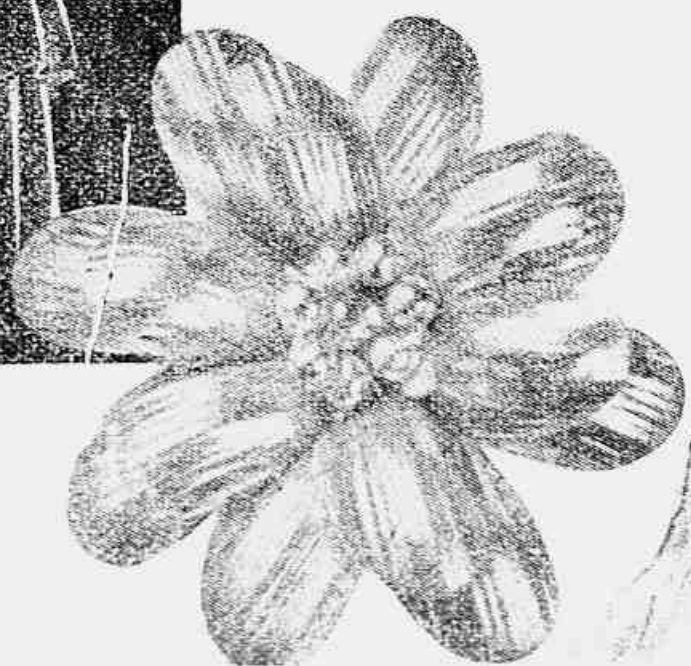
Aqui está um lindo e original broche feito de conchas, e perolas rosas.



Em cima: interessante detalhe de um modelo de Pierre Blamin, com manga dupla, para o seu traje de passeio. A esquerda, elegantíssima blusa de tafetá em listras, de efeito muito original.



A direita: Lucien Lelong criou um modelo com transpasse na frente da blusa em tom contrastante. Ao alto: Maravilhoso colar em ouro e pedras, de inspiração oriental.





# VIDA LITERÁRIA

## CINEMA E LITERATURA

A versão cinematográfica da Sinfonia Pastoral, agora em exibição no Rio, dá de novo atualidade a um velho tema. Os grandes livros lucram em ser adaptados à tela? O balanço mais rápido na produção, principalmente americana, leva a conclusões formalmente negativas. Ainda há pouco me dizia R. Magalhães Junior que só se lembra dum grande livro que deu um grande filme americano: "David Copperfield". Eu citaria mais, com um pouco de boa vontade talvez, "A família Barret", com Charles Laughton, "Ana Karenina", com Greta Garbo e "Romeu e Julieta", com Leslie Howard e Norma Shearer. Muitas vezes o que se dá é que o romance universalmente famoso dá um filme razoável, não raro mesmo excelente, para quem não conhece a obra literária, mas de fundo totalmente diverso do "script" original. No particular é certo que os ingleses se colocam em plano muito diverso, não precisando citar-se mais do que dois filmes, "Pigmalião", que tinha dificuldades insuperáveis a vencer e foi uma grande produção e esse recente "Grandes esperanças", em que tudo, tipos, ambiente, clima, é do melhor Dickens. "Sinfonia Pastoral" para o espectador que não tenha lido a obra prima de Gide, pode ser mesmo considerado um grande filme, pois é de fato uma película de alta classe, de profundo cunho artístico. Para quem tenha, no entanto, na devida conta aquela maravilhosa parábola bíblica de tão paradoxal beleza pagã, é inevitável a indagação: como teria reagido o autor, diante da interpretação dada pelo cinema à sua obra? "La symphonie pastorale" seria, evidentemente, como qualquer das outras obras de Gide,

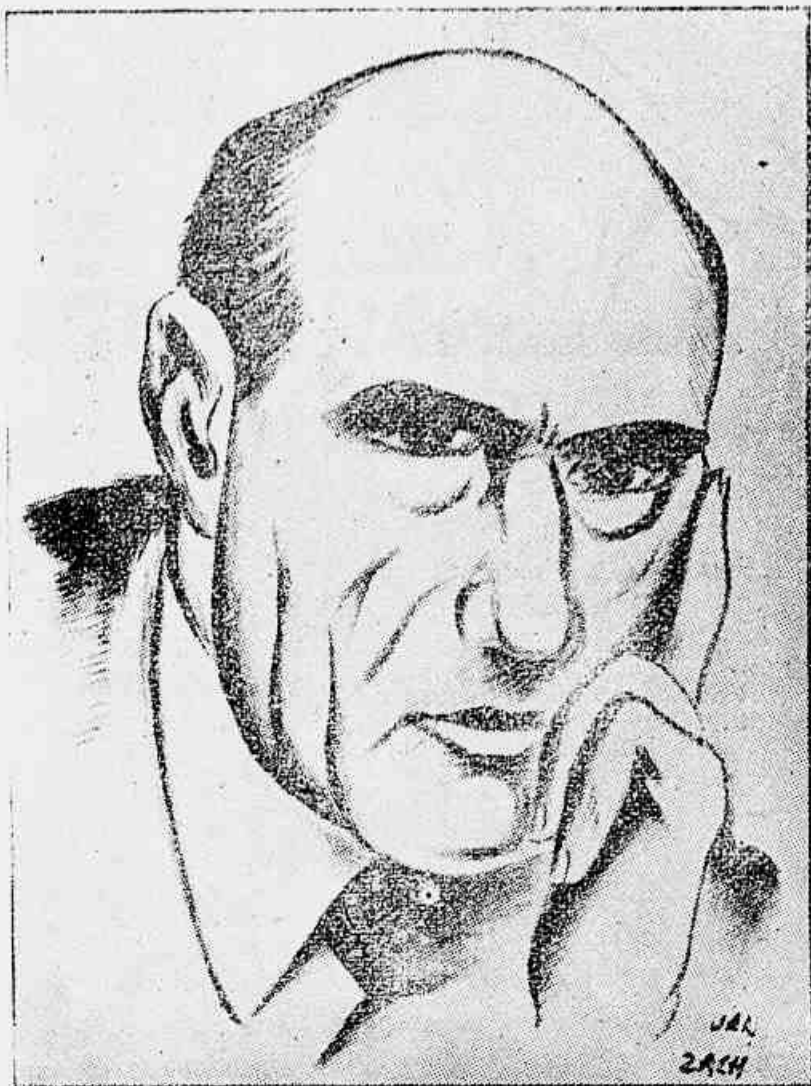
das menos indicadas para essa transplantação. Trata-se de obra literária por excelência, mais poética do que romance, toda ela tratada como um tema musical, não sendo em vão que Gide lhe tenha ido pedir o título a Beethoven. Ao contrário, tudo nessa admirável centena de páginas é impregnado duma linguagem que somente a da música teria acentos iguais. Como transcrever em mensagem plástica certos trechos, como por exemplo, a confissão de Gertrudes relativa ao canto dos pássaros que ela imaginava um puro efeito da luz, como o próprio calor que sentia acariciar-lhe as faces e as mãos, ou a imagem dos lírios que para ela dir-se-ia serem "sinos de chama, grandes sinos do azul cheios do perfume do amor e que balançam o vento da tarde".

Ao ouvir o chocar das vacas pastando na encosta dos Alpes, a ceguinha tem esta frase prodigiosa: "Elas desenhavam a paisagem" — o que, a meu ver só a arte de Walt Disney seria capaz de traduzir em imagens visuais.

Página sumamente subjetiva, não há como se aceitar o tratamento realista que lhe deram, a começar pelos inevitáveis encontros melodramáticos, como é o da queda do garoto na neve e a procura do sapato que a cega vai tatear na solidão da sua noite ou o mais inaceitável ainda da intromissão da namorada de Jacques, aquela inexpressiva Piette que nada tem que ver com o romance. É certo que há momentos de grande beleza plástica, à altura do livro, como o encontro de Jacques e de Gertrude, na casa de saúde, depois da operação da catarata e o encontro do pastor com a moça morta, ao ser retirada do lago, aqueles grandes olhos de uma

transparência de água marinha, aqueles cabelos molhados que a cercam como algas, como os cachos duma adorável Medusa tranqüilizada para sempre. Mas, o que é de sugestão, naquele amor que não tem noção do que seja, se transforma no filme em puro interesse sensual. Quando o pastor tenta afastar Jacques de Gertrudes, é concorrente que o homem amoroso está alijando. Há uma inapelável malícia nas suas palavras donde todo o sentido do Evangelho parece ter fugido. Não poderia esse homem repetir jamais a palavra tão extraordinária de sua doutrina, aliás, tão gideana: "Le mal n'est jamais dans l'amour". O criador da maravilhosa obra humana em que o amor transformou o pequeno monstro, cego e semi-mudo da cabana das montanhas, na versão do grande ator que é Pierre Blanchard, muito mais se aproxima do Pigmalião ferrozmente ligado a sua criação, do que do homem cheio de fé a ponto de ensinar a sua Galatéia que "o único pecado é o que atenta contra a felicidade de outrem, ou compromete nossa própria felicidade". O tratamento que os cinegrafistas franceses deram à obra de Gide, por mais rico em elementos plásticos, como seja, a presença da neve em todo o desenvolvimento do drama, o fraseado bíblico, a silenciosa dor de Amélie, a torturante obsessão amorosa do pastor, fazem de tudo uma obra realmente grande, pela força humana tomada de empréstimo ao novo sentido imposto pela câmera. Mas, o clima de espiritualidade, aquela famosa dialética do terrível Fausto de voz de anjo, semeador de dúvidas, isso não procuremos "helas", na poderosa interpretação do grande ator e da belíssima Michele Morgan.

H. L.



André Gide, cuja obra o cinema começa a aproveitar

cia, uma senhora do mesmo nome, mas que não é, com certeza, a mesma do Museu do Petit Palais. O sr. Chateaubriand arranhou uma turma da alta roda que se deu ao desfrute de ir de avião receber em Recife a ilustre desconhecida e haja festas com jagunços de vinte mortes no costado fazendo manigancas para a moça ver e tome garapa e beijú e feijoada com champagne e discursos em inglês e vaquejadas e viagens a Paulo Afonso, tudo isso não se sabe bem porque. Porque o certo é que até agora Madame só tem feito, em João Pessoa, em Recife, aqui no Rio e em S. Paulo, a mesma conversinha mole sobre Paul Valéry, o que até lembrava o velho Osório Duque Estrada, quando andou pelo norte a fazer conferências sobre "O leque e o beijo". Para variar, como dizia Rodolfo Teófilo, o tema era às vezes também "O beijo e o leque".

★

### DIÁRIO DE FRANZ KAFKA

Noticiando o aparecimento de dois livros de Franz Kafka, o "Diário" de 1910-13 e "As parábolas", o crítico William Phillips, do "New York Times", observa que é irônico que no auge de sua fama como escritor, haja uma tendência atual em desvalorizar-lhe os méritos literários. Durante dez anos seu nome andou no auge, nos círculos literários de vanguarda, quando agora, que sua obra se torna mais geralmente conhecida e apreciada, há uma inclinação maior a discuti-la, na dependência da tensa e torturada sensibilidade que achamos nos seus livros. O aparecimento do seu "Diário" vem pôr agora em relêvo a tragédia que representou sua vida, pela sua incapacidade em enfrentar as mais elementares necessidades humanas e o drama dum homem subjugado pelo gênio. O tom dessas notas, segundo o crítico, é particularmente irônico, não se percebendo, muita vez, o que seja realidade anotada ou representação de elementos visionados pelo escritor. De par com isso, o ininterrupto conflito com o seu trabalho material de empregado do comércio e sua debilidade física, seu misoginismo, o receio infantil sentido diante do pai, o registro de sua irremediável insônia. Dessa eterna depressão, dá bem a idéia esta nota sobre a pequena obra prima que é "A Metamorfose" e que lhe merece apenas estas palavras, quando acabou de escrevê-la: "Estou agora lendo em casa 'A Metamorfose' e acho-a má".



Franz Kafka



Lima Barreto

Edgard Cavalheiro, que foi um dos maiores amigos de Monteiro Lobato, e é o depositário do arquivo do grande escritor, divulgou pela "Revista do Globo" uma série de cartas curiosíssimas de Lima Barreto. Uma delas, aliás dirigida não a Lobato, mas a Austregesilo de Athayde traz uma revelação das mais imprevisíveis e surpreendentes: a de sua ojeriza em ser comparado a Machado de Assis: "Gostei que o sr. me separasse de Machado de Assis. Não, lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirei. Que me falem de Maupassant, de Dickens, de Swift, de Balzac, de Daudet, vá lá; mas Machado, nunca! Até em Turguenieff, em Tolstoi, podiam ir buscar os meus modelos; mas, em Machado, não! 'Le moi...' Machado escrevia com medo do Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar; eu não tenho medo da palmatória do Feliciano e escrevo com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto. Creio que é grande a diferença".

★

### UM GRANDE ESCRITOR MILITAR. ESQUECIDO

A propósito do centenário de Dionísio Cerqueira, há pouco decorrido, Umberto Peregrino, que também é militar e escritor, teve ocasião de evocar-lhe a vida e a obra, numa bela conferência que agora é editada em plaquete, em proporções mais vastas do que permitia aquele trabalho. O que o jovem escritor num estilo vivo e atraente, diz do ilustre brasileiro, é de molde a despertar o mais vivo interesse e uma profunda admiração pelo "homem múltiplo", que ele foi, militar, político, engenheiro, ministro, diplomata, geógrafo, escritor, "paisagem humana, não apenas variada, multiforme, mas também atraente, poderosa, impressiva em todos os seus desdobramentos". O que, porém, "et pour cause" mais lhe atrai, nessa admirável figura humana, é o escritor militar, autor das "Reminiscências da Campanha do Paraguai", livro injustamente esquecido, mas de estirpe nada inferior à "Retirada da Laguna", de Mestre Tau-nay. As numerosas transcrições dessa obra, reveladas por Umberto Peregrino, situam, efetivamente, o autor entre os grandes escritores do nosso passado, duma prosa viva, colorida, plástica, de poderosa emoção. Vejase este pequeno trecho, que é realmente antológico: "Chovia sobre ele e sobre nós uma saraivada de balas

que passavam silvando, gemendo como gente, miando como gatos, cantando como pássaros, em trilos e gorjeios: umas, roucas; outras, aflautadas; algumas, fahnosas, ligeiras, cortando os ares com sons provocadores, sons de latejo; ou lentas, vagarosas como um ai que vai morrendo". O louvor de Peregrino é assim, além de magnífico, estritamente justo e oportuno.

★

### QUAIS OS SEIS MAIORES LIVROS DE AUTORES CEARENSES?

Encerrada a "enquete" organizada pelo jornal de Fortaleza, "O Povo", verificou-se, como no caso dos Três mosqueteiros, (que eram afinal quatro), que em vez de seis foram sete os mais votados: "Iracema", de José de Alencar; "Finalidade do mundo", de Faria Brito; "Luzia-Homem", de Domingos Olympio; "Teoria Geral do Direito", de Clovis Bevilacqua; "Capítulos da História colonial", de Capistrano de Abreu e, com igual número de votos, "Minha terra", de Antonio Sales e "Cantadores", de Leonardo Mota. Logo em seguida a estes, colocaram-se: "O Guarani", de José de Alencar; "Terra de Sol", de Gustavo Barroso e "Aves de Arribação", de Antonio Sales. No inquérito votaram apenas escritores, com justificativa de voto, o que alguma vezes deu margem a muita prova de sapiência do votante. Ótimo para encher o jornal, de graça.

★

### A LITERATURA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

O livro de Samuel Putnam, "Marvelous Journey", no qual esse nosso esplêndido amigo americano, tradutor dos "Sertões" e de "Casa grande & Senzala", estuda, com uma larga compreensão e um permanente entusiasmo, a literatura brasileira, continua a despertar grande interesse na América do Norte. Ainda agora nos chega o último número do suplemento dominical do "New York Times", onde o mesmo é criticado com os maiores louvores: "Os viajantes que vão ao Brasil — diz o crítico — e desejam saber a respeito da terra e do povo alguma coisa mais do que é possível entrever do avião e do navio, diante da maravilhosa paisagem do Rio, farão bem em incluir este volume na sua livreria portátil. Para a leitura em casa não há o menor exagero em dizer que é um livro indispensável e insubstituível, atendendo-se a seus méritos excepcionais".

★

### PAUL VALÉRY, AQUI, ALI E EM TODO LUGAR

Ao mesmo tempo que se anuncia ter sido roubado, em Paris, o retrato da Duquesa de la Rochefoucauld, dum pintor da Escola de Clouet, anda por aqui, trazida pelos Diários Associados, em grande pompa e circunstân-



# LIVROS NOVOS

## JOÃO LUSO

### A Bacia do Médio S. Francisco

Uma análise regional por  
**JORGE ZARUR**

Publicação do Instituto  
Brasileiro de Geografia e  
Estatística

Rio de Janeiro  
1948

Este livro, cuja primeira publicação data de há dois anos, assume agora novo e especial interesse pela significação e a importância para os fins a que se destina. Visa dar bem a conhecer, graças a uma observação cuidada e metódica e a um sistema de documentação tanto quanto possível amplo e exato, as condições de uma vasta extensão de terra brasileira; das suas riquezas e das suas condições produtivas, da sua gente e dos costumes dentro dos quais ela se mantém; de tudo o que possa dizer respeito à sua situação, presente e às suas possibilidades futuras.

Trabalho longo, esforçado, paciente e de mais rigorosa probidade, tem a garantir-lhe o valor, o juízo de autoridades como o sr. Heitor Bracet, presidente em exercício do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a apresentação redigida pelo engenheiro Christovam Leite de Castro, diretor da Biblioteca Geográfica Brasileira; e, entre as individualidades oficiais a quem o autor agradece a generosa cooperação que lhe prestaram, está o presidente efetivo do I.B.G.E., embaixador José Carlos de Macedo Soares. Do bem fundado daqueles testemunhos e do fato de não haver nêles maior favor e antes simples justiça, nos dá prova a leitura da obra. Vai esta, em amplo formato, a cerca de duzentas páginas frequentemente enriquecidas de fotografias, desenhos, mapas e outras gravuras, todas elas a capricho executadas; e em tudo se sente o capricho e o escrúpulo do autor, o qual, não se limitando aos dados que se colhem quer nos arquivos quer em livros anteriores, foi pessoalmente a todos os lugares, de tudo se inteirou com os próprios olhos, para poder comentar com o seu critério pessoal. Principia o livro com a localização da Bacia do São Francisco e distinção das suas divisões: a média, a média superior, a média inferior, o planalto ocidental e a região das quedas. Estuda depois a vida da população naqueles diversos setores geográficos, as suas tradições e práticas habituais; a relação entre os seus ganhos ou recursos e aquilo que a sua subsistência, mais larga ou mais acanhada, exige. Passando aos "fatores que afetam a economia regional", examina os elementos básicos naturais, o clima, e suas variantes, a água, a vegetação e todas as ofertas da terra que se prestam à mineração, à lavoura, à pecuária, à caça, à pesca, às indústrias mecânicas. E nesse capítulo bem como no final, que se intitula "Diretrizes para um reajustamento desejável", indica o autor, com os diversos problemas a serem resolvidos pelos Poderes Competentes, o que há a fazer e ainda se pode empreender em favor daquela gente, da sua saúde e da sua prosperidade.

O sr. Jorge Zarur escreveu um livro que merece leitura refletida e toda a possível divulgação.

### História da Vida e Outros Contos

Duzentas e setenta páginas  
de **GIUSEPPE MAZZONI**

Bahia  
1948

Nesta primeira destas produções, a mais extensa, compreendendo cento e vinte páginas, um rapaz que dormia "sobre o leno aquecido pelo seu próprio corpo", foi despertado, com pancadinhas no ombro, pelo Tempo. Resolvera este levá-lo à mansão da deusa Mocidade. Partiram os dois, mas em certo ponto do caminho, o Tempo, com a alegação de que a Mocidade o não apreciava, abandonou o companheiro, para mais tarde, disse ele, se juntarem de novo. Seguindo sozinho, vai o moço dar ao castelo da deusa. Conduzido esta à morada do Amor, à residência da Dor, a outras habitações mais ou menos hospitaleiras. Encontra então o jovem diversas obras primas da pintura e da escultura clássica; avista sucessivamente por esta ordem: Shakes-

peare, Byron, Schiller, Poe, Vergine, Hugo, Ruben Dario, Menotti del Picchia, Catulo de Verona e Catulo da Paixão Cearense, Guilherme de Almeida, Gabriela Mistral, Kalidasa, Fl-Tai-Pe e Tiu-Tun-Ling, d'Annunzio, Omar-el-Kheyyman, Yori-Kito e Redi. Admira Castro Alves, recitando; nisto, porém, ouve gritar: "Margarida! Margarida!" E Goethe. Deparam-se-lhe, em seguida, num salão, "milhares e milhares de músicos, com instrumentos de todas as formas e dimensões". Com desses músicos formam uma orquestra que, sob a regência de Carlos Gomes, está executando o *Guarany*. Vão aparecendo pelas páginas fora, sem a preocupação cronológica, outros grupos de celebridades: compositores, homens de ciência, inventores, soberanos, filósofos. Dirige-se o moncho à terra da Felicidade, onde trava relações com a Fé e o Trabalho; também lá está a Adversidade, mas luta com ela e consegue matá-la. De passagem, conhece a Fama e a Perfídia. Visita a rainha Filosofia, que está acompanhada da Ética, a Moral e a Lógica; e vê-se em presença de um sem número de pensadores. Ao cabo de tanta erudição e tanto símbolo, compreende que a Felicidade e as outras figuras alegóricas não são, todas juntas, senão a Vida. Excitando Goethe e Schopenhauer, acaba por beijar a mão da Morte.

Tal, nas suas linhas gerais, a história que abre o volume. Os outros trabalhos, de bem menores proporções, variam de gênero e de objetivo; em todos, porém, se podem notar a mesma impetuosa imaginação e o mesmo estilo de evidente espontaneidade.

Este livro de cento e vinte páginas, o n.º 6 da série, contém, nos próprios termos da capa, o "Exame de situação do problema da escrita alfabética — Apelo ao poder legislativo brasileiro". E como sempre obedece ao seu duplo princípio: "O problema do difícil é axarilhe fácil" e "em ortografia não pode, jamaes, aver ortografia".

O general Klinger continua, e cada vez mais convicção e ardentemente, entretanto à sua campanha por uma nova maneira de compreender e executar a grafia do idioma. Em cada doze meses compõe e lança à publicidade um livro de veemente propaganda. O tempo que vai passando, éle o classifica em relação ao desenvolvimento da sua obra. Assim 1948 vem a ser o "Ano VIII da era osbriana". Como nem toda a gente apreenderá de momento o significado de tal abreviatura, cumpre explicar que "osbriana" vem de O.S.B., ou seja: Ortografia Simplificada Brasileira. Como se vê, não poderia haver apostolo mais compenetrado da sua doutrina. A questão, em geral, é vasta e por demais complicada. Para vermos como se presta a interpretação e comentários diversos e como é fácil contraditar os homens eruditos que sobre ela se têm pronunciado, basta reparar na quantidade de cidadão que, dispondo de uma coluna de jornal ou qualquer outro meio de chamar a atenção do público, se pronunciam criticando de alto e de rijo condenando em absoluto o acordo a que chegaram, com a assistência de técnicos dos dois países, as Academias de Ciências de Lisboa e Brasileira de Letras. Manifestam-se aqueles comentadores como se tratassem de um trabalho de principiantes ou de amadores; e chegam a ter expressões sobranceiras, desprezivas tais como "cacografia, inortografia, desortografia, confusografia, etc. Não há nas duas comissões organizadoras do vocabulário recentemente impresso, ninguém que lhes mereça a mais leve consideração; e vão ao extremo de propor, como definitivas, únicas verdadeiramente aceitáveis, remodelações e inovações da sua própria lavra...

Quanto ao sr. Bertoldo Klinger, esse procedeu a um longo, acurado, minucioso estudo da matéria. Ninguém certamente a acusará de levandade ou precipitação. E aceitamos ou não a sua teoria, não podemos deixar de respeitar o seu esforço.

### Ano VII da Ortografia Simplificada Brasileira

Estudo linguístico por  
**BERTOLDO KLINGER**

Rio de Janeiro  
1948

### NOTURNOS

Versos de **AFONSO LOUZADA**

Rio de Janeiro  
1948

O poeta nutre a paixão da noite, do silêncio e do luar. Até páginas 37, vamos encontrando esse leit motiv nos seguintes versos que fazem parte doutros tantos sonetos: A rua dorme, branca de luar — No silêncio da noite enluarada — no silêncio da noite, fundo, imenso — Em cima, o céu, em baixo, o mar; no céu, a lua — O soluço do vento... A noite desce — E talvez seja noite pelo mundo — A escuridão da noite imensa, que angustia — Mas quando a noite volta pelo espaço — A lua da ilusão fulge e prateia — Em vão sonhadas pelas noites frias — Pela noite abismal do esquecimento — Noite branca de luar, jardim branco de lírios...

Outros temas, porém, outros aspectos da natureza e outros motivos amorosos inspiram a poesia do sr. Afonso Louzada, ora contemplativa, ora meditativa ou nostálgica, sempre tocada de beleza e sentimento. Eis o soneto *O Carrilhão*:

As horas vão batendo indefinidamente  
no velho carrilhão, minuto por minuto,  
no silêncio abismal do tempo diferente  
marcando, instante a instante, a obsessão do [absoluto].

Horas que falam alto o amor e a fé somente,  
outras que dizem todo o horror do caos, do luto:  
o clarão que ilumina um coração de crente,  
a treva que amortalha um coração de bruto.

Enquanto bate sempre o carrilhão maldito,  
na incidência fatal das horas dolorosas  
o clarim triunfal do amor ressôa, fundo.

E eu vejo pelo azul imenso do Infinito,  
num milagre de fé, transformarem-se em rosas  
as lágrimas que vão caindo sobre o mundo.

### Minha Boneca

Versos e outras linhadadas  
rimadas de **GODOFREDO CARDOSO**

1943

O sr. Godofredo Cardoso dedica este volume de cento e vinte páginas às mulheres que "atrapetaram, umas de flores, outras de cardos", a estrada da sua vida. E seguem-se os nomes, assim descritos: "Julietta, minha santa mãe-sinha; Isolina, meu primeiro amor; Safira, uma amizade; Zulmira, um romance; Dolores, uma devoção; Maria Lina, uma boemia amorosa; Haidée, minha admiração sincera; Ermelinda, uma alegria fugaz; Elisa, uma esposa dedicada; Teresinha, parcela de meu ser; Matildes, uma esposa devotada; Beatriz, uma loucura; Euridice, uma recordação; Mara, um desejo insatisfeito; Lima, uma admiradora; Maria Luísa, uma ilusão; Diva, um acaso; Emilia, um contraste; Leonor, um mistério; Isaltina, uma imensa saudade".

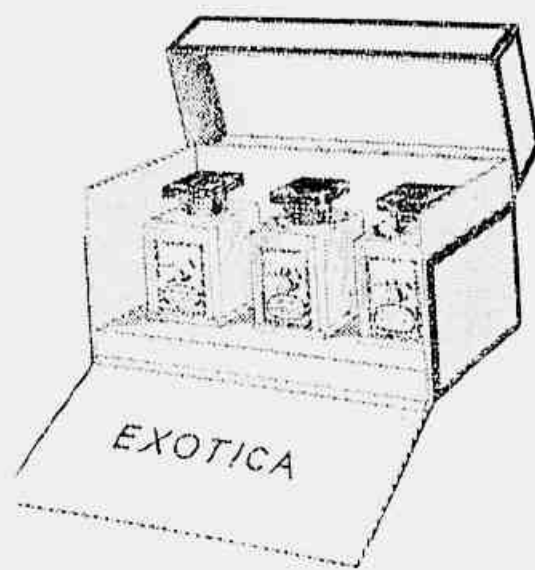
Com tantos e tão variados motivos de inspiração, não podia o sr. Godofredo Cardoso deixar de fazer um livro interessante.

Recebemos:

*Prometeu*, n.º 3, volume II, da revista ilustrada de cultura que se publica no Porto, sob a direção do sr. Amorim de Carvalho. Colaboram neste número João de Barros, Fidelino de Figueiredo, Leonor de Almeida, Phileas Lebesgue, Maria de Santa Isabel, Guedes de Amorim e Amorim de Carvalho além dos titulares de várias seções permanentes.



## PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estôjo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

**Pelo Reembolso Postal  
Cr \$55,00**

Sem qualquer outra despesa

Faça seu pedido à  
**Perfumaria Exótica**  
Rua Campos da Paz, 165-RIO  
Fone: 48-8137



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas do Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

### NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

## RUGOL

O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE

## O marido suspeito

(Continuação da pág. 21)

— Isto não é apenas uma idéia, disse Bill. Eu não poderia deixar de ter notado se vocês tivessem ido muito longe. Como o vestido novo ontem à noite — não o modo como você parece dentro de suas roupas, meu bem. Provavelmente, não teria chegado a essa conclusão, contudo, se não fosse a sua história a propósito de não ter ido à cidade.

— Oh, meu Deus! — exclamou Peg desanimadamente.

Bill tirou um par de cartas do bolso e atirou-as no colo dela. As cartas de Molly e do pequeno Bill, ainda fechadas.

— Achei-as na sua penteadeira, quando entrei ontem à noite. Com tudo o mais, isso foi o climax. Conheço você bem demais, querida. Só um homem no seu coração poderia fazer-lhe esquecer estas cartas.

— E' verdade, murmurou Peg, pois era verdade mesmo.

— Vamos fazer uma viagem, disse Bill. Arrumei sua mala esta manhã. Está atrás no compartimento de bagagens. Esteve silencioso um momento. Depois, acrescentou numa carranca: — Venci algumas belas competições, nos Twenties, por você. E você pode retrucar que eu posso muito bem fazê-lo de novo.

## A ALEMANHA, PROBLEMA NÚMERO UM

(Continuação da pág. 33)

mesmo jornal: "As memórias do Doutor Goebbels serão para nós, no futuro, uma recordação magnífica. Elas nos lembrarão esses doze anos felizes e heróicos que tivemos a felicidade de viver com o Fuehrer — e que, em pequena parcela, pudemos organizar. Se o fim não foi atingido não foi por culpa do Fuehrer nem do Dr. Goebbels, mas de todos os criminosos que lhes sabotaram a obra desde o começo".

Além disso, já se tornou evidente por ocasião das eleições municipais de Hesse que o partido nacional-democrata venceu estrondosamente, porque os eleitores tinham "esquecido" que a maior parte dos seus candidatos eram cidadãos que haviam passado pelos tribunais de desnazificação. O general Clay já definiu o movimento que se estende vertiginosamente por toda a Alemanha ocidental, como "totalitário da direita" e o Dr. Newman, chefe do governo militar americano de Hesse, o considera como tendo o mesmo programa do Doutor Goebbels. A sabotagem, a má vontade contra as ordens da administração aliada, a deturpação dos fatos, dominam da maneira mais insidiosa e eficiente no seio da população alemã daquele setor. Ao mesmo tempo, a resistência passiva dos funcionários tem o seu "pendant" sentimental no nacionalismo dos estudantes. Os rapazes das universidades acham, na maioria, que Hitler foi um imbecil e um desastrado, porque perdeu a guerra. Os verdadeiros heróis são os militares, Moltke, Bismark e Frederico, da Rússia. Neste ponto a susceptibilidade alemã, como nota o jornalista, acha-se em carne viva: esses representantes do pangermanismo só têm comparação em grandeza

com os músicos e os homens de ciência alemães que o mundo inteiro se disputa hoje. Potência do espírito alemão, pureza antiga da Wermacht, oferecida em holocausto à vingança dos fracos e dos decadentes, tais são os temas favoritos a que a mocidade estudantil se apegava, como razões de esperança.

Tem, assim, toda a oportunidade a citação de certo artigo de Vercors "Le cœur déchiré", publicado logo no fim da guerra. Vercors é o famoso autor de "Les silences de la mer", a primeira obra de ficção da resistência francesa a romper as fronteiras da pátria, sob o domínio do inimigo. Esta é uma página escrita com sangue, com uma resplandescência e sagrada fúria, com um clamor de justiça que não admite "plaidoyer". Não sei de palavras que mais fundo nos entrem no coração, pelo seu acento de espantosa sinceridade e de ódio santo. E' um espelho frio passado na boca de um morto, não para reter a esperança dum sópio ainda, mas para a comprovação do fim que se espera, como uma libertação.

Vercors frisa logo de início que é impossível, humanamente impossível, que o cidadão americano e o cidadão francês se compreendam inteiramente sobre o problema alemão, sem se terem explicado. Frisa também que está certo de que os povos não poderão jamais ter uma chance de felicidade, se não sentirem entre si amizade e não ódio.

Mas, é uma verdade meridiana: durante o regime hitlerista, com todos as monstruosidades e aberrações contra a humanidade a que o mesmo submeteu o mundo, não houve, em toda a Alemanha, o mais infimo movimento de repulsa ao seu predomínio. Na França, depois do armistício de Pétain bastou apenas que amigos se encontrassem e se olhassem nos olhos, para se compreenderem. Vigia-dos e focalizados pela Gestapo do sinistro Himmler, Mauriac, Aragon, Decours, e Jean Paulhan, e Malraux, Eluard, Aveline, e tantos outros e, como na França, na Noruega, na Bélgica, na Holanda, na Boêmia, um anos depois da vitória do nazismo sobre a Europa, "todos os homens livres, todos os homens de brio tinham sabido proclamar sua fé na justiça, seu amor pela liberdade e pela paz entre os homens", ao passo que "em sete anos nenhuma voz semelhante se fizera ouvir do fundo da Alemanha".

A conclusão é fulminante. Hitler "era" o povo alemão, o nazismo não era apenas a cruz gamada sobre uma ombreira, mas estava na alma e na carne do povo alemão. O mito dos alemães de boa vontade é portanto, perdido para Vercors. "Os alemães são homens e não poderei jamais desinteressar-me dos homens, mesmo dos piores. Mas, se preciso conservar a idéia de salvá-los um dia — a eles e ao mundo — é preciso que eu me confesse hoje que isso não poderá jamais ser "com" eles, mas "apesar" deles e, por um tempo ainda longo, "contra" eles". As palavras finais desse espantoso grito de sinceridade não podem ser lidas sem um estremecimento no coração: "Não se trata de ódio nem de vingança. Não se trata de apreensão nem de medo. Trata-se duma imensa decepção e dum grande desespero — desta ilusão perdida de que, com a morte do nazismo, encontraríamos

## AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL é formidável  
porque com um só creme

LIMPA, CLAREIA E  
EMBELEZA A PELE!

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa branquidão... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol  
todas as noites,  
com massagens  
de 3 a 5 minutos



## CREME RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque  
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a  
**Revista da Semana**  
em São Paulo

Tratar com  
JARBAS DE FREITAS  
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613  
2.º andar — Sala 217  
Fone: 6-6718





# PARE!

## A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

## PETROLINA MINANCORA

**OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA**

**CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS**

**E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO**

**SAÚDE**  
*o primeiro passo para a felicidade*

O desequilíbrio do organismo feminino é causa de frequentes aborrecimentos na juventude, chegando muitas vezes a perturbar a felicidade conjugal. Com o correr dos anos, o mal tende a agravar-se, provocando consequências graves. Ovarinteran, contendo o hormônio feminino, equilibra as funções do organismo, garantindo uma juventude feliz e vida tranqüila.

**Ovarinteran**

UMA INDÚSTRIA REGIONAL DAQUÍLLO UNIVERSAL

homens na Alemanha em quem ter confiança, com quem renovar a luz de sua libertação uma amizade fraternal, em face da libertação do mundo e do reino da justiça. Não os encontraremos. E o pior, encontraremos comediantes mentirosos disfarçados às pressas com esses velhos farrapos e nos será preciso, com o coração despedaçado, recusar a mão suplicante que eles nos estenderão".

São palavras terríveis, palavras de fogo mas são as palavras bíblicas dum homem que perdeu "amigos atrozmente assassinados (mutilados, enforcados, crucificados), que percorreu as ruínas imundas d'Oradour, onde flutua ainda, depois de dez meses o cheiro dos cadáveres calcinados", ao mesmo tempo que dum homem que "acreditou na Alemanha, que confiou na Alemanha" — e não há porque não respeitá-las, no seu rigor de anatema.

### A VIDA DE MILLET

(Continuação da pág. 24)

Seu Deus era Miguel Ângelo, e Miguel Ângelo uma vez observara ao Príncipe de Holanda:

— Um bem quadro nunca provoca lágrimas.

Como, então, foram pintadas As Respiçadoras? Qual era a essência da arte de Millet?

— Lembra-se, Jean François, de que é um cristão antes de ser um artista. — Foi o que sua avó lhe disse antes de partir para frequentar as escolas de arte de Paris.

— De pé, de pé, meu pequeno François, — eram suas primeiras palavras, de que sempre se lembrava. — Se você soubesse há quanto tempo os pássaros estão cantando a glória de Deus. — E as últimas palavras que murmurou permaneceram gravadas em sua memória. — Pinte, pinte até a eternidade, e pense que a trombeta que o chamará ao Juízo está sempre em vésperas de soar.

Jean François Millet era um homem religioso. Não havia nele nenhuma mensagem de protesto, nem de defesa, em prol do reajustamento social. "Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto" era uma fatalidade inamovível, que nunca mudaria. Criara-se lendo a Bíblia. Via, na luta incessante do homem contra o solo, não um significado social, político, mas primariamente religioso. Era um simples e solitário homem de Deus. Tinha como principal objetivo mostrar a beleza da vida no criste mourejar do trabalho duro. Millet amava a vida por sua própria tristeza. Era o inverno de sua alma que o fazia amá-la assim. Seu caráter fora sempre alimentado pelas Escrituras e pelos ventos que chicoteavam a costa de sua terra natal.

As escrituras, as tempestades do mar, e a poesia de Vergílio e Homero. Lia assiduamente estes dois velhos cantores. Espiritualmente estavam mais próximos dele do que muitos de seus contemporâneos. Os homens e as mulheres que pintou em As Respiçadoras, não eram simples assuntos, para pequenos tratados sociais ou criaturas de argila, silenciosas e sem glória, rústicas, pobres e maltratadas. Eram como os soldados de Vergílio e Homero, personagens de um grande poema, o maior de todos os poemas — o poema épico da Vida.

IV

De Barbizon, Millet escreveu a seus amigos de Paris que a vida de festejos que



Um cãozinho cubano viajou recentemente como clandestino num "clipper" da Pan American World Airways, de Havana a Miami. O animalzinho foi recambiado de volta a casa pelo vôo seguinte do "clipper".

Em 1822, foi pedido ao Congresso dos Estados Unidos para conceder a James Bennett e seus herdeiros o direito exclusivo durante quarenta anos para "dirigirem máquinas voadoras através da atmosfera nos EE. UU." A petição contribuiu para a formação do primeiro comitê aeronáutico do Congresso.

A Argentina encomendou 65 aviões militares — de treinamento e de transporte mono-motores — e cinco outros de carga, à Companhia Fiat, da Itália.

Foi formada uma nova companhia no Arizona, a Weather-Air Inc., para fornecer um serviço de fazer chover em qualquer parte do mundo. Seus aviões, em número de três, estão equipados para "semear" nuvens com qualquer que seja o método mais eficiente na estação — agentes químicos, gelo seco e outros mais.

A criança mais jovem que já voou só através do Atlântico — o filho de dois meses de um casal de dançarinos britânicos — foi passageira recentemente de um "clipper" da Pan American World Airways de Londres para Nova York, em trânsito para visitar sua avó em Nova Orleans, Louisiana.

Ray Plummer, chefe do Departamento de Objetos Perdidos da Pan American World Airways em Miami calcula já ter descoberto mais de 50.000 objetos esquecidos nos "clippers" da companhia, numa média de 7.000 anualmente. Entre os achados encontravam-se sobretudo, chapéus, capas, óculos, bolsas, etc., e até uma lápide de sepultura.

O senador Owen Brewster, dos Estados Unidos, apresentou um projeto de lei ao Congresso que manda que aquele país, em virtude de sua qualidade de membro da Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO), assuma certas obrigações no mesmo inscritas, provendo transferência, estabelecimento, operação, administração e manutenção de aeroporto e propriedade de linhas aéreas localizadas fora dos Estados Unidos continental e o treinamento de nacionais estrangeiros em atividades de aviação.

O relatório anual da Pan American Airways para 1947 apresenta uma renda líquida de 2.960.000 dólares. Entretanto, a Transcontinental & Western, a Northwest, a American, a Braniff e a Chicago & Southern sofreram um prejuízo total de 14 milhões de dólares.

As hélices para o novo cruzador estratosférico da Boeing medem 16,5 pés de diâmetro, cerca de 5 metros, e são as maiores até agora fabricadas pela Mamilton Standard. Constam de quatro pás de aço ôco, têm sincronização automática, rápida rotação, reversão de três segundos e descongelador elétrico interno.

A Árvore da Fraternidade, símbolo de irmandade e boa vontade Pan-americana, celebrou seu 20.º aniversário no dia 14 de abril. Como nos anteriores, a Pan American World Airways transportou gratuitamente até Havana, Cuba, os recipientes com águas históricas das 21 repúblicas do Hemisfério para regar a árvore em ato solene no dia das Américas.

O sub-comitê de fórmulas administrativas da Associação Internacional do Transporte Aéreo (IATA) recomendou, em sua recente reunião em Londres, a adoção de um cartão de viagem internacional e um documento de carga padronizado de aceitação internacional. As propostas serão submetidas à próxima conferência da divisão de facilidades da ICAO (Organização Internacional de Aviação Civil), que se reunirá em Genebra a partir de 17 de maio. O cartão de viagem deverá substituir o passaporte, a visa e outros documentos exigidos por alguns países para todos os viajantes não imigrantes. O documento de carga, uma fórmula simples, tomará o lugar de numerosos documentos atualmente exigidos.





### PERDA IRREPARÁVEL

○ OSCAR LORENZO FERNANDEZ morreu! Suas delicadas mãos paralisaram-se para sempre deixando abandonada a batuta. Não mais seus dedos ágeis e inquietos arrancaram das teclas de marfim sinfonias e batuques. Agora, tudo é silêncio. Somente a saudade, eterna companheira dos que ficam, viverá na lembrança de quantos compartilharam de seus triunfos. Oscar Lorenzo Fernandez partiu para as regiões ignotas, numa dessas manhãs em que a própria natureza derrama o pranto da saudade. Nada mais restou daquele coração boníssimo, sempre disposto a esquecer ingratidões, de que toda uma enorme bagagem musical. "Reizado do pastoreio", "Batuque", "Essa negra fulô", são páginas que marcam a passagem do ilustre morto pela terra. Reflexo vivo de uma inteligência a serviço da cultura: de quantos vivem em nossa terra, a obra de Oscar Lorenzo Fernandez atravessou fronteiras, numa mensagem espiritual aos povos civilizados de outros continentes. Hoje, quando sua morte repercutiu aos quatro cantos do Brasil, uma névoa triste encobre a batuta de todos os regentes. É que Lorenzo Fernandez, independente do grande músico que foi, era o amigo de todos que lhe batiam à porta. Jamais sua mão se negou a guiar os que dela careciam, abrindo para muitos as portas do triunfo consagrador. O próprio rádio teve a colaboração preciosa de Lorenzo Fernandez, não só através de inesquecíveis páginas musicais, como por intermédio de seguros e eficazes ensinamentos que contribuíram, em grande parte, para o aprimoramento da cultura de nosso povo.

A. MIGUEIS.

### MEU GRANDE AMOR

Fox-canção de Edgard Cardoso e Lon Grande sucesso do cantor romântico Gilberto Milfon

Deus onde estará meu grande amor?  
que eu vivo a procurar em vão!...  
Para suavizar a minha dor e aí serei feliz então...  
Nunca amei e tenho medo de amar nem pensei que um dia fosse assim penar.  
Deus onde estará meu grande amor?  
que eu vivo a procurar em vão...

Mas agora eu comecei a viver.  
Pra esquecer minha dor arranjei outro amor que me ama de verdade.  
Hoje eu tenho alegria, amor em demasia, sou feliz e não sinto saudade.

★

### IT WAS WRITTEN IN THE STARS

It was written in the stars  
What was written in the stars shall be  
It was written in the skies  
That the heart and not the eyes shall [see  
And so, whether it brings Joy,  
Whether it brings woe it shall be [done!  
Now suddenly I know  
You are the one side you stand  
Here with my tomorrows in your hand  
It was written high above  
That I have your love  
Oh I'll never be free  
And cloudy though the day be  
Crazy though I may be  
What the stars foretold shall be.

levavam não poderia se comparar com a de quem vivia, como ele, numa cabana coberta de colmo. Quando fazia os passeios da tarde, corria os olhos pelos telhados arruinados das cabanas errantes do campo, as chaminés soltando fumaça na quietude do ar, as estrelas da tarde brilhando, lá das nuvens, depois de um esplêndido pôr-de-sol, e embaixo os contornos de formas humanas voltando variosamente dos campos. Em 1859, dois anos depois de As Respiadoras, mergulhou nas recordações dessas experiências pintou O Angelus. Eis aqui a descrição do quadro pela pena hábil de Paul Gsell. "No meio dos campos, um jovem camponês e sua esposa finalizaram o trabalho árduo. Alguns sacos de batatas estão amontoados num carrinho de mão. O nevoeiro do crepúsculo desce sobre o campo. Longe, no horizonte, está uma aldeia. O campanário da igreja e alguns telhados de cabres são visíveis através da obscuridade. E repente, a música longínqua do Angelus vem flutuando no ar tranquilo. Silenciosos e imóveis os dois ocupantes da na estão tomados de recolhimento religioso. O homem, descobrindo a cabeça, sajeitadamente, o chapéu nas mãos envereadas, calejadas pelo trabalho, a mulher junta as reverentemente, e ambos baixam as cabeças. Como é pobre e rude a aparência dos dois! Ao olhá-los julga-se serem amos da continuação da terra que se agarra aos seus tamancos de madeira! Contudo, no silêncio do crepúsculo, obscuramente reortadas contra o fugaz esplendor do pôr-do-sol, suas formas dominam a cena. O mundo da natureza se funde nas profundezas das sombras da noite e cessa de esmagá-los com sua imensidade. Não são mais duas pobres pessoas solitárias, mas duas almas cujas preces enchem o infinito".

Esse quadro, não muito depois da morte de Millet, foi vendido por um quarto de milhão de dólares. Mas em 1859, quando o artista o completou, atingira o próprio ímago da pobreza. "Temos alimento suficiente apenas para dois ou três dias, — escreveu ele, — e não sabemos como iremos arranjar mais algum, porque já não nos deixarão obtê-lo sem dinheiro...". A idéia de suicídio o perseguia. Mas ele a afugentava; em lugar disso esboçou um lenço de um artista estendido aos pés de seu cavalete e de uma mulher gritando com terror. "O suicídio é sinal de desonra!".

Esse foi um dos poucos períodos revoltados de sua vida. Quando se viu impossibilitado de conseguir passagem para visitar sua mãe moribunda, levantara as mãos, desesperado. "Estou preso a uma rocha e condenado ao trabalho sem fim!". E agora que a pobreza mais uma vez o esmagava sem piedade, saiu, por uma única vez, de sua habitual objetividade e pintou a amargura de seu desespero em O Homem da Enxada.

Previu claramente a sensação que este quadro iria causar. "O Homem da Enxada", escreveu a um amigo, "vai me deixar em apuros com algumas pessoas que não gostam de ser chamadas a contemplar um mundo diferente daqueles que costumam ver, que odeiam ser incomodadas em sua serenidade". Raramente terá um quadro provocado maior tempestade de injúrias, por um lado, ou a mais fanática ex-



### PARA MENINOS E MENINAS

Venda a varejo por preço de atacado  
Grande sortimento de roupas para crianças de 2 a 16 anos a preços realmente da fábrica. Peçam catálogos.

Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL

FÁBRICA - RUA HADDOCK LOBO, 54  
(Estácio de Sá) - RIO DE JANEIRO - BRASIL

### "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para  
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --  
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00



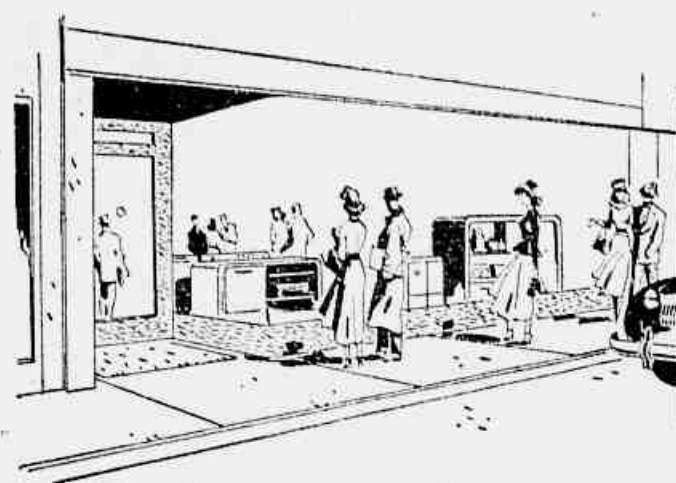
Um fino perfume, de suavíssima fragrância e persistente efeito.

LOÇÃO • EXTRATO • BRILHANTINA • PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

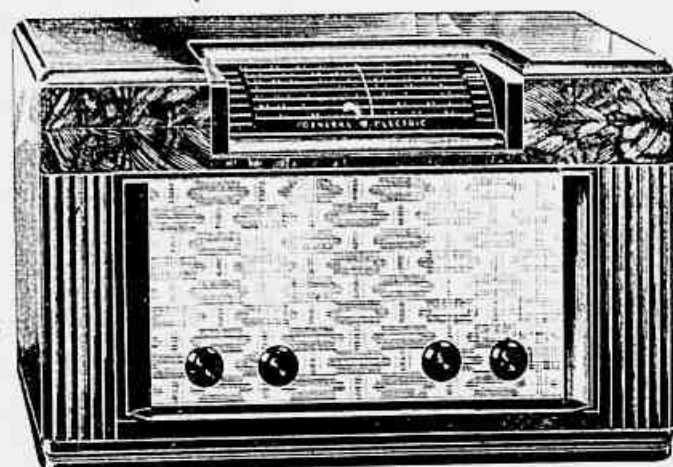
PARIS • RIO





**escolha  
um receptor**

*de qualidade garantida...*



O Radio G-E, modelo C-309  
oferece-lhe também me-  
lhor recepção local e mais  
potência em ondas curtas!

Procure ver e ouvir este radio no-  
tável, equipado com 9 válvulas, alto  
falante de 8 polegadas, controle  
de som de 5 tonalidades diferentes,  
indicador visual de sintonia, toma-  
da para fonógrafo e mostrador in-  
clinado VISUALUX. Com 7 faixas

de onda que possibilitam recepção  
exclusiva em 31, 25, 19, 16 e 13  
metros o C-309 possui também o  
incomparável TOM NATURAL  
G-E... característica única e  
exclusiva dos receptores General  
Electric. Venha vê-lo hoje mesmo!



OUÇA: FESTIVAIS G. E., todas as 4as. feiras às 20:30 hs.  
na Radio Nacional e Repto aos Enciclopédicos, todas  
as 3as. feiras às 20:30 hs. na Radio Cultura de S. Paulo.

**GENERAL ELECTRIC**

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE

8297

## O ALBUM DE FAMÍLIA DO FUTEBOL!

O público esportivo está sempre interessado em conhecer os detalhes íntimos da vida dos seus jogadores favoritos, e justamente para atender a curiosidade da torcida, é que o ESPORTE ILUSTRADO iniciará no número de hoje, uma série de reportagens sob o título "Album de Família", na qual será apresentada em cada número a história de um jogador em seus mínimos detalhes, ilustrada com fotografias da carreira do "crack" envergando a camisa dos diversos times que defendeu desde o tempo de juvenil. O primeiro biografado da série "Album de Família" será Osvaldo, goleiro do Botafogo. Charles Guimarães, autor desta interessante série, vai revelar coisas inéditas da vida do "keeper" alvi-negro.

Outras atrações do número de hoje da única revista semanal de todos os esportes do Brasil: "Futebol Cômico!", por Pablo Martinez; "Algodão ia ser barrado!", reportagem na qual Saldanha Marinho conta o "golpe" que estava preparado para que o destacado "cestinha" não formasse na seleção olímpica, terceira do mundo! "Luvas no basquete", é o tema principal de "Ataque bola...", no qual é revelado um indiscreto diálogo; "A influência dos técnicos estrangeiros no remo", comentário de Benjamin Wright; "Icarai bi-campeão do início feminino de vôlei em Niterói", reportagem de Sylvio Cintra Filho; "São Paulo, o melhor, Nacional, o pior!"; "O balanço do primeiro turno do campeonato paulista", por Olympicus; "O ciclismo às vezes é assim!"; "O 2.º campeonato carioca de motociclismo", reportagens de Ivan Antunes, com dezenas de fotografias de Josué Marinho; A competição aquática interestadual, com flagrantes fotográficos da disputa entre o Guanabara e o Minas Tênis Clube; "O Rádio-Esportivo", com duas sensacionais revelações de Marconi Hertz; "Auspiciosa a volta dos boxeurs profissionais", reportagem de R. A. A. Coutinho, com fotos de José Santos; "Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil", com uma sensacional revelação; "De binóculo em punho", um comentário de Galhardo Guayanaz sobre as corridas de sábado e domingo na Gávea; "Crosses e Gravatas", com o "Gong", contando coisas indiscretas do "catch" e do box. Na capa a cores: Araty, do Madureira, e Jayme, do Flamengo.

### AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

plosões de louvores, por outro, do que o retrato desse perseguido e desesperado trabalhador dos campos que por um momento faz uma pausa, para descansar sobre sua enxada. "Curvado sobre o peso dos séculos, — escreveu Edwin Markam, no poema inspirado nesse quadro, — com o vácuo das éras em seu rosto. O espírito do homem tem sido aniquilado pelas gerações de trabalhos pesados a ele impostos e a toda sua classe. Tem um olhar vago e sem sentido. Toda a personalidade apagou-se de seu rosto. Foi arrastado para o nível dos animais. "Certos animais selvagens — disse La Bruyère, falando de tais homens. — vêm-se espalhados pelo país, machos e fêmeas, escuros lívidos, queimados pelo sol ligados à terra, a qual remexem e esquadrinham com invencível obstinação; entretanto, têm uma espécie de fala articulada e quando ficam de pé mostram uma aparência humana, e na verdade são homens".

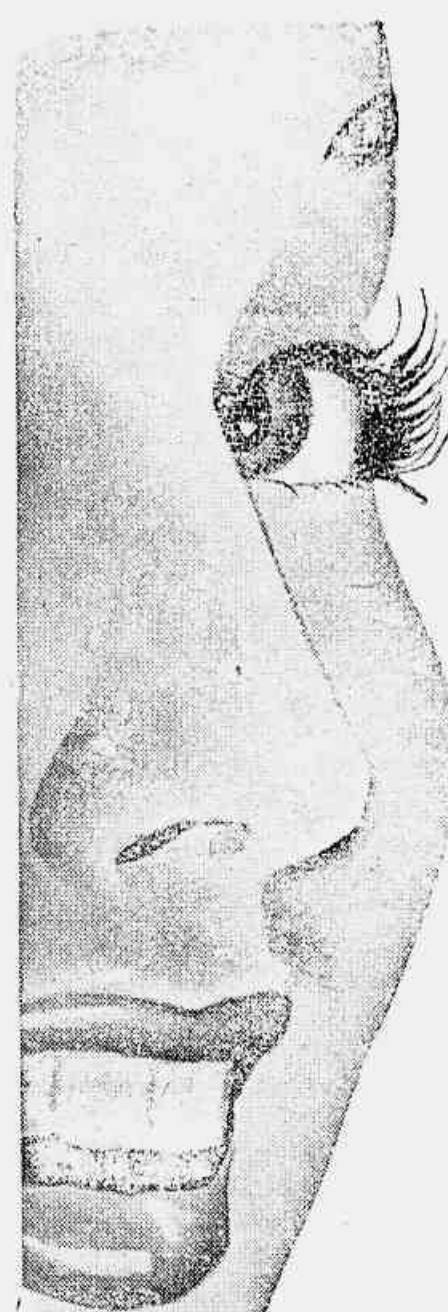
Os críticos arrepiaram-se com o doloroso realismo do trabalho. Ninguém jamais ousara tirar este camarada de sua obscuridade — este camponês com sua enxada, de costas curvas, crânio alongado, como uma pera, pelo longo e incessante trabalho. Olhar vítreo e vazio de qualquer pensamento — mudo, estúpido animal de relha do arado. "Millet deve ter procurado muito antes de encontrar tal tipo", escreveu um dos críticos com desdém. "Tais tipos não são comumente encontrados, nem mesmo em asilos de doidos. Imagine um monstro com um esgar imbecil na face, planado todo torto, como um espantalho, no meio do campo. Nenhum brilho de inteligência dá um toque humano a essa massa muelta, que descansa deste modo. E' trabalho ou é homicídio o que esteve fazendo? Está revolvendo a terra ou cavando uma sepultura?"

Viram propaganda socialista no quadro. O Homem da Enxada era o tipo das grandes massas de trabalhadores agrícolas que haviam trabalhado nos campos da França, durante dez séculos, sem uma queixa. E agora um artista se levantara para dar-lhes uma voz?

Sim e não. Por uma vez Millet havia pôsto um sermão em seu quadro. O Homem da Enxada é um servo paciente que faz o trabalho de Deus em sua catedral de terra e céu. "Seria o trabalho desses homens a espécie de labor fútil em que algumas pessoas nos querem fazer acreditar?", desafiava ele. "Para mim de toda maneira ele exprime a verdadeira dignidade, a real poesia da raça humana". Sim, poesia, mas poesia trágica. O cultivo de campos, a pintura de quadros, a composição de hinos — estes trabalhos nobres têm de ser feitos. Mas por que tristeza tão amarga nessa ação?

v

Mas o sofrimento não permaneceu com Millet para sempre. Afinal pôde vencer a pobreza. O Semeador, As Respigadoras e O Angelus converteram um grupo pequeno mas influente de pessoas à religião de sua arte. Estas pessoas não ficavam confundidas nem assustadas com o seu realismo. Um irmão na arte, Theodore Rousseau, foi um dos primeiros a reconhecer o gênio deste pintor da melancolia paciente do mundo. Quando Millet estava em dificuldades, Rousseau comprara um de seus qua-



**"Super-it"  
PARA O  
SEU OLHAR**



com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às pálpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE  
rende mais e custa relativamente, muito menos



**CILION**  
embeleza e protege os olhos

**CABELOS BRANCOS?  
LOCÃO  
Brilhante**



**O MELHOR CONSELHEIRO LHE DIRÁ:**

*"Não ha beleza Sem Saude"*

As irritações da pele proveem de um mau funcionamento interno. Para conservar sempre viçosa a sua cutis, livre de quaesquer defeitos, use diariamente os

**GRÃOS DE SAUDE DO DR. FRANCK**  
LAXATIVO E DEPURATIVO

A venda em todas as farmácias e drogarias

**Laboratorio Primá**  
Caixa Postal 1344 - Rio

## A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, atinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observamos como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alface & Freitas S. A.

## JOALHERIA ATLAS

Preços especiais de 1.º aniversário. Oferecemos um mundo de relógios suíços, folheados e cromados, artigo finíssimo para senhoras e homens elegantes. Relógios folheados, cromados, de bolso e de pulso, legítimos suíços, de 15 rubis, a 475, 395, 350, 330, 295 e 290 cruzeiros.

**DESPERTADORES SUÍÇOS A**  
CRS 70,00

Vendas pelo Reembolso Postal com mais Cr\$ 10,00 para a remessa



Rua da Caricca, 43 - Rio

dros, por algumas centenas de francos, e para evitar embaracá-lo, fingira que um americano rico havia sido o comprador. Outro amigo levantara, por meio de uma rifa, uma soma de dinheiro suficiente para que pagasse o aluguel e as contas do apartamento. Alexandre Dumas escreveu brilhantes artigos sobre seu trabalho, e finalmente um abastado colecionador concordou em adiantar-lhe mil francos por mês, em troca de toda a produção de Millet, num período de três anos. Durante esse tempo produziu uma série de quadros tratando das cenas quotidianas da vida doméstica. Num desses quadros uma merinazinha está aprendendo a dar os primeiros passos. Sua mãe empurra-a docemente em direção ao pai, que está um pouco mais adiante. Ele joga a pá e encosta os braços para receber a criança. Outro de seus quadros uma camponesa segura seus filhos nos joelhos e sopra a colher de sopa, quente de mais para a criança engolir. Sua mão segura a criança e impole-a docemente em direção à colher. Num terceiro quadro a mãe segura o bebê doente junto ao seio. Brinquedos abandonados estão espalhados ao redor. O pai levanta-se desajeitadamente, um olhar de ansiedade no rosto, com medo de aproximar-se da cama, porque se sente muito desastrado para se incumbir de uma coisa tão frágil, como é uma criança doente.

O próprio Millet era o mais terno dos pais. Seu amigo Rousseau observou: "Millet trabalha arduamente para aqueles que lhe pertencem. Ele se esgota como uma árvore que produz flores e frutos de mais. Ele dá-se para que os filhos vivam bem". Uma ocasião, Rousseau mandou aos filhos de Millet uma bola, brinquedos e doces. O pai feliz descreveu o "delirante entusiasmo" com que os seus "sapinhos" haviam aberto o presente. "Imagine seres que carecem do poder de se expressar em suas línguas e cuja mais veemente e espontânea excitação pôde unicamente provocar berros e sapateios, e terá apenas uma idéia fraca de como foi".

Durante o dia, todas as vezes em que o barulho das crianças, brincando, chegava aos ouvidos do pai, enquanto ele trabalhava em seu atelier, precipitava-se sobre elas, beijava-as, e contava histórias. Trabalhava com a porta sempre aberta. Entretanto, todas as crianças, mesmo as menores, baixavam as vozes e andavam pé ante pé, quando acontecia passarem por ela.

— Psiu! papai está trabalhando — preveniam a qualquer visitante que se desviasse de mostrar o mesmo respeito.

De noite se sentariam todos ao redor da mesa do jantar, com os cabelos desarranjados e os rostos alegres. Millet, como um patriarca de alguma antiga saga, entoava canções de sua infância na fazenda, em Gruchy. Usava uma nobre barba. "Sua vasta cabeleira caía-lhe sobre os ombros, como uma juba, e sua ampla testa revelava o vigor de seu pensamento", escreve Paul Gsell. Um artista contemporâneo chamou-o "um Júpiter de botas cheias de pregos".

O completo reconhecimento chegou a este pintor patriarca em 1867, quando tinha cinquenta e três anos. Ganhou medalha de ouro da Academia de Artes. Um ano mais tarde recebia a mais doce dádiva das mãos do Destino — o golpe mais cruel. Foi-



**NÃO! mandei pintar com**

**OPEX**



Se quer que o seu automóvel fique brilhando como no dia em que saiu da fábrica, mande repinta-lo com OPEX — a lacca de secagem rápida. OPEX dá um acabamento perfeito e protege seu carro contra o tempo. Visite uma boa oficina de pintura para maiores detalhes — e faça a sua seleção entre as 41 cores modernas que OPEX lhe oferece.



Para os que preferem repintar o seu carro com esmalte sintético a Sherwin Williams recomenda — KEM-TRANSPORT.

TINTAS E VERNIZES

**SHERWIN WILLIAMS**



São Paulo - Rua Barão de Itapetininga, 124 - Revendedores em todo o País



lhe concedida a condecoração da Legião de Honra e perdeu seu amigo mais querido, Rousseau. Abatido por uma paralisia, este "mais que irmão" morreu em seus braços.

Por seis anos, ainda criou a beleza e depois foi também para o descanso eterno. E foi um repouso bem merecido. Sua alma havia sido levada ao desespero pelos acontecimentos tumultuosos de seus últimos sete anos. Luis Napoleão e Bismarck provocaram entre si uma guerra desnecessária. Os franceses foram batidos decisivamente. Paris estava reduzida à miséria na capitulação. Os operários haviam-se levantado em revolta e haviam sido massacrados pelos militares. Estes acontecimentos acabrunharam Millet, que fôra criado para acreditar na Bíblia como verdade literal. "Ó espada de Satã", exclamava. "Jamais serás embainhada?".

Foi um pôr-de-sol vermelho que precedeu o anoitecer de sua vida. Crueldade, sofrimento, morte. Poucos dias antes do fim, na época do Natal, um veadinho perseguido por cães de caça refugiou-se em seu jardim, onde morreu em consequência dos sofrimentos.

— Pobre animal silencioso! — disse Millet. — Sua morte é na verdade um sim-

bolo. Diz-se que o meu fim também está próximo.

O fim de Millet chegou num dia de pleno inverno, em 1875.

## VI

Durante o período de sua pobreza, Millet tinha de si mesmo a impressão, como afirmou, de um homem "que canta a verdade, mas com voz fraca... e que dificilmente é ouvido". Mas a voz tornou-se forte, e um dia passou a ser o mais poderoso grito do solo — a terra elementar primordial, da qual tudo se origina, à qual tudo retorna. O solo — o Eterno Criador, o Eterno Destruidor. Como Miguel Ângelo disse uma vez, "Todos nós somos apenas montões de argila trazidos lentamente à vida". E Millet poderia acrescentar — reduzidos lentamente à morte.

A arte de Millet é a verdadeira arte da magnificência simples. Descreve uma luta solene, épica — o conflito do homem com a terra de que se originou. Sua hipotética diante de sua crueldade, sua adoração em presença de seus mistérios. Há humor sardônico em tudo isso, o espetáculo do Homem lutando com seu destino. Há ironia nos lábios dos deuses, porque o poeta e o pintor foram dotados de olhos

para contemplar o Homem em sua luta compassiva e de mãos para transformar essa luta em beleza. Uma dádiva amarga, essa dar de arte, que cresce das sementes do sofrimento. Assim mesmo, porém, uma dádiva sublime. Pois, enquanto o artista transforma a tristeza em beleza, converte a beleza em esperança. E, para parafrasear um velho aforismo, enquanto há esperança, há vida.

E' uma justiça tanto profética quanto poética Millet ter sido chamado "o Dante dos Simples, o Miguel Ângelo dos Rústicos".

(Do livro "Vidas de Grandes Pintores.")

## A VOLTA DE PROCÓPIO

(Continuação da pág. 17)

utilizando o máximo de seus recursos cômicos. Dois instantes merecem destaque nestes dois primeiros atos. O primeiro deles: o seu diálogo com o Professor Santana, alma útil que não aparece nunca, mas que conversa de sua janela com dois dos personagens visíveis da peça, é um instante único em todo o espetáculo.

# CABELLOS BRANCOS

## CASPA Quêda dos Cabellos

### JUVENTUDE ALEXANDRE

O segundo: o sublinhado, o cheio de intenções e de confusões, o maravilhoso diálogo com Maria, a alma perdida, a esposa que engana e se sente ofendida. Mas no terceiro ato estão reservadas para nós todas várias surpresas, e entre elas, a maior de todas e a mais agradável também: Procópio vive dois instantes dramáticos com a mesma segurança e a mesma habilidade, com que conseguira manter a graça e a malícia dos dois primeiros atos. A sua conversa junto à cadeira de Maria, quando diz à esposa que a sentia afastar-se dele cada vez mais, é um primor de interpretação. Ai, sem quase nenhuma intlexão, apenas mantendo uma música sombria e triste nas palavras que vai dizendo, Procópio consegue um momento puro de emoção.

Depois a sua quase prece ao fantasma cria também outro momento de emoção. O público habituado a rir com Procópio, o público que havia por sinal rido muito com este mesmo Procópio nos dois atos iniciais, acaba respeitando-o nestes dois instantes dramáticos e esta é uma batalha, em que o cômico Procópio perde para o ator Procópio. Talvez não valesse a pena dizer mais nada sobre O GRANDE FANTASMA, mas seria injusto não mencionar os nomes de Rodolfo Arena, Renato Restier, Tereza Lane, Salu de Carvalho e outros. Verdade que os dois galãs não nos pareceram muito ajustados nos seus papéis, mas souberam se defender. Quanto à senhorinha Tereza Lane, que estréia no profissionalismo, achamo-la ainda pouco preparada para contracenar com um ator como Procópio. Esses reparos são de tão pouca importância que talvez nem valessem a menção e, não valem mesmo muito em relação ao espetáculo todo, que é, sem dúvida, da melhor qualidade, equiparando-se aos melhores espetáculos da temporada de 48.

Senhoras!  
Se a  
Natureza Falha  
**MENAGOL**  
REGULA!

## Bolo Royal da Semana

Ninguém mais que as crianças adoram bolos. Dê-lhes completa satisfação fazendo bolos esta semana e sempre, sem esperar somente as grandes datas. E como são deliciosos, fôfos e belos os bolos feitos com Fermento Royal!

## GRÁTIS!

Obtenha o Cartão  
Royal e ganhe o "Livro  
de Receitas Royal"

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

### BÔLO DE ABACAXÍ

- 3 ovos
- 1 ½ chics. açúcar
- ¼ chic. água
- 1 ½ chics. farinha de trigo
- ½ colh. (chá) Royal
- 1 colh. (chá) baunilha
- Fatias de abacaxi

● Bata as claras em neve e junte-lhes as gemas. Acrescente o açúcar aos poucos e depois a água e os ingredientes secos peneirados juntos. Junte a essência e bata bem. Forra de alumínio ou vidro, forrada com açúcar mascavo e salpicada com partículas de manteiga. Coloque algumas fatias de abacaxi no fundo da fôrma antes de deitar-lhe a massa. Forno regular durante 50 minutos. Inverta o bôlo ao retirá-lo da fôrma e enfeite com nozes e cerejas. Sirva com creme Chantilly.

O SEGRÊDO DA "BOA MÃO"

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. — Rio







O grande restaurador dos organismos  
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,  
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS.  
Regenerador do sangue.

**HEMOGLOBINA**  
GRANADO

Preparado com  
hemoglobina pura retirada do  
SANGUE DE BOVINOS.

### Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade  
de Sexologia de Paris  
**DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM**  
R. Rosário, 98 — Rio de Janeiro

## FESTIVAMENTE COMEMORADO O "DIA DA PÁTRIA"

(Continuação da pág. 10)

### O DESFILE

Pouco depois, eram já passadas as nove horas, teve início o monumental desfile. Antes houve uma breve cerimônia, quando o senhor presidente da República fez a entrega de prêmios aos escolares que mais se distinguiram num trabalho referente ao Duque de Caxias, patrono do Exército Nacional. O deputado Euvaldo Lodi fez a apresentação dos estudantes, sendo os prêmios entregues pessoalmente pelo Primeiro Magistrado da Nação. Com o general Zenóbio da Costa à frente das tropas iniciou-se a Parada. Vinha em seguida o seu Estado Maior, chefiado pelo coronel Nelson de Melo e após desfraldadas ao vento, as bandeiras históricas do Brasil. Por ordem de passagem diante do palanque presidencial desfilaram as seguintes unidades do exército: Agrupamento de Forças Navais, composto de um Regimento de Marinheiros e do Corpo de

## Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2455 — 846 Paulo

Fuzileiros Navais, sob o comando do Sr. Contra-Almirante Humberto de Azevedo. A marcha do resto das tropas obedeceu à seguinte ordem: Núcleo da Divisão Blindada, sob o comando do Sr. General Estevão de Souza Lima e composto do Grupo de Reconhecimento Mecanizado, do 2.º Batalhão de Infantaria Blindado, do 1.º, do 2.º e do 3.º Batalhão de Carros de Combate; Agrupamento de Tropas Regionais, sob o comando do Sr. General Alcides Gonçalves Etchegoyen e integrado das seguintes unidades: 1.º Companhia de Polícia do Exército, Núcleo de Formação e Treinamento de Paraquedistas, Batalhão de Guardas: I/1.º Regimento de Artilharia Anti-Aérea, 8.º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado; Agrupamento de Unidades-Escola, sob o comando do Sr. Cel. Alcino Nunes Pereira e composto da seguinte tropa: Escola de Sargentos das Armas, Regimento-Escola de Infantaria.

Regimento-Escola de Cavalaria (Regimento Andrade Neves) — Esquadrões Moto-mecanizados. Regimento-Escola de Artilharia, Companhia Escola de Transmissões. Companhia Escola de Saúde, Companhia Escola de Intendência; Companhia Escola de Manutenção; 1.º Divisão de Infantaria, sob o comando do Sr. General Odílio Denis, com a seguinte organização de tropa: de Infantaria, sob o comando do Sr. General Paulo Figueiredo; 1.º Regimento de Infantaria (Regimento Sampaio), 2.º Regimento de Infantaria, 3.º Regimento de Infantaria; de Artilharia, sob o comando do Sr. General Otávio Saldanha Mazza; 1.º Regimento de Obuses-105 (Regimento Floriano), III/1.º Regimento de Obuses-105, 1.º Grupo de Obuses, 1.º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado 1.º Batalhão de Engenharia (Batalhão Vilagran Cabrita). 1.ª Companhia de Transmissões, 1.ª Companhia de Intendên-

cia. 1.ª Companhia Leve de Manutenção; Agrupamento de Cavalaria, sob o comando do Sr. General Edgard do Amaral, composto das seguintes unidades: 1.º Regimento de Cavalaria de Guardas (Dragões da Independência), Regimento Escola de Cavalaria (Regimento de Cavalaria da Polícia Militar do Distrito Federal).

Como vem fazendo há alguns anos, a Força Aérea Brasileira participou com seus aparelhos das comemorações festivas. Com aviões revoaram a cidade, passando em formações perfeitas por sobre as tropas que desfilavam em baixo. Terminada a cerimônia, os presidentes e demais pessoas se retiraram da tribuna oficial debaixo das aclamações populares. Estava encerrada uma das mais belas demonstrações de força guerreira do exército nacional. A data da nossa independência foi dignamente lembrada pelo povo e governo.



## "Fóra do palco eu vivia um drama real"...



— Não diga isso, Lúcia. Não há razão para invejar meu sucesso no palco. Eu vivo um drama. E confesso que invejo você e sua beleza natural. Fóra do palco não tenho admiradores... Minha vida é artificial...



— Ah!... Agora percebo. Sua beleza também é artificial... por causa do maquiagem excessivo para encobrir as imperfeições da pele. Procure corrigi-las. Eu uso Leite de Colonia. Por que não o experimenta? É ótimo.



(Há mulheres que, no tratamento da pele, procuram complicados métodos. Assim fazia a grande artista. Mas, em tempo, ela adotou o Leite de Colonia. Agora, vive seu romance com sua beleza jovem e real.)



## Não artificialize sua beleza! CORRIJA imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É um perigo! O exagerado maquiagem para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza. Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, sua beleza se tornará jovem e real. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

**Leite de Colonia**

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 262



# Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO  
PARA HIGIENE E  
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

## POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, é preciso remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2, para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

## A RONDA DO TEMPO

(Continuação da pág. 19)

tão, belas e tão distantes! por que haviam de crescer tão fora de seu alcance?...

Mila fechou uma mão sobre a outra; suavemente apertava o corpo de sua boneca francesa; estava ligada ao tempo da pneumonia; entre os horrores das compressas de mostarda e da sonolência produzida pela febre, via a mãe ao lado da cama fazendo a boneca. Primeiro surgiu o corpo... depois apareceram os braços, as pernas longas... finalmente aquela figurinha de rosto pintado e vestido macio de veludo preto, tendo à cabeça uma boina basca, de onde escapavam os cachos dourados feitos com a cabeleira do mano Zé...

Daquela período terrível tudo tinha perdido a essência: só restava a lembrança do pio triste do tico-tico na palmeira do jardim, cantando pela tarde a fora "puxei a casa do titio"... e a boneca ainda palpável entre seus dedos... Acariciou-a como fizera tantas vezes em sua infância, depois, num repente, tentou arrastá-la fora mas, não teve coragem. Então, com gestos rápidos escondeu-a na sua bagagem toda feita de ilusões.

Afastou para longe tais devaneios, e pôs-se a caminho procurando acertar seu passo com o do tempo.

Começa aí sua longa jornada pela vida a dentro. Nas primeiras etapas percorridas, sempre havia um e outro viajante procurando caminhar a seu lado, mas aquele ar distante tinha o poder de arrefecer os entusiasmos, e, ela seguia só. Até que um dia, numa curva da estrada, encontrou alguém que ia cantando despreocupado e feliz. Seguiram juntos; pouco a pouco sentiu-se constrangida por aquela jovialidade; as coisas começaram a ter um novo colorido e, de repente, sentiu — que o amava com loucura. Para o viajante aquela paixão sincera e simples tinha seus encantos; possuía o sabor do fruto tenro e ainda verdolengo. Tal novidade era um incentivo, não suficiente, porém, para alimentar um espírito aventureiro. Passado o primeiro encanto, só ficou um certo desapontamento, e, bem lá no fundo... um dedinho de tédio!... Ora bolas!... histórias da carochinha... não sou homem mais para isso... Era preciso terminar com aquilo e a melhor maneira era seguir por outro caminho. Acanhando-lhe com a mão, tomou um atalho e seguiu cantando despreocupado e feliz.

Mila sentou-se à beira da estrada e chorou! Que fazer? Havia um desajustamento completo entre o verdadeiro mundo e o seu. As teorias eram inadequadas à época, e, a vida tinha um sentido oculto que não percebera inteiramente. De repente se vira completamente desamparada num ambiente estranho, para o qual não fora preparada.

Ideal?... era para os idiotas... Amor?... "meu coração é um quarto de pensão"... Princípios?... meu prazer é a lei!... Caráter?... a fantasia dos cabotinos...

Sendo assim, tudo o que mais prezava e pelo que tanto ansiava não deixava de ser uma farsa!... E, num gesto de fúria atirou fora toda a sua bagagem: livros, conceitos, teorias, tudo... até a sua boneca francesa...

Alguém, que por acaso passava, surpreendendo seus gestos, compreendeu sua mágoa. Procurou aproximar-se dela e, com um jeito todo especial, tentou orientá-la. Era difícil, entretanto, mostrar-lhe a vida em seu verdadeiro ângulo, fugindo aos excessos, há pouco vislumbrados, e à sua antiga concepção romanesca. Dessa convivência surgiu, entre ambos, uma terna intimidade. Ele, porém, não podia deixar-se prender por aquela suave magia: ao contrário, era preciso partir, pois já o deviam estar esperando mais abaixo, na curva do caminho!... Mais uma vez Mila caminhou só, porém, já não havia mais lágrimas em seus olhos; aprendera o valor relativo da vida.

Algum tempo depois, outra sombra se projetou na

estrada, ao lado da sua. Longo foi o trajeto percorrido, e, quando, por fim, chegaram à encruzilhada, não houve nem protestos nem riso. Separaram-se apenas, que restava de todo aquele convívio? Um punhado de sonhos? nem isso, talvez!...

★

Deixarei minha heroína só, no meio da estrada. O tempo continuará sua ronda, e ela continuará pelo seu caminho a fora! Não me é dado o consolo de enquadramento à moda de Alencar, num futuro feliz! Seus nomes são iguais, mas suas histórias diferentes. Si ao menos ela pudesse considerá-la um mito, seria fácil determinar o desfecho. Mas, para mim, Emilia é uma realidade, quem sabe até, uma dura realidade!...

Ah! si eu fosse o destino!...

## Saudades de São João

(Continuação da pág. 32)

Nilza pinica um docinho — não, obrigada, d. Emília, não bebo, se beber, vomito — e vóia para a casa, colando-se de novo com Ernesto Barbeiro, sem falar às más línguas.

Ao "sereno", as titias e as mamães, acham que as respectivas sobrinhas e filhas são os jasmims da festa.

— Olha só p'ra a Candoca, d. Crispina! Jéijosa que é um dengo!

E tesouram o "saimento" das que dançam apertadas, das que, dançando, conversam, das que dançam afarrasadas, das que riem, das que estão sérias, das que bebem e cu não bebem, das que nada fazem.

— Mas repare se não tenho razão, d. Flúza, as moças de Ico deviam ser como a Laurinha: quieta que nem moça lagôa. Aquilo é um anjo, d. Flúza.

A outra solta um muxóxo de quem sabe muito da vida:

— Ora, d. Camila, a senhora é dêsse tempo? Não, que é treita, é sensidade?

Um corisco risca a noite e espadana furioso — Chuá, chuá, — pelos pés das matronas:

— Isso é o peste de d. Marcolina!

— O traste não dá p'ra nada: só vadiando pelo nada.

— Também a mãe não tendo modos de gente, como pode ensinar ao filho?

★

Enquanto lá dentro os pares se desmilinguem e se queijam, enquanto cá fora os grupos falam da vida aliada, os negrinhos da preta Colô estendem os pés para o brazeiro, bolindo os dedos de prazer.

— Balão bolo, Manuca.

— Murfado em dez bôlo, aquilo é estrêla.

— Xente, e não é? Apois não tou ficando bronco?

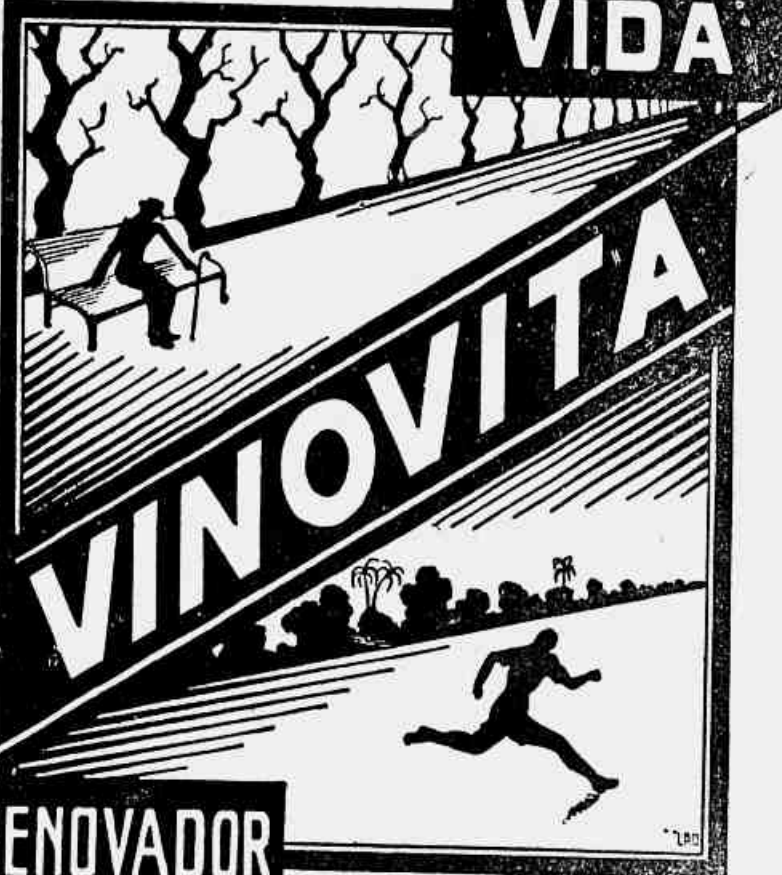
Nica, fungando, está com a cabeça encarafinhada, multi-dividida em canteiros liliputianos. Enquanto vira a batata que assa num espeto, conta os balões que sobem. Súbito, das janelas do seu Macambira, chuva de prata choram miríades de estilhaços argentinos. A cara de Nica branqueja à viva claridade. E ela abre muito os olhos, arreganha muito os dentes, esquece quantos balões já contou, deixa a batata ao léu, murmura cheia de inveja:

— Ai se eu tivesse um daquilo!

No lagoeiro do pasto próximo, tal como a sanfona na sala de d. Engracia, o sapo-boi continua a suplantir os tantans do sapo-ferreiro e os uens-uens angustiados da gita.

Contra o esgotamento  
físico e mental!

VINHO  
DA  
VIDA



RENOVADOR  
DAS  
FORÇAS

Tônico poderoso



TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS • (LEGÍTIMOS), ETC.

TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS • (LEGÍTIMOS), ETC.

### PELO ARRANJO DA CASA AVA- LIA-SE O BOM GÓSTO DOS DONOS

Este canto, que apenas mostra o jeito gracioso de uma janela guarnecida com uma grande cortina de cretone estampado e, sobre a loração de passadeira Bordeaux, as peças de um grupo 100% confortável e amplo, dá uma idéia do bom-senso de equilíbrio do decorador. Para os seus problemas de decoração — chame um bom decorador



## Mobiliários e Decorações

Grande sortimento de passadeiras e tapetes ORIENTAIS (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — Rio



# CURIOSIDADES Continental



O **AMAZONAS** percorre 5.800 quilômetros de sua nascente à foz, sendo o terceiro rio em extensão de todo o mundo e o que carrega em si o maior volume de águas. No Brasil são fumados diariamente 350 quilômetros de cigarros Continental. Para cobrir a extensão percorrida pelo Amazonas bastaria ligar os cigarros Continental fumados em 16 dias apenas em todo o Brasil.

A ENORME preferência que se nota em todo o Brasil pelos cigarros Continental é o mais eloquente atestado de sua superior qualidade. Prefira também CONTINENTAL.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE  
O MELHOR EM SUA CLASSE



LISO E COM  
PONTEIRA

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*